
soma

soma

Serviço Oeirense de Multiatividades

Trabalho Final de Graduação submetido à Coordenação do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção de título de Arquiteto e Urbanista.

Vicente de Paula Mendes Freitas Filho

Orientador: Romeu Duarte

JUNHO/2012

Oeiras

Olhai senhores! Esta que assim de saudades,
parece aos nossos olhos quase morrendo...
tanta lembrança em tudo guardado; vontade
de viver ontem de novo, ou talvez querendo,

a velhos fantasmas amigos, por bondade
longas noites do passado deixar vivendo...
e esconde tanta história, tanta vaidade
nos beirais que ficaram, o tempo esquecendo,

é senhores, minha Oeiras, só saudade!
É minha Oeiras do Passos, da Ponte Grande,
do Rosário e do Morro da Sociedade...

do Pé de Nosso Senhor, do Leme encantado,
da Praça da Matriz, da casa do Visconde,
da Rua do Fogo e do Beco do Sobrado!

Dagoberto Carvalho Jr.
18 de março de 1968

Aos meus queridos pais e irmãos.

AGRADECIMENTOS

É impossível fugir do lugar comum ao agradecer por uma conquista tão importante.

Sonhei, busquei e conquistei, mas, antes, o sonho foi plantado em mim. Obrigado a Deus que semeou. Agradeço por ter tido saúde e forças para chegar até este momento.

Aos meus pais, Vicente e Auxiliadora, que não se contiveram com a distância e buscaram sempre se fazer presente ao longo desta caminhada. A maneira como vocês venceram na vida, seus ensinamentos, carregarei sempre como motivo de orgulho.

Aos meus irmãos, Ednardo, Eduardo, Danilo e Fábio pelo apoio incondicional e incentivo conferido para continuar esta caminhada. Estaremos sempre unidos.

Às companheiras de TFG, Ana Virgínia, Clarissa e Lara, pela cooperação e por dividir as agonias e felicidades desse processo. A caminhada não foi menos difícil, mas com certeza bem mais agradável junto a vocês.

Ao professor Romeu Duarte, com quem pude aumentar meus conhecimentos e se dispôs a me ajudar nesta empreitada.

Aos amigos de faculdade que conquistei ao longo desta jornada. Durante todos os momentos recebi deles a compreensão e a incompreensão, a ajuda e a crítica. As saudades são inevitáveis. Em especial, à Beatriz pela sua prontidão em sempre nos ajudar; ao Felipe, vulgo Frodo, que, apesar de suas loucuras, me fez abrir a mente; ao Cadu pelas dicas de português e sua incessante transmissão de conhecimentos; ao Yuri que, no início, muito tímido já anda falando demais; à Maria Isabel, ou melhor, à Bel, pelo carinho e amizade; ao Leandro pelas risadas a qualquer momento; novamente à Ana Virgínia pela tranquilidade passada; e, por último, mas não menos importante, à Dona Carolina pela sua alegria contagiante.

A todos que estiveram ultimamente comigo na execução do presente trabalho. Tudo isso foi válido para o crescimento de todos nós. Agora, depois de tanto esforço, aproveitemos este momento tão aguardado, tão especial.

Portanto, a alegria vivenciada nesta vitória serve de combustível para lutar pelas próximas. A todos aqueles que contribuíram com a concretização deste sonho, o meu mais profundo e sincero agradecimento.

SUMÁRIO

RESUMO....06
INTRODUÇÃO....07
JUSTIFICATIVA....10
OBJETIVOS....13
METODOLOGIA....14
ASPECTOS HISTÓRICOS....15
ANTECEDENTES....16
FORMAÇÃO DO PIAUÍ....17
DESENVOLVIMENTO URBANO DE OEIRAS....26
APREENSÃO DA CIDADE....31
POLÍTICA DE INTERVENÇÃO EM CENTROS HISTÓRICOS....55
DISPOSIÇÕES RELATIVAS À ÁREA DE INTERVENÇÃO....59
PROGRAMA DE NECESSIDADES....68
ATIVIDADES SOCIOCULTURAIS....69
ATIVIDADES ESPORTIVAS....72
ATIVIDADES RECREATIVAS....74
INSTALAÇÕES ADMINISTRATIVAS....75
INSTALAÇÕES DE APOIO OPERACIONAL - MANUTENÇÃO E SERVIÇO....76
QUADRO DE ÁREAS....77
MEMORIAL DESCRITIVO DO PROJETO ARQUITETÔNICO....82
PARTIDO ARQUITETÔNICO....83
ESPACIALIZAÇÃO DO PROGRAMA DE NECESSIDADES....86
A ARQUITETURA DA EDIFICAÇÃO....90
TIPOLOGIA CONSTRUTIVA: ESTRUTURA E MATERIAIS....106
PAISAGISMO....108
PLANTAS/CORTES....110
CONSIDERAÇÕES FINAIS....116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS....117
ANEXOS....118
ANEXO 01 - PLANTA DE USOS ATUAL....118
ANEXO 02 - PLANTA DOS IMÓVEIS DE INTERESSE....119
LISTA DE FIGURAS....120

RESUMO

Proposta para inserção na cidade de Oeiras – Piauí de um equipamento voltado para a prática de atividades culturas, esportivas e de lazer, contando essa com um conjunto histórico tombado e integrante ao Patrimônio Cultural Brasileiro. Oeiras foi a primeira cidade e primeira capital do Estado do Piauí, possuindo edificações que remetem ao período colonial. Conhecida também como Vila do Mocha, nome este que faz referência ao riacho que deu origem a cidade e aglomerava no seu percurso fazendas pecuaristas, atividade que garantiu seu desenvolvimento no passado. A intervenção se faz de maneira cuidadosa, já que a edificação é pensada a ser construída na Colina do Rosário, área esta pertencente a poligonal de entorno do Centro Histórico e cortada pelo Riacho da Pouca Vergonha. Toma-se partido da determinação que recomenda que a área escolhida para o projeto seja não edificante, determinando uma solução arquitetônica diferente, possibilitando o cumprimento da outra recomendação de manter as relações visuais entre a Igreja de Nossa Senhora da Vitória e a Igreja do Rosário. Portanto, objetiva-se mostrar que intervenções desse porte podem ser realizadas no conjunto histórico, buscando manter uma relação solidária entre o antigo e o novo, qualificando o espaço urbano.



INTRODUÇÃO

ATIVIDADES SOCIOCULTURAIS

1. ÁREA DE CONVIVÊNCIA

Espaço de "estar" da unidade com a função de acolhimento das pessoas. A apropriação do espaço se dá de diferentes maneiras. Seja quando utilizado como ambiente de leitura de revistas e jornais e de conversas informais pelo público, ou prestando-se como local de exposições, passando a se comportar como uma Praça coberta do equipamento. Sua configuração pode ser variada com a aplicação de mobiliários, expressando usos diferenciados. Ressalta-se também a utilização por rodas de estórias para crianças, performances teatrais e apresentações musicais. Integrado visualmente e fisicamente ao centro, permite acesso fácil às principais instalações.

AMBIENTES:
- Salão de Convivência;
- Sanitários;
- Depósito;

2. TEATRO

Com capacidade para 280 pessoas, esta sala de teatro tem a pretensão de ser adequada para diferentes usos. Podendo ocorrer apresentações de artes cênicas, sejam dança e teatro, como também de música acústica ou amplificada, deverá comportar ainda a realização de seminários e palestras. Prevendo-se um acesso exclusivo externo, não excluindo a sua ligação direta com o centro, o teatro poderá funcionar independente das outras instalações, a fim de promover eventos realizados por outras instituições.

AMBIENTES:
- Foyer;
- Plateia;
- Palco;
- Áreas de Apoio: camarins; sala técnica; cabine de som e luz; copa; depósitos de cenário; oficina; doca; e sanitários.

3. PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO

Composta por uma lanchonete do tipo fast-food e um restaurante self-service, possuindo uma área comum de mesas, este espaço pretende estar próximo ao Riacho do Mocha O restaurante e a lanchonete disporão diariamente de refeições e lanches, tanto durante a semana para os usuários do centro, como no lazer do final de semana. O centro tem como proposta que o restaurante ofereça refeições subsidiadas, prestando grande colaboração educativa na nutrição dos seus frequentadores.

No conjunto da cozinha são previstos espaços de apoio para preparo e produção

dos alimentos, como uma cozinha experimental independente que será utilizada nos cursos. Com um acesso direto para a rua, a carga e descarga de materiais serão facilitadas, impedindo que esta atividade passe pelas áreas de público. O centro contará também com uma Estação de Educação Ambiental, logo a cozinha terá um pequeno depósito para lixo orgânico "vivo", que será empregado na experiência de compostagem.

AMBIENTES:
- Área de mesas;
- Auto serviço;
- Lanchonete;
- Cozinha (restaurante);
- Áreas de Apoio: câmara fria; preparo de alimentos; refeitório (funcionários); sanitários; refeitório (administração); cozinha experimental; sanitários.

4. SALAS

- Uso Programático Flexível: espaços reversíveis que se adaptam às diferentes necessidades da programação ofertada das áreas de desenvolvimento corporal e da área sociocultural. Estas salas são utilizadas para programas da terceira idade, atividades escolares, prática de dança, atividades físicas, exposições didáticas, aulas abertas e atividades recreativas com jogos. Composto por cinco salas, que podem ser unidas através de divisórias retráteis.
- Oficinas Culturais: salas amplas que buscam o maior conforto e boa acomodação das turmas, procurando atender a diferentes possibilidades educativas relacionadas com o "fazer" cultural. A dinâmica educativa em grupo está sempre presente nas oficinas, cursos e workshops realizados, estando ligados a cultura digital, artes plásticas e visuais, literatura, palestras, artesanato, cinema e animação, como também outras de caráter educativo mais formal que complementam as atividades escolares.
- Tecnologia e Internet: configurada para acontecer atividades orientadas através de computadores, e não o acesso livre à internet, que pode ser feito na cafeteria, biblioteca ou em outros ambientes de convivência, estas salas são equipadas para acesso à internet e atividades ligadas às novas tecnologias. As salas possuem também um posto de recepção e atendimento.

5. BIBLIOTECA

Espaço reservado para as atividades de leitura. Com acervo amplo (literatura – ficção, contos, novelas, romances – dos clássicos aos nacionais e internacionais contemporâneos), a Biblioteca apresenta ambientação de apoio aos leitores, com salas coletivas e individuais. Abordando um programa diferenciado, este espaço tenta romper com parte do tédio que possa vir a envolver a prática da leitura, pensando em espaços inovadores, sem descaracterizar os princípios desta atividade cultural.

6. ESCOLA DE FORMAÇÃO MUSICAL COMPLEMENTAR

Tem a função de promover entre crianças, jovens e adultos o aprendizado musical que inclui o desenvolvimento da percepção musical e harmonia, através da prática de instrumentos musicais ou com a voz. Composta por salas de atividades individuais e coletivas, conta também com um mini-auditório para 100 pessoas e com total estrutura de apoio para funcionamento do centro de música.

AMBIENTES:
- Recepção;
- Salas para atividades individuais;
- Sala para atividades coletivas;
- Mini-auditório:
- Sala para guarda de instrumentos;
- Sala dos conservadores e instrutores;
- Sala de reuniões;

7. ANFITEATRO

8. LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA

9. ESTAÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental procura incentivar a criação de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental, relacionando a humanidade com a natureza. Propõe ser uma área que abrigue exposições permanentes, motivado pela importância dada a este tema ultimamente, contando com uma sala de oficina para realização de atividades.

AMBIENTES:
- Área de exposições;
- Oficina:

ATIVIDADES ESPORTIVAS

1. GINÁSIO

Composto por uma quadra poliesportiva, arquibancadas destinadas para eventos, espetáculos esportivos e torneios, como também áreas de apoio para seu adequado funcionamento. O ginásio conta com uma cobertura com tratamento acústico, permitindo uso ininterrupto e sistema lateral de ventilação, favorecendo o conforto térmico no seu interior. Possui também uma área recreativa ao lado da quadra, o que garante uma ocupação intermitente, ainda que a realização de jogos, treinos e campeonatos, em diferentes modalidades seja o uso principal do espaço.

AMBIENTES:
- Quadra Poliesportiva (20m x 40m);
- Área Recreativa;
- Arquibancada;
- Vestiários;
- Depósitos:

2. QUADRAS POLIESPORTIVAS EXTERNAS

Com a variedade de modalidades que se pode atender, são pensadas duas quadras externas ambas com dimensões de 27m x 16m, atendendo a diversas modalidades, como voleibol, futsal, handebol, tênis e basquete.

3. CANCHA DE AREIA

Com o intuito de complementar as instalações das quadras, é proposto uma cancha de areia com dimensões de 27 x 18m, permitindo a prática de vôlei e futebol, como também de atividades adaptadas.

.4. SALAS

- Ginástica Multifuncional: funciona como uma academia, na qual são dispostos aparelhos de ginástica em um espaço comum contíguo, visando à melhoria da força e tônus muscular, do equilíbrio, da capacidade respiratória e do condicionamento físico geral dos usuários.

AMBIENTES:
- Sala de aparelhos;
- Sala de avaliação física;
- Depósito;
- Recepção;

- Atividades Físicas: atende a atividades ofertadas pelo centro permanentemente, sendo realizadas em grupo com orientação de profissionais qualificados. As atividades buscam a melhoria da saúde e do bem-estar, como encontramos na Yoga e Tai Chi Chua e em outras atividades aeróbicas como dança e artes marciais.

AMBIENTES:
- Salas;
- Depósito
- Vestiários

PISCINA SEMIOLÍMPICA:

Este espaço cumpre a função de iniciação e aprimoramento na atividade de natação e oferece também outras atividades, como a hidroginástica. Existe também uma área de deck e arquibancadas para o público ser acomodado durante eventos e competições. A piscina conta com adaptação para acesso de portadores de deficiência localizado na parte mais rasa, podendo adentrar ao tanque sozinho.

AMBIENTES:
- Piscina semiolímpica (25m x 12,5m);
- Área do deck;
- Arquibancada;
- Sala para treinadores;
- Sala para exame médico
- Sala dos tratadores;
- Sala para atendimento de urgência;
- Depósitos (materiais e manutenção);
- Casa de máquinas;
- Vestiários;

ATIVIDADES RECREATIVAS

1. ÁREA EXTERNA

Espaço ao ar livre configurado com a inserção de equipamentos lúdicos em madeira e por equipamentos para exercício físico, sendo conformado através do paisagismo e pela topografia criada. Tem seu uso contínuo e amplo, propondo ser mais um espaço de estar, além de integrar todas as outras áreas do centro.

2. ÁREA INFANTIL INTERNA

Destinado ao público infantil, tem a função de promover atividades orientadas a partir de jogos de mesas, brinquedos, leituras, teatro de fantoches ou marionetes, entre outras. O espaço contém uma ambientação própria, que incentiva a imaginação e criatividade das crianças, tentando encontrar uma atmosfera agradável para a prática das atividades.

INSTALAÇÕES ADMINISTRATIVAS

1. SAGUÃO DE RECEPÇÃO, INFORMAÇÕES, MATRÍCULAS E INSCRIÇÕES

Espaço integrado à área de convivência, destinado ao atendimento do público que ingressa ao centro, servindo para divulgar as programações desenvolvidas e realizar os procedimentos de matrículas e inscrições.

2. NÚCLEO GERENCIAL

Conjunto de instalações que comportam o quadro gerencial, administrativo e técnico do, oferecendo o devido suporte para funcionamento do centro.

AMBIENTES:
- Secretaria e Recepção;
- Setor de Programação;
- Setor Social;
- Setor de Artes Gráficas e preparo de materiais;
- Setor Esportivo
- Sala de Reuniões;
- Sala de Gerência (com sanitário);
- Sala Gerente Adjunto;
- Sala de Administração (caixa, tesouraria, cofre);
- Sala de Encarregado do Setor Administrativo;
- Sala de Encarregado do Setor Social;
- Sala de Reprografia;
- Sala de Informática
- Sala Médica;
- Copa;
- Sanitários;

INSTALAÇÕES DE APOIO OPERACIONAL – MANUTENÇÃO E SERVIÇO

Conjunto de áreas de manutenção e serviços que dão suporte a infraestrutura da edificação, realizando atividades de conservação e limpeza, como também outras para garantir o funcionamento do centro em condições adequadas.

AMBIENTES:
- Sala de Apoio e Supervisão;
- Oficinas (divididas em manutenção predial, elétrica e carpintaria);
- Sala de Segurança CFTV;
- Almoxarifado Geral;
- Depósito Geral;
- Depósito de Material de Limpeza;
- Serviços Gráficos;
- Refeitório;
- Área de Estar Coberta;
- Vestiários;
- Depósito de Lixo;

QUADRO DE ÁREAS

ÁREA QUADRA: 83.874,62m²

ÁREA TERRENO: 66.848,13m²

ÁREA CONSTRUÍDA: 19994,67m²

ÁREA ÚTIL: 15325,92m²

AMBIENTE	ÁREA
Área de Convivência	
Recepção	25,36m²
Depósito	34,21m²
WC Acessível	4,06m²
WC Acessível	4,09m²
WC Masculino	11,22m²
WC Feminino	11,75m²
D.M.L.	6,55m²
Circulação	1089,79m²
Torre Caixa D'água	6,55m²
Jardins	403,65m²

TOTAL: 1597,23m²

AMBIENTE	ÁREA
Auditório	
Foyer	224,03m²
Cabine de Luz	16,73m²
Cabine de Som	16,73m²
Ante-Câmara	16,89m²
Ante-Câmara	16,89m²
Platéia	263,74m²
Palco	248,01m²
Palco	86,99m²
Circulação	116,54m²
WC Feminino	17,45m²
WC Masculino	15,62m²
WC Acessível	3,00m²
WC Acessível	3,00m²

D.M.L.	2,85m²
D.M.L.	1,53m²
Depósito	51,29m²
Camarim 01	11,42m²
WC camarim 01	1,84m²
Camarim 02	11,54m²
WC camarim 02	1,84m²
Camarim 03	23,95m²
WC camarim 03	1,84m²
Copa	13,01m²
Oficina	56,12m²
Depósito	27,80m²

TOTAL: 1250,65m²

AMBIENTE	ÁREA
Serviço	
D.M.L.	45,21m²
Depósito de Lixo	18,59m²
Circulação	293,26m²
Subestação	25,20m²
Oficina de Manutenção	17,95m²
Oficina de Manutenção	17,95m²
Oficina de Manutenção	17,95m²
Almoxarifado Geral	55,73m²
Depósito Geral	61,70m²
Serviços Gráficos	14,09m²
Sala de Apoio e Superv.	23,37m²
Sala de Segurança	23,34m²
Vestiário Masculino	24,34m²
Vestiário Feminino	24,00m²
Jardim	78,28m²

TOTAL: 740,93m²

AMBIENTE	ÁREA
Ginásio Poliesportivo	
Quadras	1501,69m²
Circulação	198,89m²
D.M.L.	2,00m²
Vestiário Masculino	55,26m²
Vestiário Feminino	36,89m²
Depósito	8,45m²
Depósito	10,87m²
Arquibancadas	135,02m²
Jardim	159,45m²

TOTAL: 2108,52m²

AMBIENTE	ÁREA
Escola de Música	
Mini-Auditório	159,16m²
Circulação	146,72m²
Guarda Instrumentos	20,25m²
Sala Ativid. Individuais	13,58m²
Sala Ativid. Individuais	13,58m²
Sala Ativid. Individuais	13,58m²
Sala Ativid. Individuais	13,58m²
Sala Ativid. Individuais	13,44m²
Sala Ativid. Individuais	13,44m²
Sala Ativid. Coletivas	56,78m²
Jardim	78,28m²
Sala Ativid. Coletivas	57,75m²
Sala de Reunião	23,53m²
D.M.L.	2,49m²
WC Acessível	2,99m²
WC Acessível	2,99m²
WC Feminino	8,00m²
WC Masculino	8,00m²
Sala dos Conserv. e Instrum.	8,00m²
Recepção	26,62m²
	TOTAL: 661, 18m²

AMBIENTE	ÁREA
Administração	
Secretaria e Recepção	25,87m²
Circulação	49,73m²
Copa	15,74m²
Setores	120,64m²
Reprografia	12,98m²
Sala Setor Administ.	14,96m²
Sala Setor Esportivo	14,96m²
Sala Setor Social	14,93m²
Sala Gerente Ajunto	14,96m²
Sala Gerente	14,12m²
WC Gerente	2,88m²
Tesouraria	17,46m²
Sala de Reunião	18,32m²
D.M.L.	3,39m²
WC Acessível	2,99m²
WC Acessível	2,99m²
WC Feminino	8,34m²
WC Masculino	9,67m²
Sala de Médica	15,47m²
Sala de Informática	15,72m²
	TOTAL: 396,12m²

AMBIENTE	ÁREA
Bloco 01	
Biblioteca	260,15m²

TOTAL: 260,15m²

AMBIENTE	ÁREA
Bloco 02	
Área de Mesas	203,33m²
Jardim	12,96m²
Lanchonete	16,98m²
Cozinha	9,85m²
Circulação	21,41m²
Refeitório Funcionários	26,85m²
Cozinha Experimental	64,23m²
WC Acessível	3,00m²
WC Acessível	3,00m²
WC Feminino	10,83m²
WC Masculino	11,28m²
Sala Infantil	96,76m²
Lab. de Fotografia	47,71m²
Câmara Escura	9,52m²
Ofic. Educação Ambient.	102,05m²
Área de Exposições	36,70m²
Circulação	168,15m²
Circulação	166,38m²
Cozinha	122,42m²
Preparo de Alimentos	28,31m²
Depósito	49,35m²
Câmara Fria	31,86m²
Circulação	20,24m²
Refeitório	39,60m²
Vestiário Func. Feminino	23,25m²
Vestiário Func. Masculino	23,60m²

TOTAL: 1349,62m²

AMBIENTE	ÁREA
Bloco 03	
Circulação	246,36m²
Oficinas Culturais	80,57m²
Oficinas Culturais	80,31m²
Sala de Cont. e Manut.	13,39m²
Circulação	12,72m²
Sala de Tecn. e Internet	50,37m²
Sala de Tecn. e Internet	50,30m²
WC Acessível	3,25m²
WC Acessível	3,25m²
WC Feminino	11,60m²
WC Masculino	11,12m²

Circulação	167,48m²
Salade Uso Prog. Flexível	51,17m²
Salade Uso Prog. Flexível	50,85m²
Salade Uso Prog. Flexível	50,85m²
Salade Uso Prog. Flexível	50,91m²
Salade Uso Prog. Flexível	51,17m²

TOTAL: 985,67m²

AMBIENTE	ÁREA
Bloco 04	
Sala Ginástica Multifunc.	236,92m²
Depósito	23,65m²
D.M.L.	6,63m²
Depósito	25,57m²
Sala de Avaliação	23,44m²
WC Sala de Avaliação	2,88m²
Circulação	214,23m²
WC Acessível	3,00m²
WC Acessível	3,00m²
Vestiário Feminino	31,47m²
Vestiário Masculino	31,22m²
Sala de Ativid. Físicas	63,95m²
Sala de Ativid. Físicas	63,95m²
Sala de Ativid. Físicas	63,95m²

TOTAL: 793,86m²

AMBIENTE	ÁREA
Área Piscina	
Piscina	312,50m²
Área Molhada	1883,77m²
Laje Impermeabiliz.	101,76m²
Laje Jardim	360,20m²
Circulação	49,52m²
Sala Atend. de Urgência	15,97m²
Sala para Exame Médico	19,52m²
Sala Treinadores	22,24m²
Sala Tratadores	15,86m²
Vestiário Feminino	27,32m²
Vestiário Masculino	30,47m²
Depósito de Manutenção	12,00m²
Depósito de Materiais	12,00m²
Casa de Máquinas	15,75m²

TOTAL: 2878,88m²

AMBIENTE	ÁREA
Praça	
Cancha de Areia	410,75m²
Jardim	975,97m²
Anfiteatro	52,39m²
Quadras	864,00m²

TOTAL: 2303,11m²



ASPECTOS HISTÓRICOS

ANTECEDENTES

As terras do Piauí começaram a ser desbravadas por volta de 1616. Partindo do Maranhão, após a invasão francesa, o Sargento-mor Baltazar Alvares Pestana cruza o território piauiense, seguindo pelos vales do Itapicuru e Poti em direção a Pernambuco.

O sargento tinha como intenção solicitar munições de guerra. Outro desbravador do Maranhão teria sido Frei Cristovam Severim, que, em 1626, atravessa o Piauí em direção ao Ceará.

O bandeirante Domingos Jorge Velho, vindo de São Paulo, objetivando encontrar ouro e pedras preciosas adentrou o extremo sul do Piauí em 1662, estabelecendo-se na confluência do Rio Parnaíba com o Poti. Nesta confluência dos rios, o bandeirante cultivou as terras e instalou várias fazendas de gado, impondo por isso o nome de Rio Parnaíba.

A vida na localidade era bastante rústica e com uma pequena agricultura rudimentar. Domingos passou dezesseis anos no Piauí, abandonando as terras e a criação gado, a mando do Governador de Pernambuco, para eliminar o Quilombo dos Palmares. Nesse momento, já existiam fazendas espalhadas no território piauiense, exceto pelo sudoeste. Entretanto, a colonização vem a ser feita de fato apenas em 1675, nesta região ainda desabitada.

FORMAÇÃO DO PIAUÍ

A pecuária tem grande importância na colonização do Piauí. Devido à crise do cultivo da cana-de-açúcar, a Metrópole ordenou o envio de expedições pelo sertão para manter o domínio econômico da colônia através da atividade de criação de gado.

Duas correntes iniciaram a ocupação do sertão nordestino, uma de Pernambuco e outra da Bahia. As fazendas de gado da Bahia expandiram-se seguindo o leito do Rio São Francisco, uma seguindo para o norte e outra para o sul.

A corrente migratória do norte ficou conhecida por sertão-de-dentro, sendo esta a que viria ocupar o território do Piauí. No ano de 1674,

> "o Capitão-mor Francisco Dias Ávila, primeiro senhor da Casa da Torre de Garcia Ávila, da Baía, organiza a expedição para a entrada no Piauí, nas aldeias dos Gurguas, em determinação as ordens do Governador Geral, Visconde de Barbacena. Fazia Parte dessa expedição o capitão de infantaria Domingos Afonso Mafrense, - o "Sertão" – como era conhecido, por suas explorações sertanejas nos extremo do Pernambuco." (BARRETO, 1938, pág. 187).

No ano de 1695, outra expedição, conhecida como sertão-de-fora, abriu o caminho do Maranhão à Bahia, passando pelo litoral do Piauí e do Ceará, descendo pelo sertão.

O capitão Mafrense percorreu diversas localidades no Piauí, combatendo os gentílicos, tomando posse de terras e fundando fazendas criatórias. Partindo de Cabrobó seguiu o Rio São Francisco até a bacia do Rio Grande. Seguindo este chegou à Barra do Rio Preto e por ele subiu possivelmente até a localidade hoje chamada de Barrinha. Neste local desembocam as águas da vereda do Sapé, correndo para o Riacho Fresco e caindo na Lagoa de Parnaguá. Atravessando os chapadões secos, pelo Riacho Fresco, o Mafrense chega ás águas do Gurguéa. Continuando o desbravamento, seguindo o Gurguéa abaixo, Mafrense encontra o Rio

Parnaíba, descrevendo uma volta nas bacias dos Rios Piauí e Canindé.

A ocupação do Piauí ainda não era tão relevante, existiam grandes domínios de terras, mas pouca concentração populacional, mesmo depois desses desbravamentos. O povoamento foi feito no sentido do sul para o litoral, diferente das outras capitanias, sem nenhum tipo de controle pelo poder público. Existiam aproximadamente 438 habitantes em 129 fazendas distribuídas pela bacia oriental do Parnaíba. As fazendas eram organizações autossuficientes, conformando núcleos isolados, sem organização social ou política que integrasse o território.

No ano de 1696, foi ordenada pelo Bispo Diocesano de Pernambuco a criação de uma freguesia em terras piauienses. O povoado, as margens do Riacho do Mocha, afluente do Rio Canindé, criado pelo capitão Mafrense, foi escolhido e seu território desmembrado de Nossa Senhora de Cabrobó.

A sua escolha deve-se pela sua localização central na região conquistada e também pela proximidade com o curral do tabuleiro. O Piauí mudou de jurisdição eclesiástica por duas vezes e a posse do território por uma vez.

> "O Piauí primitivamente, estava sob a jurisdição eclesiástica da Baía, passando para a de Pernambuco em 1676 quando data a sua creação, e em 1730 passou para a diocese do Maranhão. Em 1715 o território do Piauí que até então pertencia à capitania da Baía passou a pertencer à do Maranhão." (BARRETO, 1938, pág. 188).

O poder público interveio no desenvolvimento da população piauiense pela primeira vez quando o Governo do Maranhão enviou várias famílias e cerca de 300 degredados portugueses para o Piauí.

Em 1697, o padre Miguel de Carvalho, que veio em visita, reuniu os fazendeiros que tinha propriedade às margens do Riacho do Mocha na Fazenda Tranqueira, para se definir o local que seria erguida a matriz. O local acordado foi o brejo chamado a Mocha, por ser mais

conveniente aos moradores do povoado, ficando centralizado com todos os riachos e as partes do povoado.

O primeiro vigário foi Thomé de Carvalho e Silva, que ordenou que em vinte dias fosse construída em caráter provisório uma capela. Em dois de março do mesmo ano, Padre Thomé recebeu uma Provisão do Bispo de Pernambuco, da qual leu ao povo publicamente.

Referindo-se a capela, o termo dizia –

> "consta de 24 passos de comprido, e doze de longo, feita com a decência possível de taipa, e coberta de pindoba e nela se levantou um altar feito de tábuas com nove palmos de comprimento e quatro de largo. E assim mais benzeu o Rev. Vigário um quadro que de redor da capela consignou com marcos de pedra para sepultura de defuntos e donde se há de fazer nova igreja o qual tem cem passos de comprido e sessenta de largo." (CARVALHO, 1948, pág. 16).

A nova matriz foi concluída em 1733, de pedra e cal, onde o Padre Thomé ainda continuaria como vigário por mais três anos até sua morte. A Igreja de Nossa Senhora da Vitória definiu a vida social do povoado que acabara de nascer.

Em 1711, o capitão Domingos Afonso Mafrense faleceu, deixando a maioria de suas fazendas aos jesuítas, que se tornariam os maiores latifundiários do Piauí. Os jesuítas dividiram-se em dois grupos, a Capela Grande e Capela Pequena, passando a serem mais administradores de fazendas e pecuaristas do que mesmo padres. Vale ressaltar que a maior marca deixada pelos jesuítas no Piauí não foi a organização dos índios em missões e aldeias, nem tampouco na Igreja ou na educação, sendo, portanto, na economia através da pecuária.



figura 2.1 rotas de expansão da pecuária no Nordeste e vilas fundadas até meados do século XVIII.

fonte mapa elaborado pela 19ªSR/ IPHAN a partir de informações de ANDRADE, 1975, P. 23 E 39.

A estruturação do território piauiense deve-se a expansão da pecuária, possibilitando a criação de vilas para a realização de inspeções e interligando o Piauí a outras capitanias. Os gados das fazendas piauienses abasteciam Minas Gerais, Bahia, Maranhão e até o sul do país. Apesar de a pecuária ter sido de grande importância para a formação do Piauí, os lucros da empresa sertaneja ficavam em sua maior parte com os agentes da agro exportação no litoral, dificultando a capacidade de poupança, acumulação e restringindo a reinvestimento na economia da capitania. Logo, a maior parte do capital era movimentado no litoral, impedindo que o Piauí prosperasse, persistindo sua base agrária, sem diversidade produtiva.

A verdade é que

> "a figura do vaqueiro se tornou um importante elemento da formação do povo brasileiro, moldado na mestiçagem do colonizador europeu, do indígena catequizado e do cativo africano. Compelido a um estoicismo pela aridez e o isolamento do meio, reforçado pela religião, se forjou o caráter do sertanejo." (FERREIRA, 2008, pág. 3).

O Senado da Câmara, vindo do Maranhão, instala-se na freguesia de Mocha, em 26 de dezembro de 1717, elevando-a a categoria de vila. No ano seguinte, o Governador Geral do Brasil, expediu um alvará que elevava o Piauí à capitania independente, desligando-se da jurisdição do Maranhão, e tornava a Vila do Mocha a sede do governo.

Entretanto, isso ficaria apenas no papel. Em 1758 a capitania do Piauí ganharia autonomia e a Vila do Mocha passaria e ser capital. Três anos mais tarde, em 1761, através da carta régia de 19 de junho, a vila ganha o título de cidade e em 1762 seu nome é mudado para Oeiras. O nome vem de uma homenagem ao Conde de Oeiras, depois Marquês de Pombal, ministro do Rei Dom José I, que em sua honra a capitania recebeu o nome de São José do Piauí.

Na carta régia de 1761, a Coroa exigia que fossem elevadas à categoria de vila as oito povoações existentes na capitania, mesmo elas não tendo condições demográficas para a

categoria. O Piauí teria então 12.764 habitantes distribuídos em 536 fazendas. Trinta anos depois, a população chegaria a 50.000 habitantes. Neste mesmo momento os bens administrados pelos jesuítas estavam sendo confiscados pelo governo. Suas fazendas, que geravam bastantes riquezas para a capitania, iniciavam o declínio entrando em decadência mais a frente.

O primeiro Governador da capitania do Piauí foi João Pereira Caldas, o até então Coronel da cavalaria. João Pereira recebera a carta régia de 1761, que ordenava o seguimento de medidas a fim de balizar o crescimento das vilas e cidades. Portanto, já existia a demonstração de preocupação em planejar o melhor local de implantação do sítio, do traçado das ruas, a aparência das edificações, o local dos logradouros e serviços públicos, no crescimento urbano.

O governador seguinte seria Gonçalo Lourenço Botelho de Castro, assumindo em 1769 e governando até 1774. Seu principal feito foi a instituição dos serviços de Correios. O próximo a governar do Piauí não seria de apenas uma pessoa, a Coroa havia decidido que o governo seria feito por uma Junta Trina. A partir disso, os fazendeiros uniram-se ao governo, não para contribuir com a administração pública, mas para benefício próprio, estabelecendo a oligarquia que comandaria o Piauí. Imersa em corrupção, a Coroa em 1797 resolve voltar a nomear os governadores.

Na época da Independência do Brasil, o Piauí tinha como líder, em Oeiras, o Brigadeiro Manuel de Souza Martins. Este seria então nomeado por D. Pedro o presidente da Província, governando com extrema autoridade e disciplina até 1845. No futuro o brigadeiro viria a ser chamado de Visconde da Parnaíba. No Piauí não houve transformações socioeconômicas ou culturais, como no resto do país, após a independência.

Os grandes latifundiários continuavam no poder, a população em situação precária, a educação permanecia sem qualidade e a economia continuava baseada no comércio de gado. Novas vilas teriam sido fundadas até metade do século XIX, como Poti, Jaicós, Piracuruca, Príncipe Imperial, São Gonçalo de Amarante e Barras. A população aproximava-se dos 150.000 habitantes. "Das vilas fundadas em 1762, apenas Parnaíba se consolidou economicamente e, ao longo dos séculos XVIII e XIX, se tornou a mais desenvolvida do Piauí, motivando a reivindicação de seus habitantes para torna-la sede dos poderes." (FERREIRA, 2008, pág. 8).

"Das vilas fundadas em 1762, apenas Parnaíba se consolidou economicamente e, ao longo dos séculos XVIII e XIX, se tornou a mais desenvolvida do Piauí, motivando a reivindicação de seus habitantes para

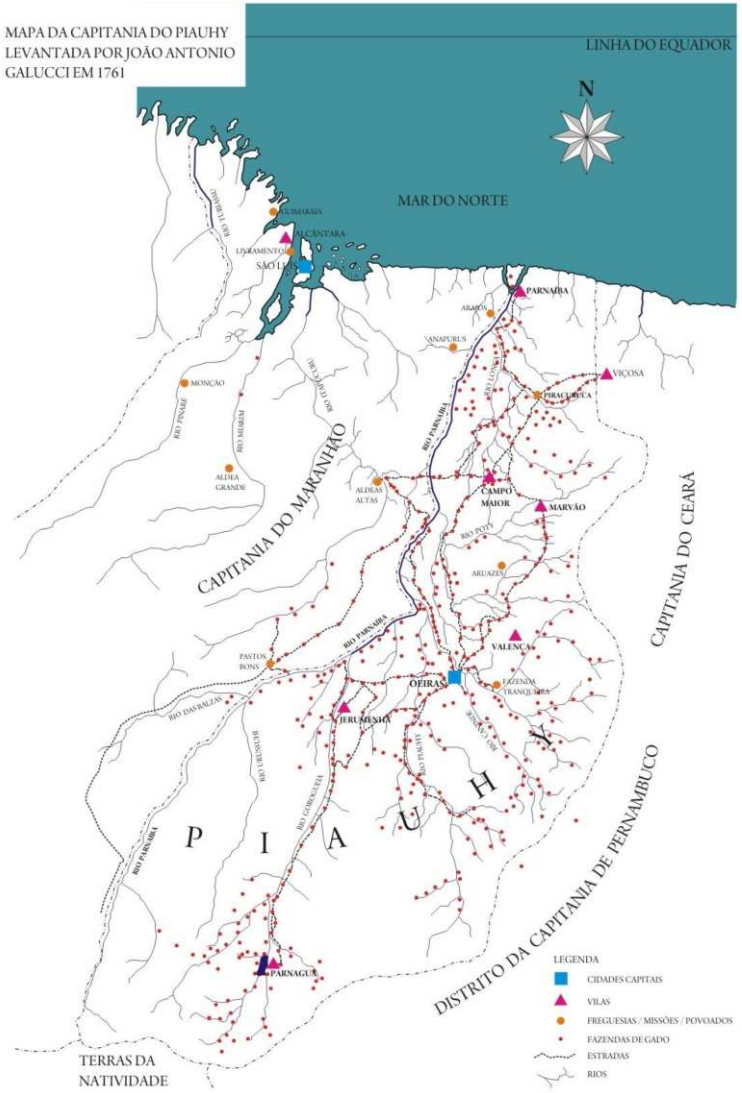


figura 2.2 carta geográfica da capitania do piahui, e parte das adjacentes - levantada em 1761 por joão antonio galuci.

fonte fundação biblioteca nacional. dacalcado e adaptado por 19ªSR/ IPHAN

A partir disso, inicia-se o questionamento que faria Oeiras deixar de ser a capital da capitania. Fora enviado ao ministro da Coroa um ofício, em abril de 1798, pelo governador João Amorim Pereira, que relatava os inconvenientes de manter Oeiras como capital e as vantagens que viriam a surgir com a transferência para a vila de Parnaíba. Para o governador, essa medida favoreceria o desenvolvimento econômico do Piauí, diversificando a economia com a implantação de culturas agrícolas, especialmente a de algodão, açúcar, arroz e tabaco, crescendo o comércio da capitania. A escolha da vila de Parnaíba, segundo o governador, devia-se às condições ideais de fertilidade para cultivo nas margens do Rio Parnaíba e por sua navegabilidade.

A capacidade de impulsionar a economia da capitania, que a pecuária até então tinha, passa a entrar em crise. Isso mostra que a cidade de Oeiras não consegue mais desempenhar as funções de capital da capitania. Com as mudanças no cenário econômico do mercado, faz-se necessário buscar outras fontes de renda. Entre 1804 e 1816, o debate entre a Câmara de Oeiras e de Parnaíba surge várias vezes. De um lado, Oeiras alega sua posição estratégica, que garantia a segurança contra ataques estrangeiros, e a proximidade com as fazendas de fisco, facilitando a administração. Já Parnaíba lista as vantagens, já citadas anteriormente, oferecendo até a construção de um palácio dos governadores, arcando com seus custos.

Com o Visconde da Parnaíba, governando a Província entre 1824 e 1843, a intenção de transferência da capital foi posta de lado. O Visconde da Parnaíba era um entusiasta da cidade de Oeiras. Em agosto de 1844, após o encerramento do seu governo, foi editada uma Lei Provincial que determinava a criação de uma cidade chamada de Regeneração, próximo ao Rio Canindé, onde seria a nova capital, mas projeto não foi levado e frente.

O conselheiro José Antônio Saraiva, ao assumir a presidência da Província em 1850, retoma o processo de transferência da capital. Fazendo uma visita à vila do Poti, na chapada do Corisco, o presidente depara-se com um local arruinado, exposto a endemias e a cheias periódicas do rio.

Com isso, José Antônio Saraiva manda executar a Lei Provincial, que ordenava a

mudança da capital anteriormente para terras próximas dali. Ao retornar para Oeiras, José Antônio Saraiva tem a difícil tarefa de neutralizar os que se opunham a transferência e preparar tudo para a mudança da capital.

A assembléia provincial aprova a resolução em julho de 1852, transferindo a capital para a Vila Nova do Poti, que seria elevada a categoria de cidade, chamando-se Teresina, em homenagem a imperatriz do Brasil, D. Teresa Cristina Maria. Teresina é uma das cidades mais novas do Piauí, mas sua formação ainda obedeceu às diretrizes da carta régia de 1761.

A transferência da capital, que resultou na fundação de Teresina,

> "marcou o desfecho do longo processo histórico de declínio da pecuária extensiva, atividade econômica que determinou a ocupação destes sertões, a fundação da cidade de Oeiras e a criação da capitania do Piauí." (FERREIRA, 2008, pág. 9).

Em Oeiras, sua imagem de cidade colonial ficou ligada ao período de dependência política, que se mantinha atrasada, com um tênue ordenamento urbanístico e uma arquitetura de tradição luso-brasileira e vernácula.

DESENVOLVIMENTO URBANO DE OEIRAS

Os portugueses viviam um momento de prosperidade e respeito entre as grandes nações da época. Devido a isso, intensificou-se o controle e a proteção sobre a Colônia aqui existente. Em função disso, a Coroa portuguesa promove a fundação de diversas vilas e cidades. Entra em cena a quarta fase do urbanismo português, baseado nos traçados geométricos pombalinos e no discurso ideológico de materialização do poder de forma evidente e assumida.

A ocupação do Piauí e posteriormente a criação da Vila do Mocha é resultante da pecuária extensiva, que praticada por um grande período definiu a economia que matinha a capitania. A Coroa para manter o controle e a fiscalização elevou algumas freguesias à categoria de vila, conformando o território do Piauí. Uma carta régia definia diretrizes de planejamento para a Vila do Mocha, que também seriam usadas em diversas novas localidade que surgiam no interior do Brasil durante o século XVIII.

Conforme citado por Barreto, a carta régia dizia:

> "sou servido ordenar-vos, que, passando ás referidas freguesias, depois de haverdes feito relação dos moradores, que se oferecerem para povoar as referidas vilas – convocareis todos para determinados dias, nos quais sendo presente o povo, determineis o logar mais próprio para servir de praça a cada uma das ditas vilas, fazendo levantar no meio delas o pelourinho, assignando área, para se edificar uma igreja, capaz de receber um competente número de fregueses, quando a povoação aumentar, como também das outras áreas competentes para as casas das recreações e audiências, cadeiras, e mais oficinas públicas, fazendo delinear as casas dos moradores por linha réta, de sorte que fiquem largas e direitas as ruas.
>
> Aos oficiais das respectivas camaras, que saírem eleitos, e aos que lhe sucederem, ficará pertencendo darem gratuitamente os terrenos, que se lhes

pedirem para casas, e quintais nos lugares, que para isso se houver delineado; só com a obrigação de que as ditas casas sejam sempre fabricadas na mesma figura uniforme, pela parte exterior, ainda que na outra parte interior as faça cada um conforme lhe parecer, para que desta sorte se conserve a mesma formosura nas vilas, e nas ruas delas a mesma largura, que se lhes assinar nas fundações. Junto das mesmas vilas ficará sempre um distrito, que seja competente, não só para nele se poderem edificar novas casas na sobredita forma, mas também para logradouros públicos e este distrito se não poderá em tempo algum da de sesmaria, nem de aforamento em todo ou em parte sem especial ordem minha, que revogue esta; porque sou servido, que sempre fique livre para os referidos efeitos.

Para termo das referidas vilas assinareis nas suas fundações o terreno da freguesia, onde cada uma delas fôr situada; e assim vós, como os governadores que vos sucederem poderão dar de sesmarias todas as terras vagas que ficarem compreendidas nos referidos termos: dando-as porem com as clausulas e condições que tenho ordenado, excéto no que pertence a extensão da terra, que tenho permitido dar a cada morador; porque nos contornos das ditas vilas, e na distancia de seis legoas ao redor delas não poderão dar de sesmaria a cada morador mais do que meia legoa em quadro, para que aumentando-se as mesmas vilas possam ter as suas datas de terra todos os moradores futuros.

Permito contudo que dentro da sobredita distância de seis legoas se conceda uma data de quatro legoas de terra em quadro, para a administrarem os oficiais das camaras, e para do seu rendimento fazerem as despesas, e obras do conselho, aforando aquelas partes da mesma terra, que lhe parecer

> conveniente, contanto que observem o que a Ordenação do Reino dispõe a respeito destes aforamentos. Fóra das ditas sei legoas dareis vós, e os governadores vossos sucessores as sesmarias na forma das ordens, que tenho estabelecido para o estado do Brazil.
>
> Depois de terdes determinado as fundações das sobreditas vilas na referida forma, impondo-lhes os nomes das vilas mais notáveis deste reino, ou conservando os das referidas feguezias, no caso que não sejam bárbaros; elegereis as pessoas, que hão de servir os cargos delas, como se acha determinado pela Ordenação." (BARRETO, 1938, pág. 189-190).

A principal intenção portuguesa ao ordenar o seguimento desta carta era manter o controle do desenvolvimento das novas povoações na colônia. Antes desta carta régia, não existia nenhum planejamento urbano para as vilas, que cresciam desordenadamente. A adoção de um modelo de planejamento veio dos espanhóis, que praticavam um plano de quadrícula para os arruamentos, definido por legislação, com uma praça central de forma quadrada. Esta carta proporcionou grandes benefícios para as cidades piauienses, ressaltando a boa quantidade de praças que as possuem, a qualidade da unidade arquitetônica construída e o bom traçado e largura das vias existentes.

As recomendações não foram seguidas à risca. Por ser um documento comum para todas as vilas e cidades, em diversos casos precisou-se adaptar aos condicionantes geográficos e econômicos da localidade. Ressalta-se que Oeiras é um misto de cidade espontânea e planejada, devido o ordenamento vir chegar praticamente quarenta anos depois de se tornar freguesia.
Já existiam várias casas fixadas ao redor da Capela de Nossa Senhora da Vitória desde 1697. Não existiam desenhos que guiassem a urbanização, apenas a carta régia. O resultado deste processo foi o surgimento de um traçado urbano irregular, diferente do que se veria em cidades



figura 2.3 "Oeyras do Piauhi". Autoria desconhecida, fins do século XVIII.

fonte Original manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa. Cópia extraída de REIS, 2000, pág. 139.

planejadas. Entretanto, a urbanização seguia os pontos determinados pela carta de manter ruas largas, casas alinhadas e uniformes.

Discute-se sobre de onde tenha sido o primeiro núcleo de formação da cidade de Oeiras. Alguns defendem que a origem foi no Largo do Rosário, onde hoje está situada a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, mas onde sempre aconteceu a vida social e religiosa mais intensa foi mesmo na Praça da Igreja de Nossa Senhora da Vitória.

Existiam várias fazendas que cercavam a cidade de Oeiras, como Canela, Carcará e Barreiro ao sul e Jurani e Lauradim ao norte. Estas fazendas resistiram até metade do século XIX. Os planos de urbanização não compreendiam essas localidades. Restringiam-se ao núcleo de origem, portanto, o restante crescia desordenadamente. Apenas em 1831, o governo solicita a elaboração de um plano urbanístico para a cidade.

Houve um intenso processo de construção na cidade de Oeiras, que crescia de forma generosa até 1850, data que se inicia o processo de transferência da capital. Após a transferência, foi cessado o processo de construção e muitas casas foram desocupadas, devido a migração da população para a nova capital. Para agravar a situação, a cidade passou a receber um menor número de novos habitantes.

O desenvolvimento urbano de Oeiras poder ser, resumidamente, marcado pelas seguintes datas:

1696 – Criação da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória.
1697 – Construção da Capela de Nossa Senhora da Vitória.
1712 – A Freguesia da Mocha é elevada à categoria de vila.
1716 – Promulgação de um protótipo de planejamento para a criação da Vila da Mocha.
1717 – Instalação do Senado da Câmara, criando-se oficialmente a Vila da Mocha.
1758 – A Vila é elevada à condição de capital.
1761 – A Vila é elevada à categoria de cidade.
1852 – Mudança da capital para Teresina.



APREENSÃO DA CIDADE

O MUNICÍPIO DE OEIRAS

Datas:
02/03/1697 – criação da freguesia de N. S. das Vitórias
30/06/1712 – criação da Vila do Môcha
26/12/1717 – instalação da vila
24/09/1762 – elevação à categoria de Cidade
16/08/1852 – transferência da capital para Teresina

Área: 2.702 Km2

Limites: ao Norte Barra d'Alcântara, Tanque do Piauí, Novo Oriente do
Piauí e Santa Rosa do Piauí; ao Leste Inhuma, Ipiranga do Piauí,
São João da Varjota e Santa Cruz do Piauí; ao Sul São Francisco
do Piauí, Colônia do Piauí e Wall Ferraz; ao Oeste Santa Rosa do
Piauí, Nazaré do Piauí, São Francisco do Piauí e Cajazeiras do
Piauí.

Mesorregião: Sudeste Piauiense

Microrregião: Picos

Posição Geográfica:
07º 01' 31" latitude sul
42º 07' 52" longitude oeste

Distância de Teresina:
317 Km pelas rodovias BR-316 e BR-230.

Altitude: 166 m

Pluviometria Média: 922 mm / ano
(principalmente de fevereiro a maio)

Temperaturas Médias:
Mínimas – 18ºC
Máximas – 40ºC

População:
35.640 habitantes, conforme a estimativa de 2009 (IBGE), dos
quais cerca de 21.000 habitam a zona urbana.

Faixa etária*:
De 0 a 9 anos – 16,9%
De 10 a 19 anos – 20,2%
De 20 a 39 anos – 31,9%
De 40 a 59 anos – 19,3%
60 anos ou mais – 11,7%

População segundo nível de renda do chefe de família (em salários-mínimos)*:

Sem rendimento - 6,2%
Até 2 s.m. – 78,2%
2 a 5 s.m. - 9,5%
5 a 20 s.m. - 5,5%
mais de 20 s.m. - 0,6%

IDH: 0,625 - médio (PNUD/2000)

PIB: R$110.680.000,00 (IBGE/2006)

fonte IBGE - CENSO 2009

Os fatos urbanos delineiam o conhecimento da estrutura da cidade, tornando-se uma parte insuprimível no seu processo de formação. A cidade de Oeiras, primeira vila fundada no sertão nordestino, conformou-se através de uma sucessão de fatos e adquiriu individualidade na forma urbana, constituindo-se hoje um importante Centro Histórico que guarda parte da evolução do Brasil.

A cidade se configura como uma construção em grande escala, da qual o seu desenho se mostra contínuo, sem resultado final, uma espécie de arte temporal. "A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade. No próprio decorrer da vida de um homem, a cidade muda de fisionomia em volta dele, as referências não são as mesmas." (ROSSI, 2001, pág. 57). Oeiras, portanto, carrega no seu espaço urbano uma continuidade de desenhos urbanos que foram modificados e outros preservados, para hoje conformar seu caráter singular determinado pelo espaço, pelo tempo, por sua dimensão topográfica, por sua forma e pela sua memória. Os acontecimentos antigos e novos particularizam a cidade e criam uma relação única, entre a situação local e as construções que se encontram neste lugar.

Com um olhar específico que a Arquitetura e o Urbanismo lançam sobre a cidade, busca-se observar, analisar e apreender o local de estudo a partir da utilização de variáveis de leitura da realidade, descrevendo os valores que estruturam sua forma urbana. Esta análise permeará de maneira mais profunda na área mais antiga da cidade, compreendida pela poligonal de entorno do núcleo tombado, da qual está inserida a extensão de terra escolhida para o projeto exposto. Não se excluirá a parte nova da cidade na análise, portanto, procurará relacioná-la com o centro antigo.

A estruturação social não existe sem espaço. As sociedades procuram organizar-se de maneira urbana iniciando a construção do espaço arquitetônico e urbano da cidade. Esse processo caracteriza a formação do urbano ao adquirir certas propriedades:

> crescimento demográfico e construtivo constante das áreas urbanizadas, transformação do meio rural (aldeias que se tornam cidades, urbanização do modo de vida rural), dominação das classes sociais rurais pelas citadinas e predominância de praticas sociais geradores de cultura urbana (KOHLSDORF, 1996, pág. 18).

A formação de Oeiras deu-se a partir das fazendas que praticavam a pecuária extensiva. Com o desenvolvimento dessa atividade econômica, o espaço próximo as margens do Riacho do Mocha passou a definir um perímetro de crescimento urbano. A construção da Igreja de Nossa Senhora da Vitória define o início da vida social e posteriormente se estabelece como um núcleo de agregação da futura cidade.

O quadrilátero formado pela Praça das Vitórias, circundado por edificações de interesse histórico, constituí um espaço distinto e excepcional no tecido urbano. Por ser o núcleo formador do espaço urbano de Oeiras, podem ser encontrados neste local e em suas redondezas os elementos primários que constituem e caracterizam uma cidade. Segundo Aldo Rossi, a residência, as atividades fixas e o tráfego compõem os três elementos principais de um conjunto urbano. A união desses três elementos primários mais uma determinada área para servir de sítio em termos de localização e de construção, aliada a sucessão de fatos naturais ou de fatos construídos, constitui a formação de um conjunto que seria a estrutura física da cidade.

A residência é um elemento imprescindível. Pode-se dizer que não existem cidades sem o aspecto residencial. A tipologia das edificações residenciais está intimamente ligada à forma urbana e aos condicionantes físicos e econômicos do lugar, logo as residências caracterizam amplamente o espaço urbano da cidade. Ao se falar da evolução urbana e crescimento da cidade, a residência assume também um papel importante para a cidade. O aumento da construção de casas é um dos "momentos mais característicos do crescimento da cidade." (ROSSI, 2001, pág. 80). Surgem fatores geográficos e econômicos que definirão a localização das residências, sendo o fator econômico de maior peso.



figura 3.1 perspectiva a vôo de pássaro do centro histórico de Oeiras em primeiro plano e ao fundo o contraste do traçado com a expansão da mancha urbana na Segunda metade do século XX.

fonte arquivo da 19ªSR/ IPHAN - ano 2008



figura 3.2 tomada geral da praça com edificações.

fonte arquivo da 19ªSR/ IPHAN - ano 2007

As residências do tipo "meia morada" (porta lateral e duas janelas) e "morada inteira" (porta com duas janelas de cada lado) predominam no centro antigo de Oeiras. Os lotes são ocupados na parte frontal, caracterizando a formação de ruas corredores. Predominam as casas de um pavimento, encontrando-se apenas com dois pavimentos residências que hoje são prédios públicos. Estas residências apresentam "singularidades arquitetônicas e construtivas necessárias à adaptação ao clima e à matéria-prima de disponibilidade no sertão: a pedra (arenito e calcário), o barro e a carnaúba" (IPHAN, 2010, pág. 102).

As novas residências construídas, principalmente na parte nova da cidade, passam a ter recuos tanto frontais como laterais, caracterizando uma mudança na imagem do espaço urbano. Essa mudança de tipologias das residências mostra ao observador a evolução da cidade, podendo ser notado a transição do centro antigo para locais mais novos.

O segundo elemento primário, as atividades fixas, pode ser definido por lojas, edifícios públicos e comerciais, universidades, hospitais, escolas, etc. Podem ser incluídos também os equipamentos urbanísticos, os padrões urbanísticos, serviços e as infraestruturas.

A principal característica deste elemento é ele ser uma "coisa pública, feita pela



figura 3.3 casario colonial na rua dr. Isaac Sérvio na Praça da Bandeira.

fonte arquivo da 19ªSR/ IPHAN - autoria Diva Figueiredo

coletividade para a coletividade,... de natureza essencialmente urbana" (ROSSI, 2001, pág. 115).

Considerando esse elemento primário em seu aspecto espacial, independente da função, podemos encontrar alguns elementos no espaço urbano de Oeiras que passam a se identificar através da sua presença na cidade.

Esses elementos, ou seja, as edificações de caráter histórico ganham valor em si, como também um valor posicional na cidade.

> Nesse sentido, um edifício histórico pode ser entendido como um fato urbano primário; ele se mostra desligado da sua função original ou apresenta no tempo várias funções, no sentido do uso a que é destinado, enquanto não modifica sua qualidade de fato urbano gerador de uma forma da cidade (ROSSI, 2001, pág. 116).

Dessa maneira, encontram-se em Oeiras edificações que propiciaram um processo deurbanização, transformando espacialmente o território.

Na sua origem, um edifício histórico identificado pela sua função, coincidindo com as atividades fixas, altera a sua percepção e a edificação ganha um valor mais significativo com o passar do tempo até constituir um trecho da cidade, tornando-se um acontecimento decisivo no curso da história da urbanização do local. A planta a seguir, com data de 1809, identifica edificações que tiveram papel efetivamente primário na dinâmica de formação da cidade e devido sua ordem de disposição no espaço, apresenta uma qualidade específica, que garantem o desenvolvimento de uma ação precisa para sua individualidade. A arquitetura desses elementos é o componente detectável na estrutura complexa da cidade, marcando o momento último de um processo, para a sucessão de outros.

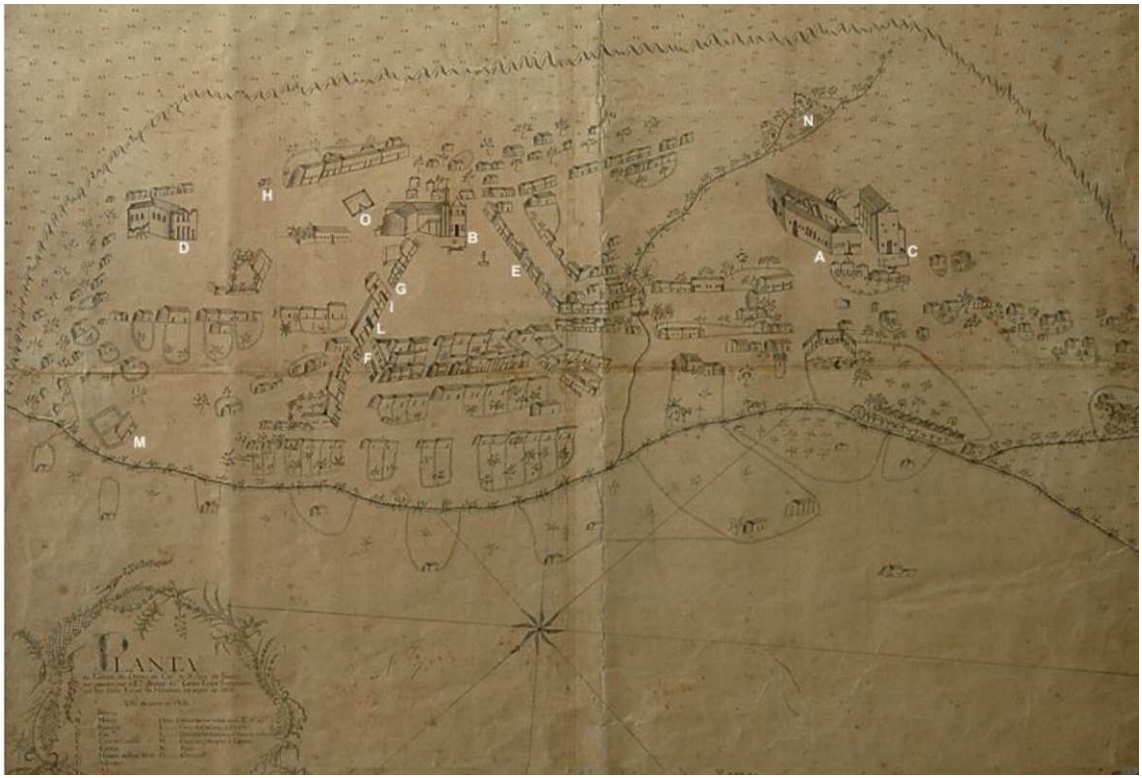


figura 3.4 "planta da cidade de Oeiras da Capª de S. Ioze do Piauhy, que presidiu o Ilmo. Senhor Gᵒʳ Carlos Cezar Burlamaqui, por Joze Pedro Cezar Menezes, no anno de 1809 - vista da parte de oeste". Editada pela 19ªSR/IPHAN.

fonte original do arquivo histórico do exército - AHEx

O tráfego, terceiro elemento, seria a relação entre os elementos primários, que caracterizaria o fluxo de pessoas que circulam pela cidade. A cidade, portanto, cresceria mediante a contínua tensão desses elementos, produzindo uma determinada forma de desenho urbano, seguindo as necessidades de uma sociedade. Logo, a forma da cidade surge através do desenvolvimento de obras, que constituem a arquitetura da cidade, causando transformações no espaço e criando estruturas que permitem a continuidade e a produção de ações e de formas. A condição humana faz parte da cidade junto com as residências, as atividades fixas e todos os fatos urbanos que emergem no espaço estruturado para se habitar.

Partindo agora para uma análise da estrutura física, que concede uma forma a cidade, procurará observá-la através dos princípios propostos por Kevin Lynch, em seu livro A imagem da cidade. Portanto, será discutida a fisionomia da cidade, possibilitando conhecer o conjunto de elementos do qual a compõem, dando uma forma visual a Oeiras. Ao construir uma imagem do ambiente, concentra-se na legibilidade aparente da paisagem da cidade, pretendendo reconhecer e organizar as informações de maneira a entender sua estrutura. Essa imagem obtida diferencia os espaços urbanos de outros e individualiza dando um significado especial a cada um.

O estudo do ambiente físico propõe-se em definir as qualidades físicas dos elementos atribuídos à identidade e a estrutura que conformam e definem a imagem criada pelo observador. A partir da imaginabilidade, característica da qual um observador confere a uma imagem identificando uma forma, cor ou disposição, podendo ser chamado de visibilidade, num sentido mais profundo, o estudo tenta compreender as formas ocultas na extensão de uma cidade. "O conceito de imaginabilidade não conota, necessariamente, alguma coisa fixa, limitada, precisa, unificada ou regularmente ordenada, embora às vezes possa possuir tais qualidades." (LYNCH, 1918, pág. 12).

A imagem do ambiente a ser construída é bastante complexa, podendo ser óbvia a primeira vista, mas capaz de evocar um número limitado de características que conformam o tal espaço. Portanto, a imaginabilidade da forma urbana será a principal questão a ser discutida, ressaltando,

além de identificar a estrutura perceptiva, a qualidade notada em casa caso do espaço urbano.

A constituição de uma imagem da cidade parte da sobreposição de muitas imagens individuais, aproximando-se de uma imagem pública, mais impositiva e abrangente. O estudo de Kevin Lynch não se influencia para a construção da imagem publica do significado social de uma área, sua função, sua história, ou mesmo seu nome, entretanto, no presente estudo serão examinadas essas questões por se tratar de uma cidade histórica com importantes acontecimentos (no passado - retirar), objetivando encontrar os motivos que conformaram a forma em si que compõe a imagem atual, reforçando seu significado.

Com um reconhecimento em campo, mapeando a presença de elementos e identificando sua visibilidade, a força ou fragilidade de sua imagem, estabelecendo conexões, desconexões e outras inter-relações, os elementos foram classificados em vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos, a partir do estudo de Kevin Lynch, sendo definidos da seguinte maneira:

1. Vias: As vias são os canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial. Podem ser ruas, alamedas, linhas de trânsito, canais, ferrovias. Para muitas pessoas, são estes os elementos predominantes em sua imagem. Os habitantes de uma cidade observam-na à medida que se locomovem por ela, e, ao longo dessas vias, os outros elementos ambientais se organizam e se relaciona.

2. Limites: Os limites são os elementos lineares não usados ou entendidos como vias pelo observador. São as fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares: praias, margens de rios, lagos, etc., cortes de ferrovias, espaços em construção, muros e paredes. São referências laterais, mais que eixos coordenáveis que separam uma região de outra, mas também podem ser costuras, linhas ao longo das quais duas regiões se relacionam e se encontram. Ainda que possam ser dominantes quanto o sistema viário, para muitos esses elementos limítrofes são importantes características organizacionais, sobretudo

devido ao seu papel de conferir unidade a áreas diferentes, como no contorno de uma cidade por água ou parede.

3. Bairros: Os bairros são as regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dotados de extensão bidimensional. O observador neles "penetra" mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam. Sempre identificáveis a partir do lado interno, são também usados para referência externa quando visíveis de fora. Até certo ponto, muitos estruturam sua cidade dessa maneira, com diferenças individuais em suas respostas a quais são os elementos dominantes, as vias ou os bairros. Isso não parece depender apenas do indivíduo, mas também da cidade.

4. Pontos Nodais: Os pontos nodais são pontos, lugares estratégicos de uma cidade através dos quais o observador pode entrar, são os focos intensivos para os quais ou a partir dos quais ele se locomove. Podem ser basicamente junções, locais de interrupção do transporte, um cruzamento ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura a outra. Ou podem ser meras concentrações que adquirem importância por serem a condensação de algum uso ou de alguma característica física, como um ponto de encontro numa esquina ou uma praça fechada. Alguns desses pontos nodais de concentração são o foco e a síntese de um bairro, sobre o qual sua influência se irradia e do qual são um símbolo. Podem ser chamado de núcleos. Muitos pontos nodais, sem dúvida, têm a natureza tanto de conexões como de concentrações. O conceito de ponto nodal está ligado ao de via, uma vez que as conexões são, tipicamente, convergências de caminhos, fatos ao longo de um trajeto. Da mesma forma, liga-se ao conceito de bairro, tendo em vista que os núcleos são os focos intensivos dos bairros, seu centro polarizador. De qualquer maneira, alguns pontos nodais podem ser encontrados em praticamente qualquer imagem, e em certos casos pode ser o traço dominante.

5. Marcos: Os marcos são outro tipo de referência, mas, nesse caso, o observador não entra neles: são externos. Em geral, são um objeto físico definido de maneira muito simples: edifício, sinal, loja ou montanha. Seu uso implica a escolha de um elemento a partir de um conjunto de possibilidades. Algum marcos é distantes, tipicamente vistos de muitos ângulos e distâncias, acima do ponto mais alto de elementos menores e usados como referências radiais. Podem estar dentro da cidade ou a uma distância tal que, para todos os fins práticos,

> simbolizam uma direção constante. Como exemplos podemos citar torres isoladas, as cúpulas douradas, as grandes montanhas.
>
> (LYNCH, 1918, pág. 52 - 53)

A conceituação desses elementos pode as vezes mudar a partir da mudança do observador. "Assim, uma via expressa pode ser um canal de circulação para o motorista e um limite para o pedestre" (LYNCH, 1918, pág. 54). Entretanto, os tipos de elementos possuem um caráter estável ao ser analisado por um determinado observador em determinado nível. Os elementos citados não existem na cidade isoladamente. São estruturados pela a sobreposição e interpenetração, integrando a imagem total. Logo, ocorre uma inter-relação dos elementos, nos fornecendo informações sobre as características da cidade. Com a definição desses conceitos, inicia-se a construção e a análise da imagem da cidade de Oeiras.

Em Oeiras, no Centro Histórico, as vias assumem um caráter distinto em relação ao restante da cidade. A geografia do local prevaleceu na construção do traçado das vias, ressaltando a espontaneidade dos caminhos criados durante o tempo, deixando de lado as determinações reais que propugnavam uma racionalidade geométrica. "As ruas se desenharam ao longo das veredas de acesso às fontes de água potável e de ligação com as estradas reais, enquanto os espaços de descanso das tropas de mulas, do comércio e do escambo se constituíram em largos." (IPHAN, 2010, pág. 69).

Portanto, o traçado urbano se mostra predominantemente orgânico, restringindo a regularidade à praça central e ao alinhamento das fachadas das casas com uma mesma tipologia de coberta e aberturas.

O principal eixo de ligação da parte nova ao Centro Histórico de Oeiras se dá pela continuação da Avenida Rui Barbosa, a Rua Jesuíno Moura, que já se mostra diferente com a mudança da pavimentação de asfalto para paralelepípedos. O limite do bairro Centro com o Jureminha é dado pela Rua André Holanda, duas quadras antes de se chegar à Rua Jesuíno Moura. O bairro Centro, do qual está inserido o conjunto histórico, possui características homogêneas, podendo ser reconhecido por indicadores que se distribuem ao longo da área e ausentes no restante do espaço urbano. As edificações históricas começam a surgir à medida

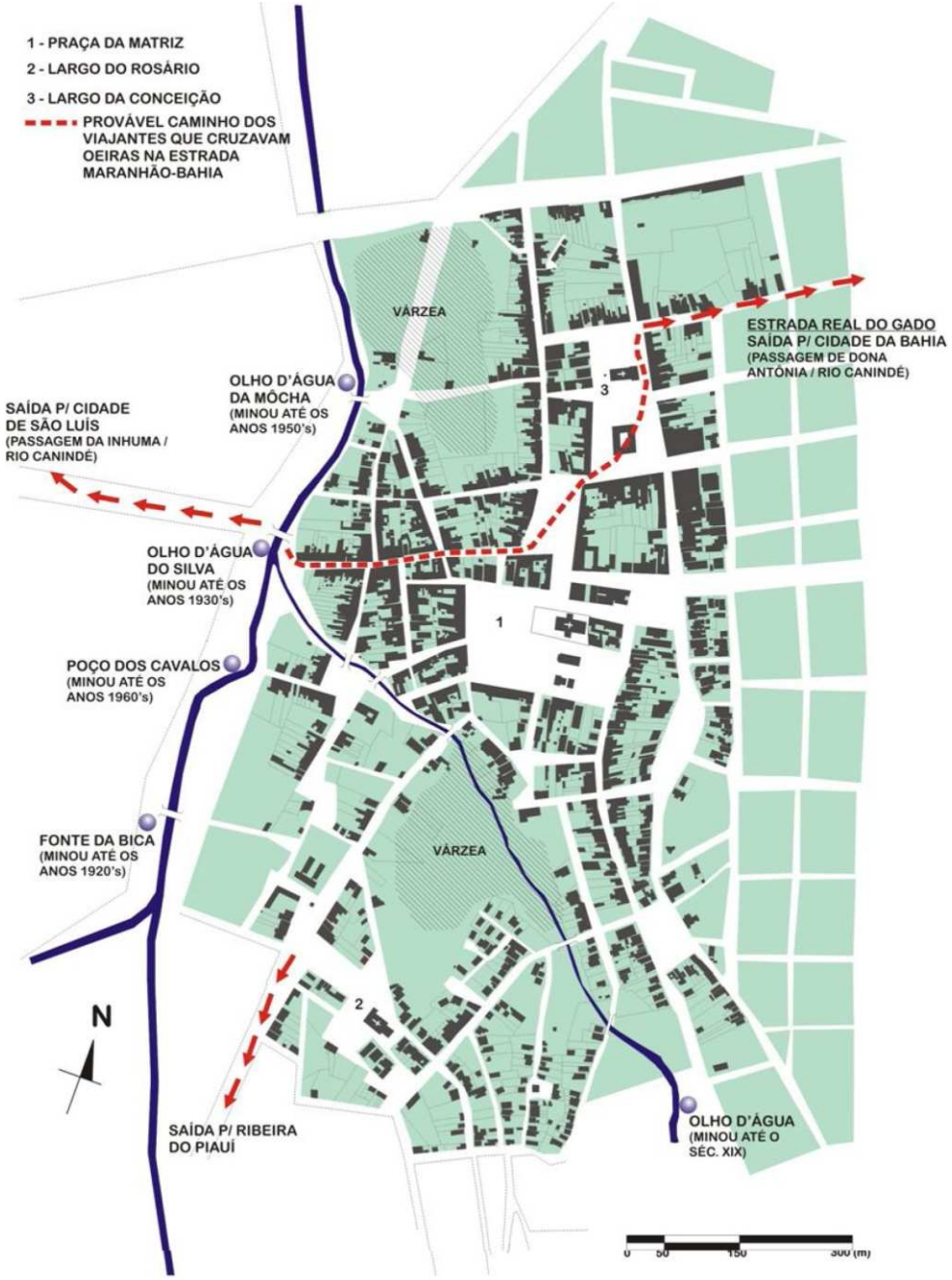


figura 3.5 mapa interpretativo da formação do desenho urbano de Oeiras, a partir da geografia local e dos acessos a estradas coloniais. Editada pela 19ªSR/IPHAN.

fonte Elaborado pela 19ªSR/IPHAN sobre a base cartográfica atual.

que vai se adentrando ao conjunto histórico e passa a se ter uma nova percepção da cidade.

Logo a esquerda da Rua Jesuíno Moura encontra-se a Praça Costa Alvarenga e inicia-se a Rua Nogueira Tapety, da qual leva a Praça da Bandeira.

A Praça Costa Alvarenga mostra-se como o primeiro ponto nodal ao adentrar no conjunto histórico, relacionando-se com o edifício da Prefeitura Municipal de Oeiras.

A Rua Nogueira Tapety descreve:

> uma suave curva no sentido norte-sudeste bastante agradável ao pedestre, até se abrir no Largo do Canela, onde se descortina a vista da antiga cada de fazenda, incorporada ao perímetro urbano. Esta rua conserva ainda o ritmo e a volumetria do loteamento tradicional, apesar de algumas substituições ou transformações de estilos das fachadas (IPHAN, 2010, pág. 85).



figura 3.6 grupo escolar Costa Alvarenga.

fonte <http://www.annuaire-mairie.fr/photo-oeiras-bresil.html>



figura 3.7 praça Costa Alvarenga.

fonte <http://www.meionorte.com/oeiras/semana-santa-movimenta-cidade-de-oeiras-120105.html>

Houve a construção de platibandas de motivos ecléticos ou art-decó, escondendo os beirais em beira-e-sobeira ou cimalha.

Ao final da Rua Jesuíno Moura, que termina em edificações de interesse para o conjunto, encontram-se nas esquinas duas edificações tombadas podendo ser caracterizadas como marcos para a cidade. À esquerda, o Sobrado João Nepomuceno e à direita a Casa do Visconde de Parnaíba. O eixo da Rua Jesuíno Moura garante uma linha visual bastante interessante para outro marco, o Morro da Cruz, que se encontra ao fundo.

Seguindo no sentido sul, ou seja, para a esquerda, deparamos com a lateral da Igreja de Nossa Senhora da Vitória e logo nota-se a presença de todo o espaço conformado pela Praça das Vitórias e as edificações que limitam esse local.

A Igreja de Nossa Senhora da Vitória é o principal marco do Centro Histórico, com destaque para sua posição elevada e sua torre que pode ser observada em alguns pontos da cidade. Nesse quadrilátero, conformado pela Praça das Vitórias, encontram-se também outros marcos não menos importantes. Seria o primeiro sobrado construído em Oeiras, o Sobrado dos Ferraz, a Casa das 12 Janelas e subindo em direção a Praça das Bandeiras, o conjunto em art-decó, constituído pelo Cine



figura 3.8 casa do Visconde da Parnaíba.
fonte <http://www.fnt.org.br/oeiras-pontosturisticos.php?id=4>



figura 3.9 sobrado João Nepomuceno.
fonte <http://www.panoramio.com/photo/21209800>



figura 3.10 vista aérea da rua Jesuíno Moura no conjunto histórico e paisagístico de Oeiras.

fonte Elaborado pela 19ªSR/IPHAN.

Cine Teatro, a Associação Comercial e o Café Oeiras.

Para a construção dessas edificações em art-decó foi demolida a Casa de Câmara e Cadeia. Em um primeiro momento, esses edifícios "se caracterizavam como estranhos ao contexto arquitetônico colonial, entretanto passadas várias décadas, já se encontram inseridos e gozam de valor histórico e afetivo que justificam o interesse pela sua preservação." (IPHAN, 2010, pág. 84).

A Praça da Bandeira, que circunda o conjunto art-decó, recebeu tratamento paisagístico em 1940 transformando-se no Passeio Público da cidade. Esses marcos, por estarem agrupados, reforçam-se mutuamente, criando um conjunto de marcos digno de registro, "e não apenas por uma questão de somatória." (LYNCH, 1918, pág. 113).

As duas praças, a da Bandeira e a das Vitórias, e o passeio que circunda a Igreja da Vitória, foram constituídas na década de 1970, ao serem cortadas "por vias de circulação de



figura 3.11 sobrado dos Ferraz.

fonte Elaborado pela 19ªSR/IPHAN. autoria Murilo Cunha.



figura 3.12 cine teatro.

fonte Elaborado pela 19ªSR/IPHAN.



figura 3.13 casa das 12 janelas.

fonte Elaborado pela 19ªSR/IPHAN. autoria Elane Coutinho.



figura 3.14 associação comercial.

fonte arquivo pessoal.



figura 3.15 café oeiras.

fonte <http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/11209836.jpg>

de veículos, fracionando o espaço em três praças distintas, deturpando o conceito de unidade da praça pombalina." (IPHAN, 2010, pág. 84)

Mesmo assim, este espaço apoiado nos marcos e em outras edificações configura-se como um grande ponto nodal do qual partem quase todas as ruas que dão forma ao restante do Centro Histórico.

> O primeiro requisito para esse apoio perceptivo é a conquista da identidade por meio da qualidade singular e contínua de paredes, pavimentos, detalhes, iluminação, vegetação, topografia ou linha de horizonte do ponto nodal. O essencial, nesse tipo de elemento, é que seja um lugar distinto e inesquecível, impossível de ser confundido com qualquer outro." (LYNCH, 1918, pág. 113).

As demais edificações que limitam este quadrilátero, encontrando-se alguns imóveis considerados de interesse histórico para o conjunto, estão dispostas ocupando a frente do lote, delimitando este local. "As fachadas do casario apresentam pequena variação entre si, inseridas na tipologia da morada inteira, imprimindo um ritmo interessante. Entretanto houve algumas demolições, descaracterizações e novas construções, que perturbam e interrompem a leitura da praça como um conjunto homogêneo." (IPHAN, 2010, pág. 84).

As intervenções realizadas no Centro Histórico comprometem a sua unidade e deveriam buscar conseguir a permanência das formas que estruturam a cidade.





figura 3.16 e 3.17 conjunto de praças.

fonte <http://turismofapthe.blogspot.com.br/2011/03/iphan-faz-tombamento-de-todo-centro.html>

<http://4.bp.blogspot.com/_8up26-H6DPQ/Se4m-uLdtQI/AAAAAAAAABs/xdYMYTo4DpI/s320/centro-historico-oeiras-vista-aerea-1-praca-das-vitorias-300x212.jpg>



figura 3.18 conservação das fachadas antigas.

fonte <http://farm4.static.flickr.com/3102/3239114288_50a718041c.jpg>

Essa extensão do conjunto histórico, discutida até agora, possui a importante relação visual com o Sobrado Major Selemérico e com a Igreja do Rosário. O sobrado se encontra no sentido sudoeste após o Riacho da Pouca Vergonha. A edificação pode ser considerada um marco também, devido seu porte com dois pavimentos, inserido em uma vizinhança com edificações térreas bastante simples. Já o Riacho da Pouca Vergonha é o primeiro limite que encontramos, do qual foi feito um canal e sua travessia é feita por pontes. A outra relação, que será objeto de estudo desse trabalho, seria entre essa porção baixa do conjunto histórico que se relaciona com a Igreja do Rosário, mais um marco na paisagem, situada em cima de uma colina.

Partindo da Praça das Vitórias em direção a Igreja do Rosário, pela Rua Major Manoel Clementino cruza-se com o Riacho da



figura 3.19 sobrado Major Selemérico.

fonte Arquivo pela 19ªSR/IPHAN. autoria Claudiana Cruz.

Pouca Vergonha que adentra na extensão de terra onde será inserido o equipamento proposto nesse projeto. Ao chegar à Igreja do Rosário, encontra-se um largo a sua frente, adquirindo uma singularidade na paisagem, devido seu contraste marcante sem nenhuma edificação de interesse histórico para o conjunto. Desse local, tem-se a apreensão da extensão da cidade, por situar-se em um ponto de cota mais alta, entretanto prejudicada em certos pontos, seja por edificações novas ou pela vegetação alta. Isoladamente ao sudeste, situa-se a Casa da Pólvora com difícil acesso devido a ruas sem pavimentação.

Percorrendo no sentido oeste, saindo novamente da Praça das Vitórias, chegara a outro limite urbano, o Riacho do Mocha. Nesta área, "a ocupação já estava constituída desde o início do século XIX, cujo desenho urbano espontâneo se assemelha bastante ao da maioria das cidades coloniais brasileiras,



figura 3.20 perspectiva a vôo de pássaro do bairro do Rosário.

fonte Arquivo pela 19ªSR/IPHAN.

com quadras irregulares, becos, travessas e tipologia de morada inteira com coberta de duas águas de cumeeira paralela ao alinhamento da rua." (IPHAN, 2010, pág. 88).

As ruas desse trecho possuem um caráter particular, com quebras de percurso, ruas desalinhadas e de pequeno comprimento, surgindo visuais que terminam em fachadas ou se abrem para largos. "Ao mesmo tempo, mudanças direcionais mais abruptas pode aumentar a clareza visual, ao limitarem o corredor espacial e criarem lugares mais proeminentes para estruturas que sobressaem." (LYNCH, 1918, pág. 62).

Essas qualidades espaciais caracterizam o lugar e conseguem reforçar uma determinada imagem. Houve a construção de um canal na parte que o riacho cruza uma área adensada com habitações, no restante, ele corre naturalmente. Destaca-se a Ponte Grande, construída em 1846, que faz a ligação para uma região da cidade que ainda se encontra em desenvolvimento.

No sentido norte, a partir da Praça das Vitórias, está disposto à área predominantemente comercial da cidade desde suas origens. Essa área é conformada por dois espaços livres, a Praça Visconde da Parnaíba e em seguida a Praça do Mercado que se configuram como pontos nodais na dinâmica da cidade. Os dois espaços evoluíram possivelmente de um lugar de pouso de mercadores e viajantes que praticavam o escambo, posteriormente criando uma feira livre, e em seguida a construção de edificações de caráter comercial, delineando o espaço de hoje.

A Praça do Visconde da Parnaíba tem uma forma retangular cortada por uma via, criando dois triângulos em cotas diferentes. "A parte elevada é a de maior quantidade de imóveis da arquitetura tradicional, forçando uma perspectiva a partir da Casa do Visconde, com o fechamento por uma casa térrea de calçada alta, enquanto na parte mais baixa pequenos comércios estão implantados em lotes desmembrados." (IPHAN, 2010, pág. 85).

O entorno da praça encontra-se bastante descaracterizado. Houve modificações nas fachadas originais, colocação de letreiros comerciais e adição de mais um pavimento nas edificações, perdendo a linha dos telhados. Na porção de baixo da praça, na Rua Cel. Mundico Sá, no sentido norte, estão dispostas residências de estilo vernacular contemporâneo, seguindo a volumetria e a implantação tradicional ocupando a frente dos lotes. No fundo destas residências existe uma área não parcelada de várzea.



figura 3.21 praça do Visconde da Parnaíba.

fonte <http://www.panoramio.com/photo/21209820>

Partindo da praça, no sentido oeste pela Rua Getúlio Vargas encontra-se com o Riacho do Mocha. "O estudo da evolução da malha urbana indica que esta rua é uma das mais antigas de Oeiras, já completamente delineada no final dos setecentos." (IPHAN, 2010, pág. 86).



figura 3.22 vista rua Getúlio Vargas.

fonte Arquivo pela 19ªSR/IPHAN. autoria Diva Figueiredo.

Seguindo pela Rua Candido Sá, no sentido leste, chega-se a Praça do Mercado. Este logradouro, junto com a Praça Mafrense, conforma um grande espaço retangular, do qual se encontram construídos, de forma isolada e centralizada, o Mercado Público e a Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

figura 3.23 vista aérea da praça do Visconde da Parnaíba.

fonte desconhecida





figura 3.24 vista aérea da igreja da Conceição.

fonte Arquivo pela 19ªSR/IPHAN.



figura 3.25 vista aérea do mercado público.
fonte Arquivo pela 19ªSR/IPHAN.

As duas edificações podem ser distinguidas como dois marcos no tecido urbano, com um caráter notório pela sua arquitetura e disposição. Envolta do Mercado Público se ergue uma feira livre precária e improvisada com barracas de estrutura metálica e junto com a descaracterização das edificações circundantes, promovem a degradação visual e a fruição do espaço. Não existe também uma condição adequada de higiene, estendendo esses problemas pela Rua Zacarias Goes.

O certo é que este espaço funciona intensamente um comércio varejista e atacadista, responsável por tudo isso. Na Praça Mafrense funcionou durante o século XVIII o açougue da cidade, sendo desativado e transferido no início do século seguinte para as margens do Riacho do Mocha, próxima da BR-230. Está área também se configurava, até meados do século XIX, como o limite da área urbana de Oeiras.

O crescimento da cidade de Oeiras se deu no sentido leste, assumindo agora uma nova

feição tanto no desenho urbano como na sua imagem. Diversas cidades de caráter marcante sofrem com o crescimento sem fisionomia. O traçado urbano foi resumido em um sistema quadricular, ausente de vitalidade ou particularidade, e a arquitetura das edificações reduziram-se ao aspecto funcional, não surgindo nenhuma de relevância arquitetônica para a cidade. A liberdade de linguagem arquitetônica, abandono de questões morfológicas e a substituição da unidade do conjunto pelo aglomerado podem ser motivos para o resultado da imagem da parte nova da cidade. A imagem resultante da região nova da cidade carece de singularidade e carrega a individualidade como uma característica da sua arquitetura. Não existe mais o apego ao coletivismo na arquitetura, como no que existiu no Centro Histórico, talvez devido à inexistência de normas e regras urbanísticas, mostrando-se como um assentamento urbano independente do conjunto histórico. A verdade é "que precisamos de um ambiente que não seja simplesmente organizado, mas também poético e simbólico." (LYNCH, 1918, pág. 134).

Para a apreensão da cidade, essas duas imagens ressaltam o valor que o Centro Histórico possui, garantindo mais um motivo para que seja preservado e tratado com o devido respeito.



POLÍTICA DE INTERVENÇÕES EM CENTROS HISTÓRICOS

A formação de uma cidade é um processo contínuo, que através de acontecimentos em diferentes momentos lhe atribuem uma personalidade própria e compõem sua alma. A construção de edifícios ou conjuntos urbanos cria, com o passar do tempo, um valor histórico ou sentimental, incorporando à cidade características que devem ser guardadas às futuras gerações. O patrimônio histórico das cidades surge com a responsabilidade e a obrigação de fazer transmitir para os séculos seguintes essa herança.

A inserção do patrimônio urbano na perspectiva histórica ocorreu com um retardamento. De um lado, sua escala, sua complexidade, a longa duração de uma mentalidade que identifica a cidade a um nome, a uma comunidade, a uma genealogia, a uma história de certo modo pessoal, mas que era indiferente ao seu espaço; de outro, a ausência, antes do início do século XIX, de cadastros e documentos cartográficos confiáveis, a dificuldade de descobrir arquivos relativos aos modos de produção e às transformações do espaço urbano ao longo do tempo.

Por muito tempo, a descrição das cidades é realizada apenas por intermédio dos monumentos, cuja importância deles varia conforme os autores e os séculos. O espaço urbano é ausente e existe apenas a preocupação com a cidade do ponto de vista das instituições jurídicas, políticas e religiosas, de suas estruturas econômicas e sociais. Hoje, surgem trabalhos ligados à morfologia das cidades pré-industriais e das aglomerações da era industrial. Um movimento impulsionado pelos estudos urbanos, desempenhando uma verdadeira história do espaço urbano.

A transformação do espaço urbano a partir da revolução industrial despertou o interesse pelo conhecimento histórico, conformando-se como o momento de intensificação de estudos em relação ao Patrimônio Urbano. Novos meios de transporte, novas escalas viárias, novos modos de vida, começaram a interferir no antigo espaço urbano existente. Os primeiros a considerar a cidade em perspectiva histórica e a estudá-la segundo os critérios das formações urbanas contemporâneas são os urbanistas.

Surgiram ao longo do tempo estudiosos com diferentes conceituações sobre intervenções em conjuntos históricos. A autora Françoise Choay, em seu livro A Alegoria do Patrimônio (1925), cita três diferentes abordagens à respeito de intervenções realizadas em conjuntos históricos. Um deles seria Ruskin, que escreve como forma de alertar a população contra as intervenções que a cidade de Paris passaria a sofrer. No seu estudo, a estrutura da cidade era essencial, devendo ser protegida incondicionalmente de qualquer intervenção. A continuidade e contiguidade de uma arquitetura, mesmo modesta, deveriam prevalecer sobre as mudanças que possivelmente queiram fazer para o benefício de todos. Os conjuntos urbanos formados assumiriam o caráter de entidades específicas, dignos de total preservação. A cidade antiga

desempenharia o papel memorial de monumento, sem que aqueles que a construíram e constituíam tivessem a intenção ou consciência disso.

Ruskin recusa-se a compactuar com a transformação do espaço urbano, querendo viver a cidade histórica no presente. No presente trabalho, não se concorda com esta posição de Ruskin. Pretende-se contrapor as partes do passado da cidade com as do presente, lutando por um convívio brando, pois as duas são solidárias. Logo, independente de como agir, seja intervindo nas edificações antigas ou realizando construções novas, deve-se buscar uma identidade ao conjunto urbano de forma a manter sua dinâmica.

A proposta do Serviço Oeirense de Multiatividades, inserida no Centro Histórico, aproxima-se mais do estudo do arquiteto e historiador Camillo Sitte. Este tem uma visão contrária à de Ruskin, propondo que a cidade antiga, tornada obsoleta pelo surgimento da sociedade industrial, não seja esquecida, mas que requeira uma reflexão. Em seu estudo, ocorre uma constatação limitada e precisa que a cidade contemporânea carece de qualidade estética. Isso não se trata de condenar a cidade contemporânea, como Ruskin faz, mas com a intenção de tomar consciência das dimensões técnicas, econômicas e sociais que a sociedade industrial sofreu com as transformações, implicando na necessidade de mudanças no espaço.

Camillo Sitte utiliza-se da morfologia urbana ao analisar preliminarmente as disposições espaciais das cidades antigas, buscando compreender as diferentes configurações que sempre irradiaram beleza. Essa não é apenas uma análise histórica, mas uma maneira de tentar aprender lições com a cidade antiga. Sitte não propõe uma cópia ou reprodução do passado, acredita em conjuntos de caracteres formais, comuns aos diferentes espaços públicos antigos, que com sua atemporalidade pudesse ser aplicado hoje.

A intervenção proposta procura caminhos de uma criação contemporânea que responda as necessidades atuais, sempre ligados aos princípios de uma análise das formas históricas. Não se propõe a colocação dessas cidades em uma redoma, mas a vontade de preservar, respeitando o sítio histórico tradicional, criando novos espaços vizinhos que seguem os novos critérios compatíveis as necessidades atuais. Ocorreria, portanto, um respeito à cidade antiga, sem deixar de propor modernizações nas áreas próximas.

Uma terceira abordagem surge na obra de Giovannoni, que atribui um valor de uso museal simultaneamente aos conjuntos urbanos, integrando-os numa concepção geral da organização do território. Para Giovannoni, as antigas malhas urbanas devem receber um tratamento conveniente, sem que sejam implantadas atividades incompatíveis com sua morfologia, ganhando o mesmo valor que os monumentos históricos e artísticos possuem e impulsionando no

processo de invenção de novas configurações espaciais.

As três abordagens fazem parte do estudo do patrimônio urbano, que com a mundialização dos valores e das referências, contribui para sua expansão, que pode ser notada com o acontecimento de inúmeras assembleias realizadas em diferentes momentos e lugares, onde foram publicadas cartas patrimoniais. Cartas estas que ditam princípios e baseiam intervenções de preservação e restauro como o presente trabalho de graduação.



DISPOSIÇÕES RELATIVAS À ÁREA DE INTERVENÇÃO

O Estatuto da Cidade, em seu capítulo III conta com disposições relativas ao Plano Diretor. Portanto, em seu artigo 41, vem a seguintes recomendações:

> Art. 41. O plano diretor é obrigatório para cidades:
> I – com mais de vinte mil habitantes;
> II – integrantes de regiões metropolitanas e aglomerações urbanas;
> III – onde o Poder Público municipal pretenda utilizar os instrumentos ou atividades no 4º do art. 182 da Constituição Federal;
> IV – integrantes de área de especial interesse turístico;
> V – inseridas na área de influência de empreendimentos ou atividades com significativo impacto ambiental de âmbito regional ou nacional. (ESTATUTO DA CIADE, 1991).

A cidade de Oeiras encaixa-se no primeiro item deste artigo, possuindo cerca de 35mil habitantes. Logo, já deveria existir um Plano Diretor que assegurasse para a população que fosse atendida suas necessidades quanto à qualidade de vida e organização do espaço. A política urbana de Oeiras deveria buscar ordenar o desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana, seguindo diretrizes, em prol do bem coletivo. A participação da população e de associações representativas dos vários segmentos da comunidade se fazem necessárias para formulação, execução e acompanhamento de planos, programas e projetos possivelmente propostos. Consequentemente, o desenvolvimento e planejamento da cidade necessitam dessas diretrizes para balizar, de modo a evitar e corrigir as possíveis distorções do crescimento urbano, minimizando os efeitos negativos sobre o meio ambiente.

Oeiras conta apenas com o Código de Posturas, que apresenta:

> "finalidade instituir as medidas as medidas de polícia administrativa a cargo do município em matéria de higiene pública, do bem-estar público, da localização de funcionamento de estabelecimentos comerciais, industriais e prestadores de serviços, bem como as correspondentes relações jurídicas entre o Poder Público Municipal e os Munícipes." (CÓDIGO DE POSTURAS, 1990)

Esse código encontra-se defasado frente às necessidades da cidade. Na falta da Lei de Uso e Ocupação do Solo, o equipamento proposto segue diretrizes gerais conhecidas de outras disposições, ansiando não ir contra o bem coletivo, motivado pelo objetivo de ser um projeto transformador para Oeiras.



figura 5.1 mapa de localização na cidade.
fonte arquivo da 19ªSR/ IPHAN

A extensão de terra da qual o equipamento será inserido, situa-se dentro da poligonal de entorno de tombamento do conjunto histórico e arquitetônico de Oeiras. Ela é definida pelas ruas Maj. Manoel Clementino, Clodoaldo Freitas, Padre Freitas, Raimundo Brandão, Cazé Sá, João Paulo II e Nossa Senhora do Rosário, localizada entre o Centro e o Bairro do Rosário.



figura 5.2 rua major manuel clementino.
fonte arquivo pessoal



figura 5.3 rua clocoaldo freitas.
fonte arquivo pessoal



figura 5.4 rua cazé sá.
fonte arquivo pessoal



figura 5.5 rua joão paulo II
fonte arquivo pessoal



figura 5.6 rua joão paulo II
fonte arquivo pessoal



figura 5.7 rua nossa senhora do rosário.

fonte arquivo pessoal



figura 5.8 rua nossa senhora do rosário.

fonte arquivo pessoal



figura 5.9 rua nossa senhora do rosário.

fonte arquivo pessoal

O mapa a seguir demarca este perímetro e mostra a relação do terreno com a área tombada. Em amarelo, seria a região tombada da cidade, devendo existir proteção rigorosa, e em verde uma área de transição, com restrições mais brandas, mas de grande importância para consolidação do tombamento.

Para melhor compreensão da área, no anexo existem mais dois mapas referentes a área tombado, um com os usos atuais e outro informações quais são os imóveis tombados e de interesse para o conjunto.

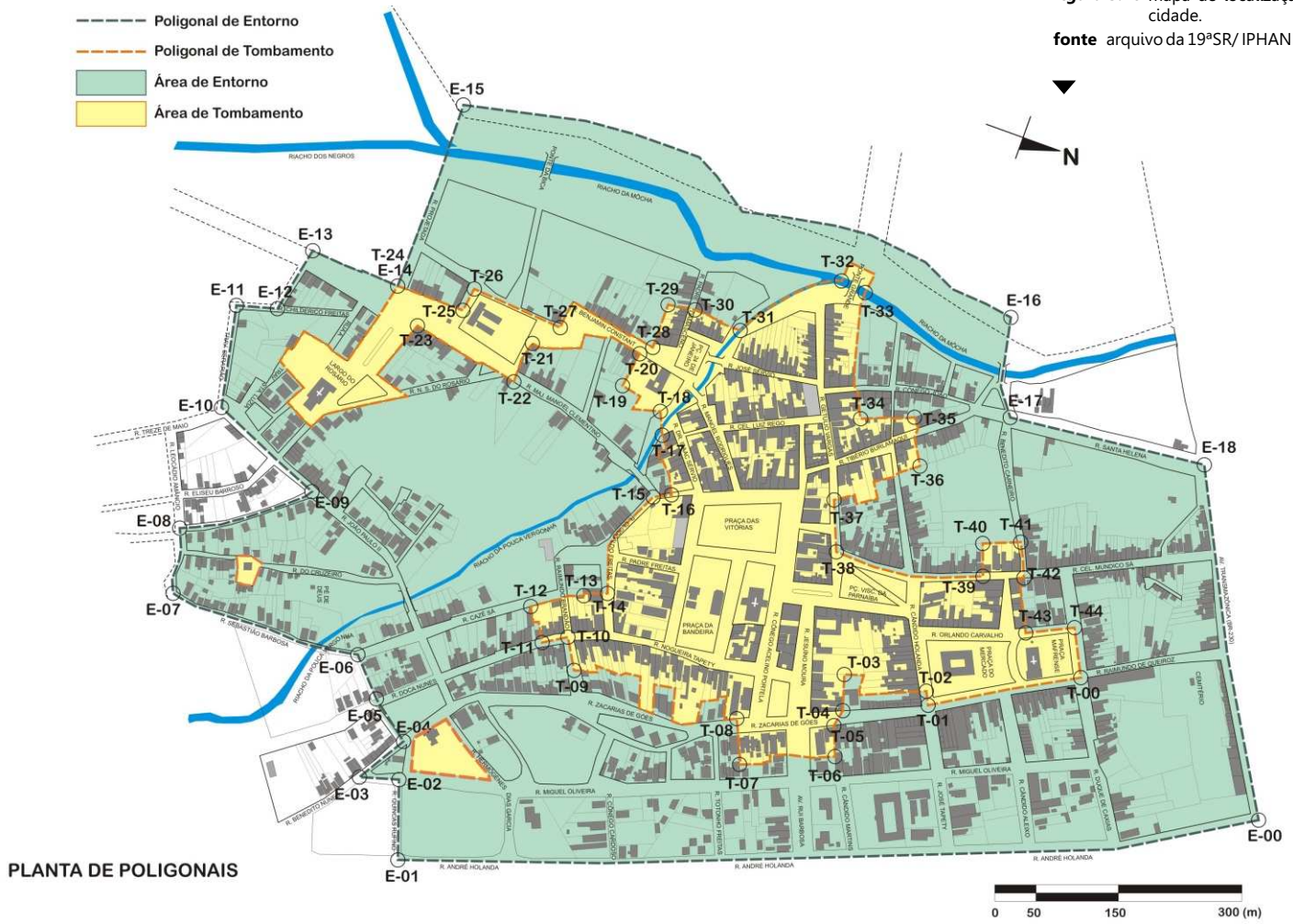


figura 5.10 mapa de localização na cidade.
fonte arquivo da 19ªSR/ IPHAN

Por o terreno estar na área de entorno do Centro Histórico, disposições conferidas pelo dossiê de tombamento, são tomadas como base para o êxito na formulação do projeto. "As diretrizes apresentadas são de caráter geral, com a finalidade de conciliar as funções urbanas, o desenvolvimento econômico e a permanência dos elementos que conferem distinto valor cultural à paisagem urbana tombada." (IPHAN, 2010 – pág. 127). O plano diretor, se existisse, contemplaria estas recomendações.

O Riacho da Pouca Vergonha, que corta a porção de terra, tem suas margens estabelecidas como área de interesse paisagístico e ambiental, requerendo a proteção de 30m a partir de cada margem, conforme o Código Florestal Brasileiro. A Colina do Rosário, conformada na parte sul do terreno, também recebe a recomendação anterior e acrescenta a restrição de ser uma área não edificante e restrita de parcelamento. Prosseguindo a recomendação, estimula-se nessa região o uso de lazer ativo e contemplativo. Consequentemente, toma-se partido dessa restrição e propõe o centro de multiatividades neste local, com o intuito de mostrar o potencial da área que se encontra abandonada, sem nenhuma perspectiva de revitalização. Ao ir contra a restrição de ser um espaço não edificante, a intenção não vem a ser uma afronta aos responsáveis técnicos pelo tombamento, mas de lhes mostrarem que é possível fazer uma intervenção no conjunto histórico, garantindo uma valorização de toda essa localidade e a manutenção da ambiência.

O terreno do presente trabalho encontra-se não parcelado, tornando-se uma grande porção de terra dentro da poligonal de entorno. A partir da Rua João Paulo II, iniciam-se duas pequenas ruas, sem saída e sem nomes, em direção ao centro da extensão de terra. Outra rua, perpendicular a essas, faz a ligação entre elas, surgindo nesse ponto um princípio de ocupação do interior do terreno. Algumas das casas estão consolidadas e outras começam a ser erguidas. Essa ocupação se configura como irregular, pois avança sobre a área de proteção permanente do Riacho da Pouca Vergonha, e não é servida por infraestruturas básicas, como água e esgoto.



figura 5.11 foto ocupação.
fonte arquivo pessoal.



figura 5.12 foto ocupação.
fonte arquivo pessoal.



figura 5.14 foto ocupação.
fonte arquivo pessoal.

A inserção desse projeto necessitou retirar as casas menos consolidadas e que apresentavam pior condições de moradia, como outras que se faziam pontuais no terreno.



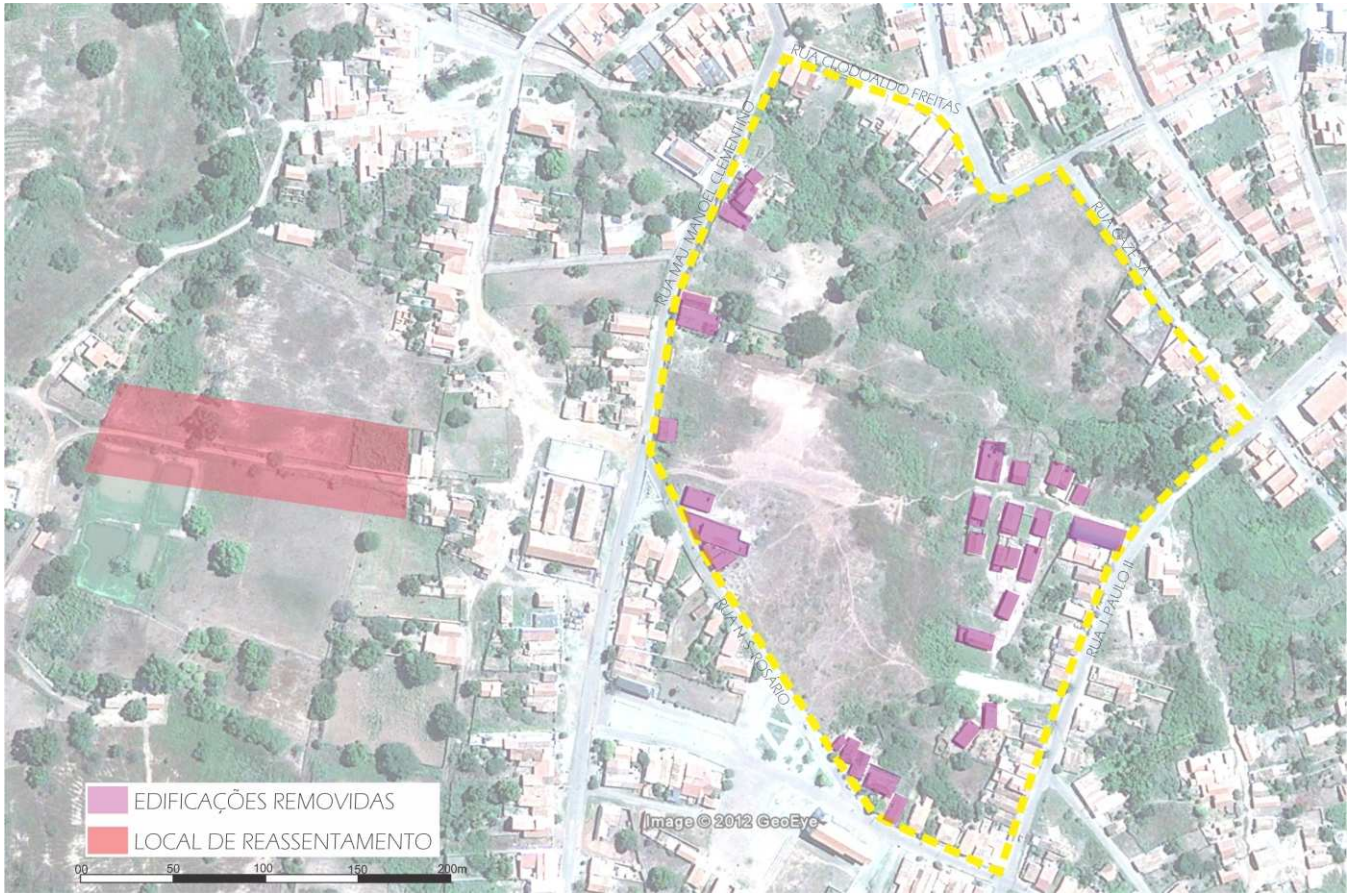
figura 5.13 foto ocupação.
fonte arquivo pessoal.

As construções que estão viradas para a lateral da Igreja do Rosário, pela Rua Nossa Senhora do Rosário, também serão retiradas. Essa medida busca eliminar quaisquer obstáculos visuais entre as igrejas. Uma dessas construções serve de posto de saúde para a comunidade, logo se propõe a mudança deste serviço para o local demarcado no mapa. Nesse local, ainda dentro da extensão de terra trabalhada, contém hoje um galpão com coberta metálica. Nas disposições de tombamento, recomenda-se que não deve existir coberturas assim, logo este imóvel teria que ser demolido e a ideia é que o posto de saúde seja construído no lugar. As famílias que foram removidas seriam transferidas para um local próximo, assinalado no mapa, permanecendo ainda dentro da poligonal de entorno do sítio tombamento. Dessa forma, as relocações para esse lugar tentam diminuir o grande impacto das remoções

e possibilitar a adequada construção do equipamento. Os conjuntos de casas mais antigos, situados dentro do terreno, são mantidos e buscam ser integrados ao projeto por meio do parque.

As disposições de tombamento em relação ao terreno utilizado para o projeto terminam ressaltando que "deve ser preservada a relação visual, propiciada pela topografia, entre o Largo do Rosário e a Praça das Vitórias, impedindo novas construções das Vitórias, impedindo novas construções nas encostas da colina." (IPHAN, 2010 – pág. 131). Como já dito antes, essa restrição de impedimento de novas construções não é seguida pelos devidos motivos. Entretanto, busca ser atendida a recomendação da qual ressalta que as novas construções não devem interferir na ambiência da área tombada, motivada pela preservação das relações volumétricas, pontuando que a intervenção é de caráter contemporâneo.

figura 5.15 mapa remoções.
fonte base google earth.





PROGRAMA DE NECESSIDADES

ATIVIDADES SOCIOCULTURAIS

1. ÁREA DE CONVIVÊNCIA

Espaço de "estar" da unidade com a função de acolhimento das pessoas. A apropriação do espaço se dá de diferentes maneiras. Seja quando utilizado como ambiente de leitura de revistas e jornais e de conversas informais pelo público, ou prestando-se como local de exposições, passando a se comportar como uma Praça coberta do equipamento. Sua configuração pode ser variada com a aplicação de mobiliários, expressando usos diferenciados. Ressalta-se também a utilização por rodas de estórias para crianças, performances teatrais e apresentações musicais. Integrado visualmente e fisicamente ao centro, permite acesso fácil às principais instalações.

AMBIENTES:
- Salão de Convivência;
- Sanitários;
- Depósito;

2. TEATRO

Com capacidade para 280 pessoas, esta sala de teatro tem a pretensão de ser adequada para diferentes usos. Podendo ocorrer apresentações de artes cênicas, sejam dança e teatro, como também de música acústica ou amplificada, deverá comportar ainda a realização de seminários e palestras. Prevendo-se um acesso exclusivo externo, não excluindo a sua ligação direta com o centro, o teatro poderá funcionar independente das outras instalações, a fim de promover eventos realizados por outras instituições.

AMBIENTES:
- Foyer;
- Plateia;
- Palco;
- Áreas de Apoio: camarins; sala técnica; cabine de som e luz; copa; depósitos de cenário; oficina; doca; e sanitários.

3. PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO

Composta por uma lanchonete do tipo fast-food e um restaurante self-service, possuindo uma área comum de mesas, este espaço pretende estar próximo ao Riacho do Mocha O restaurante e a lanchonete disporão diariamente de refeições e lanches, tanto durante a semana para os usuários do centro, como no lazer do final de semana. O centro tem como proposta que o restaurante ofereça refeições subsidiadas, prestando grande colaboração educativa na nutrição dos seus frequentadores.

No conjunto da cozinha são previstos espaços de apoio para preparo e produção

dos alimentos, como uma cozinha experimental independente que será utilizada nos cursos. Com um acesso direto para a rua, a carga e descarga de materiais serão facilitadas, impedindo que esta atividade passe pelas áreas de público. O centro contará também com uma Estação de Educação Ambiental, logo a cozinha terá um pequeno depósito para lixo orgânico "vivo", que será empregado na experiência de compostagem.

AMBIENTES:
- Área de mesas;
- Auto serviço;
- Lanchonete;
- Cozinha (restaurante);
- Áreas de Apoio: câmara fria; preparo de alimentos; refeitório (funcionários); sanitários; refeitório (administração); cozinha experimental; sanitários.

4. SALAS

- Uso Programático Flexível: espaços reversíveis que se adaptam às diferentes necessidades da programação ofertada das áreas de desenvolvimento corporal e da área sociocultural. Estas salas são utilizadas para programas da terceira idade, atividades escolares, prática de dança, atividades físicas, exposições didáticas, aulas abertas e atividades recreativas com jogos. Composto por cinco salas, que podem ser unidas através de divisórias retráteis.
- Oficinas Culturais: salas amplas que buscam o maior conforto e boa acomodação das turmas, procurando atender a diferentes possibilidades educativas relacionadas com o "fazer" cultural. A dinâmica educativa em grupo está sempre presente nas oficinas, cursos e workshops realizados, estando ligados a cultura digital, artes plásticas e visuais, literatura, palestras, artesanato, cinema e animação, como também outras de caráter educativo mais formal que complementam as atividades escolares.
- Tecnologia e Internet: configurada para acontecer atividades orientadas através de computadores, e não o acesso livre à internet, que pode ser feito na cafeteria, biblioteca ou em outros ambientes de convivência, estas salas são equipadas para acesso à internet e atividades ligadas às novas tecnologias. As salas possuem também um posto de recepção e atendimento.

5. BIBLIOTECA

Espaço reservado para as atividades de leitura. Com acervo amplo (literatura – ficção, contos, novelas, romances – dos clássicos aos nacionais e internacionais contemporâneos), a Biblioteca apresenta ambientação de apoio aos leitores, com salas coletivas e individuais. Abordando um programa diferenciado, este espaço tenta romper com parte do tédio que possa vir a envolver a prática da leitura, pensando em espaços inovadores, sem descaracterizar os princípios desta atividade cultural.

6. ESCOLA DE FORMAÇÃO MUSICAL COMPLEMENTAR

Tem a função de promover entre crianças, jovens e adultos o aprendizado musical que inclui o desenvolvimento da percepção musical e harmonia, através da prática de instrumentos musicais ou com a voz. Composta por salas de atividades individuais e coletivas, conta também com um mini-auditório para 100 pessoas e com total estrutura de apoio para funcionamento do centro de música.

AMBIENTES:
- Recepção;
- Salas para atividades individuais;
- Sala para atividades coletivas;
- Mini-auditório:
- Sala para guarda de instrumentos;
- Sala dos conservadores e instrutores;
- Sala de reuniões;

7. ANFITEATRO

8. LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA

9. ESTAÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental procura incentivar a criação de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental, relacionando a humanidade com a natureza. Propõe ser uma área que abrigue exposições permanentes, motivado pela importância dada a este tema ultimamente, contando com uma sala de oficina para realização de atividades.

AMBIENTES:
- Área de exposições;
- Oficina:

ATIVIDADES ESPORTIVAS

1. GINÁSIO

Composto por uma quadra poliesportiva, arquibancadas destinadas para eventos, espetáculos esportivos e torneios, como também áreas de apoio para seu adequado funcionamento. O ginásio conta com uma cobertura com tratamento acústico, permitindo uso ininterrupto e sistema lateral de ventilação, favorecendo o conforto térmico no seu interior. Possui também uma área recreativa ao lado da quadra, o que garante uma ocupação intermitente, ainda que a realização de jogos, treinos e campeonatos, em diferentes modalidades seja o uso principal do espaço.

AMBIENTES:
- Quadra Poliesportiva (20m x 40m);
- Área Recreativa;
- Arquibancada;
- Vestiários;
- Depósitos:

2. QUADRAS POLIESPORTIVAS EXTERNAS

Com a variedade de modalidades que se pode atender, são pensadas duas quadras externas ambas com dimensões de 27m x 16m, atendendo a diversas modalidades, como voleibol, futsal, handebol, tênis e basquete.

3. CANCHA DE AREIA

Com o intuito de complementar as instalações das quadras, é proposto uma cancha de areia com dimensões de 27 x 18m, permitindo a prática de vôlei e futebol, como também de atividades adaptadas.

.4. SALAS

- Ginástica Multifuncional: funciona como uma academia, na qual são dispostos aparelhos de ginástica em um espaço comum contíguo, visando à melhoria da força e tônus muscular, do equilíbrio, da capacidade respiratória e do condicionamento físico geral dos usuários.

AMBIENTES:
- Sala de aparelhos;
- Sala de avaliação física;
- Depósito;
- Recepção;

- Atividades Físicas: atende a atividades ofertadas pelo centro permanentemente, sendo realizadas em grupo com orientação de profissionais qualificados. As atividades buscam a melhoria da saúde e do bem-estar, como encontramos na Yoga e Tai Chi Chua e em outras atividades aeróbicas como dança e artes marciais.

AMBIENTES:
- Salas;
- Depósito
- Vestiários

PISCINA SEMIOLÍMPICA:

Este espaço cumpre a função de iniciação e aprimoramento na atividade de natação e oferece também outras atividades, como a hidroginástica. Existe também uma área de deck e arquibancadas para o público ser acomodado durante eventos e competições. A piscina conta com adaptação para acesso de portadores de deficiência localizado na parte mais rasa, podendo adentrar ao tanque sozinho.

AMBIENTES:
- Piscina semiolímpica (25m x 12,5m);
- Área do deck;
- Arquibancada;
- Sala para treinadores;
- Sala para exame médico
- Sala dos tratadores;
- Sala para atendimento de urgência;
- Depósitos (materiais e manutenção);
- Casa de máquinas;
- Vestiários;

ATIVIDADES RECREATIVAS

1. ÁREA EXTERNA

Espaço ao ar livre configurado com a inserção de equipamentos lúdicos em madeira e por equipamentos para exercício físico, sendo conformado através do paisagismo e pela topografia criada. Tem seu uso contínuo e amplo, propondo ser mais um espaço de estar, além de integrar todas as outras áreas do centro.

2. ÁREA INFANTIL INTERNA

Destinado ao público infantil, tem a função de promover atividades orientadas a partir de jogos de mesas, brinquedos, leituras, teatro de fantoches ou marionetes, entre outras. O espaço contém uma ambientação própria, que incentiva a imaginação e criatividade das crianças, tentando encontrar uma atmosfera agradável para a prática das atividades.

INSTALAÇÕES ADMINISTRATIVAS

1. SAGUÃO DE RECEPÇÃO, INFORMAÇÕES, MATRÍCULAS E INSCRIÇÕES

Espaço integrado à área de convivência, destinado ao atendimento do público que ingressa ao centro, servindo para divulgar as programações desenvolvidas e realizar os procedimentos de matrículas e inscrições.

2. NÚCLEO GERENCIAL

Conjunto de instalações que comportam o quadro gerencial, administrativo e técnico do, oferecendo o devido suporte para funcionamento do centro.

AMBIENTES:
- Secretaria e Recepção;
- Setor de Programação;
- Setor Social;
- Setor de Artes Gráficas e preparo de materiais;
- Setor Esportivo
- Sala de Reuniões;
- Sala de Gerência (com sanitário);
- Sala Gerente Adjunto;
- Sala de Administração (caixa, tesouraria, cofre);
- Sala de Encarregado do Setor Administrativo;
- Sala de Encarregado do Setor Social;
- Sala de Reprografia;
- Sala de Informática
- Sala Médica;
- Copa;
- Sanitários;

INSTALAÇÕES DE APOIO OPERACIONAL – MANUTENÇÃO E SERVIÇO

Conjunto de áreas de manutenção e serviços que dão suporte a infraestrutura da edificação, realizando atividades de conservação e limpeza, como também outras para garantir o funcionamento do centro em condições adequadas.

AMBIENTES:
- Sala de Apoio e Supervisão;
- Oficinas (divididas em manutenção predial, elétrica e carpintaria);
- Sala de Segurança CFTV;
- Almoxarifado Geral;
- Depósito Geral;
- Depósito de Material de Limpeza;
- Serviços Gráficos;
- Refeitório;
- Área de Estar Coberta;
- Vestiários;
- Depósito de Lixo;

QUADRO DE ÁREAS

ÁREA QUADRA: 83.874,62m²

ÁREA TERRENO: 66.848,13m²

ÁREA CONSTRUÍDA: 19994,67m²

ÁREA ÚTIL: 15325,92m²

AMBIENTE	ÁREA
Área de Convivência	
Recepção	25,36m²
Depósito	34,21m²
WC Acessível	4,06m²
WC Acessível	4,09m²
WC Masculino	11,22m²
WC Feminino	11,75m²
D.M.L.	6,55m²
Circulação	1089,79m²
Torre Caixa D'água	6,55m²
Jardins	403,65m²

TOTAL: 1597,23m²

AMBIENTE	ÁREA
Auditório	
Foyer	224,03m²
Cabine de Luz	16,73m²
Cabine de Som	16,73m²
Ante-Câmara	16,89m²
Ante-Câmara	16,89m²
Platéia	263,74m²
Palco	248,01m²
Palco	86,99m²
Circulação	116,54m²
WC Feminino	17,45m²
WC Masculino	15,62m²
WC Acessível	3,00m²
WC Acessível	3,00m²

D.M.L.	2,85m²
D.M.L.	1,53m²
Depósito	51,29m²
Camarim 01	11,42m²
WC camarim 01	1,84m²
Camarim 02	11,54m²
WC camarim 02	1,84m²
Camarim 03	23,95m²
WC camarim 03	1,84m²
Copa	13,01m²
Oficina	56,12m²
Depósito	27,80m²

TOTAL: 1250,65m²

AMBIENTE	ÁREA
Serviço	
D.M.L.	45,21m²
Depósito de Lixo	18,59m²
Circulação	293,26m²
Subestação	25,20m²
Oficina de Manutenção	17,95m²
Oficina de Manutenção	17,95m²
Oficina de Manutenção	17,95m²
Almoxarifado Geral	55,73m²
Depósito Geral	61,70m²
Serviços Gráficos	14,09m²
Sala de Apoio e Superv.	23,37m²
Sala de Segurança	23,34m²
Vestiário Masculino	24,34m²
Vestiário Feminino	24,00m²
Jardim	78,28m²

TOTAL: 740,93m²

AMBIENTE	ÁREA
Ginásio Poliesportivo	
Quadras	1501,69m²
Circulação	198,89m²
D.M.L.	2,00m²
Vestiário Masculino	55,26m²
Vestiário Feminino	36,89m²
Depósito	8,45m²
Depósito	10,87m²
Arquibancadas	135,02m²
Jardim	159,45m²

TOTAL: 2108,52m²

AMBIENTE	ÁREA
Escola de Música	
Mini-Auditório	159,16m²
Circulação	146,72m²
Guarda Instrumentos	20,25m²
Sala Ativid. Individuais	13,58m²
Sala Ativid. Individuais	13,58m²
Sala Ativid. Individuais	13,58m²
Sala Ativid. Individuais	13,58m²
Sala Ativid. Individuais	13,44m²
Sala Ativid. Individuais	13,44m²
Sala Ativid. Coletivas	56,78m²
Jardim	78,28m²
Sala Ativid. Coletivas	57,75m²
Sala de Reunião	23,53m²
D.M.L.	2,49m²
WC Acessível	2,99m²
WC Acessível	2,99m²
WC Feminino	8,00m²
WC Masculino	8,00m²
Sala dos Conserv. e Instrum.	8,00m²
Recepção	26,62m²
	TOTAL: 661, 18m²

AMBIENTE	ÁREA
Administração	
Secretaria e Recepção	25,87m²
Circulação	49,73m²
Copa	15,74m²
Setores	120,64m²
Reprografia	12,98m²
Sala Setor Administ.	14,96m²
Sala Setor Esportivo	14,96m²
Sala Setor Social	14,93m²
Sala Gerente Ajunto	14,96m²
Sala Gerente	14,12m²
WC Gerente	2,88m²
Tesouraria	17,46m²
Sala de Reunião	18,32m²
D.M.L.	3,39m²
WC Acessível	2,99m²
WC Acessível	2,99m²
WC Feminino	8,34m²
WC Masculino	9,67m²
Sala de Médica	15,47m²
Sala de Informática	15,72m²
	TOTAL: 396,12m²

AMBIENTE	ÁREA
Bloco 01	
Biblioteca	260,15m²

TOTAL: 260,15m²

AMBIENTE	ÁREA
Bloco 02	
Área de Mesas	203,33m²
Jardim	12,96m²
Lanchonete	16,98m²
Cozinha	9,85m²
Circulação	21,41m²
Refeitório Funcionários	26,85m²
Cozinha Experimental	64,23m²
WC Acessível	3,00m²
WC Acessível	3,00m²
WC Feminino	10,83m²
WC Masculino	11,28m²
Sala Infantil	96,76m²
Lab. de Fotografia	47,71m²
Câmara Escura	9,52m²
Ofic. Educação Ambient.	102,05m²
Área de Exposições	36,70m²
Circulação	168,15m²
Circulação	166,38m²
Cozinha	122,42m²
Preparo de Alimentos	28,31m²
Depósito	49,35m²
Câmara Fria	31,86m²
Circulação	20,24m²
Refeitório	39,60m²
Vestiário Func. Feminino	23,25m²
Vestiário Func. Masculino	23,60m²

TOTAL: 1349,62m²

AMBIENTE	ÁREA
Bloco 03	
Circulação	246,36m²
Oficinas Culturais	80,57m²
Oficinas Culturais	80,31m²
Sala de Cont. e Manut.	13,39m²
Circulação	12,72m²
Sala de Tecn. e Internet	50,37m²
Sala de Tecn. e Internet	50,30m²
WC Acessível	3,25m²
WC Acessível	3,25m²
WC Feminino	11,60m²
WC Masculino	11,12m²

Circulação	167,48m²
Salade Uso Prog. Flexível	51,17m²
Salade Uso Prog. Flexível	50,85m²
Salade Uso Prog. Flexível	50,85m²
Salade Uso Prog. Flexível	50,91m²
Salade Uso Prog. Flexível	51,17m²

TOTAL: 985,67m²

AMBIENTE	ÁREA
Bloco 04	
Sala Ginástica Multifunc.	236,92m²
Depósito	23,65m²
D.M.L.	6,63m²
Depósito	25,57m²
Sala de Avaliação	23,44m²
WC Sala de Avaliação	2,88m²
Circulação	214,23m²
WC Acessível	3,00m²
WC Acessível	3,00m²
Vestiário Feminino	31,47m²
Vestiário Masculino	31,22m²
Sala de Ativid. Físicas	63,95m²
Sala de Ativid. Físicas	63,95m²
Sala de Ativid. Físicas	63,95m²

TOTAL: 793,86m²

AMBIENTE	ÁREA
Área Piscina	
Piscina	312,50m²
Área Molhada	1883,77m²
Laje Impermeabiliz.	101,76m²
Laje Jardim	360,20m²
Circulação	49,52m²
Sala Atend. de Urgência	15,97m²
Sala para Exame Médico	19,52m²
Sala Treinadores	22,24m²
Sala Tratadores	15,86m²
Vestiário Feminino	27,32m²
Vestiário Masculino	30,47m²
Depósito de Manutenção	12,00m²
Depósito de Materiais	12,00m²
Casa de Máquinas	15,75m²

TOTAL: 2878,88m²

AMBIENTE	ÁREA
Praça	
Cancha de Areia	410,75m²
Jardim	975,97m²
Anfiteatro	52,39m²
Quadras	864,00m²

TOTAL: 2303,11m²



MEMORIAL DESCRITIVO DO PROJETO ARQUITETÔNICO

PARTIDO ARQUITETÔNICO

O local é a Colina do Rosário e esse já definiu o partido arquitetônico do projeto. A partir das disposições relativas ao tombamento e preservação do conjunto histórico de Oeiras, do qual definiam a extensão de terra escolhida para o projeto como uma área "de interesse paisagístico e ambiental, non aedificandi, com restrição de parcelamento e destinadas ao uso de lazer ativo e contemplativo (parques e passeios públicos)" (IPHAN, 2010, pág. 128) se configurou a proposta. Viu-se nessas disposições a possibilidade de conciliar o uso sugerido e estimulado com a porção de terra não utilizada dentro do conjunto histórico para pautar a arquitetura a ser construída.

A disposição que recomenda tratar esta área como non aedificandi é contornada ao propor uma edificação construída abaixo do nível natural do terreno, com a cobertura das mesmas funcionando como praças ajardinadas, circundadas por vegetação, de maneira a integrar a massa construída ao parque urbano a ser criado. Essa alternativa escolhida, mantém a relação visual entre a Igreja de Nossa Senhora da Vitória e a Igreja do Rosário, além de não interferir de maneira brusca na ambiência do sítio tombado.

A construção deste equipamento na Colina do Rosário pode trazer à tona o questionamento sobre o não cumprimento da recomendação de tombamento e preservação do conjunto histórico, mas acredita-se que esta porção de terra de grande valor dentro da poligonal de entorno possa ser utilizada da maneira como o projeto vem a ser proposto. Para isso, as praças ajardinadas citadas, funcionam como um prolongamento da Praça da Igreja do Rosário e servem de coberturas para grande parte dos espaços compreendidos no programa de necessidades elaborado. Os espaços com necessidade de maior pé-direito buscam ser alocados e imersos a partir da cota mais alta do terreno. Essa tomada de decisão garante a criação de diferentes níveis de praças, seguindo o caimento natural do terreno e alocando sempre sob elas os espaços necessários.

Devido a grande proporção do programa de necessidades, uma parte da edificação também é distribuída a partir do início da colina, enterrando-as em parte, respeitando a linha de visual entre as igrejas. Optou-se por, nessa parte da edificação, dispor salas de atividades socioculturais e esportivas, devido seu maior fluxo e a necessidade de iluminação natural, além de incentivar o seu contato com a natureza.

Tirou-se proveito do Riacho da Pouca Vergonha, que corta a extensão do terreno, para revitalizá-lo, respeitando os 30m de área de proteção a partir do leito do riacho, executando sua canalização da mesma

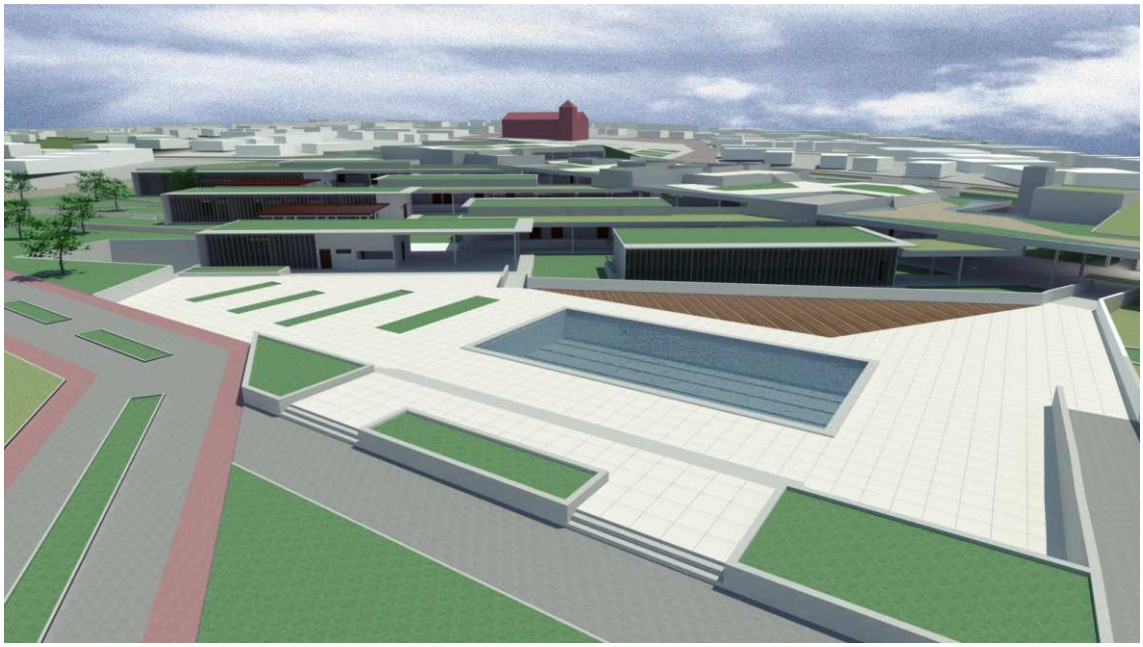


figura 7.1 perspectiva vôo de pássaro - vista Igreja do Rosário.
fonte desenvolvido pelo aluno.

maneira do Riacho do Mocha e criando em suas margens uma massa verde que se conforma como um parque, garantindo sua apropriação pela população. A maior parte do equipamento foi alocada na margem sul, seguindo em direção a Igreja do Rosário. Para não segregar a margem oposta, escolheu-se inserir as quadras esportivas, a cancha de areia e o anfiteatro incitando um contínuo fluxo entre as margens, possibilitando uma total integração com a cidade.

Acreditando na importância da adaptação do projeto ao local construído, que dispõe de altas temperaturas constantes, criam-se mecanismos que buscam amenizar as condições climatológicas para tornar o uso dos espaços de modo contínuo e confortável. A utilização de pés-direitos altos e a criação aberturas em diferentes pontos propiciam uma boa circulação de ar dentro do equipamento a ser construído, além de valorizar a luz e a sombra como elementos expressivos na arquitetura.

A intenção final do projeto vem a ser a criação de um lugar que congrega diferentes espaços agradáveis, que convidam ao encontro de pessoas e neles são estimulados a permanecer e praticar as atividades oferecidas pelo centro ou simplesmente contemplar o entorno e a paisagem construída. Não se faz esquecido o próprio local onde está inserido o equipamento, ou seja, o protagonista disso tudo é o conjunto histórico e esse projeto vem

apenas a engrandecer e qualificar seu valor na cidade de Oeiras. A arquitetura do centro expressa uma visão de convívio com o entorno e não de espetáculo midiático, manifestando a vontade de criar um espaço transformador da realidade local a partir das atividades oferecidas. Dessa forma, a intenção do trabalho não se resume a ser apenas um projeto isolado, mas proteger a memória conquistada até o presente momento e constituir um novo cenário que concilie o passado, o presente e o futuro, extraindo disso tudo a continuação da história.

figura 7.2 implantação do SOMA na cidade.

fonte desenvolvido pelo aluno.



ESPACIALIZAÇÃO DO PROGRAMA DE NECESSIDADES

Com a elaboração do programa de necessidades do SOMA, formulou-se um fluxograma geral no qual se definem e conciliam-se as exigências de cada espaço proposto. O programa de necessidades é compreendido por cinco grandes áreas, que são: atividades socioculturais, atividades esportivas, atividades recreativas, instalações administrativas e instalações de apoio. Essas áreas se subdividem em diversos espaços e conformam a estrutura funcional do centro.

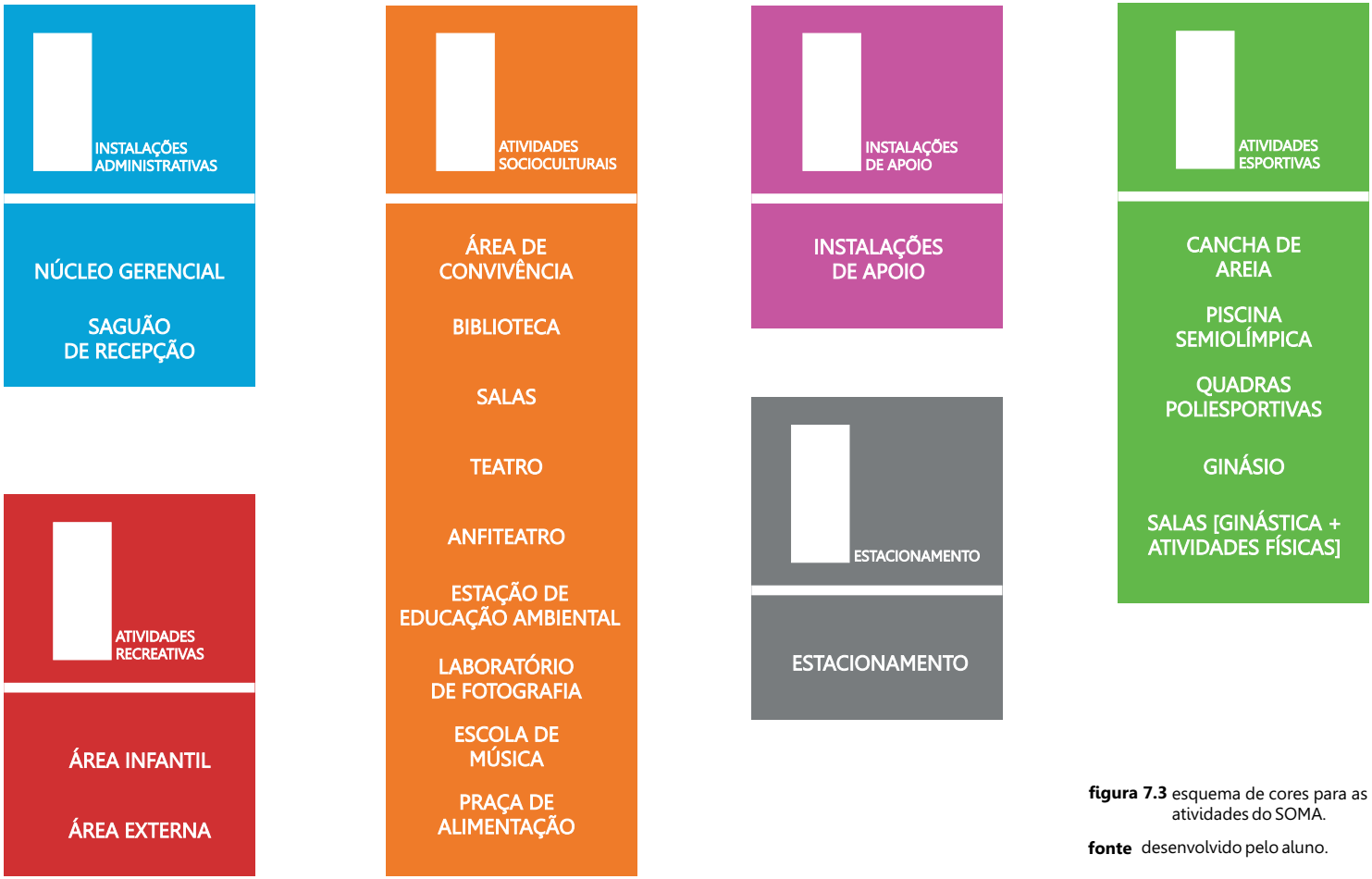


figura 7.3 esquema de cores para as atividades do SOMA.

fonte desenvolvido pelo aluno.

O fluxograma exposto conta com cores diferentes que distinguem os espaços e relacionam-se com sua devida área funcional. A cor laranja compreende os espaços ligados às atividades socioculturais; o verde, às atividades esportivas; o vermelho, às atividades recreativas; o azul, às atividades administrativas; e o lilás, às atividades de apoio ao centro.

Analisando as articulações e as relações dos espaços, nota-se que a área de convivência configura-se como ambiente de distribuição de fluxos do equipamento. Tem-se o principal acesso do centro chegando a este espaço, a partir do qual seus frequentadores são direcionados as atividades de interesse. O acesso direto a todos os ambientes da área sociocultural é garantido, como também a relação com o setor administrativo e de serviço. Consegue-se chegar também às áreas esportivas, seja ao ginásio ou às salas de ginástica e de atividades físicas, por meio de rampas ou seguindo pela área externa para encontrar com as quadras descobertas, a cancha de areia e a piscina semiolímpica.

Portanto, todos os ambientes do Soma buscam serem dispostos de maneira clara e com acessos facilitados, que privilegiem a circulação das pessoas de forma rápida, principalmente as que apresentam algum tipo de dificuldade de locomoção. A circulação também permite uma transição entre os espaços de modo auto-orientador, descontraído e agradável, assemelhando-se ao circular dos pedestres por ruas e praças da cidade. Os espaços anseiam estar integrados entre si e ao conjunto de forma visual, física, estética e funcional. A dinâmica do centro, como a flexibilidade de seus usos é um dos principais objetivos do projeto, onde os fluxos se sobrepõem e se conectam a fim manter a continuidade dos espaços.

Os diferentes espaços do centro são executados de forma a suscitar nos seus frequentadores, crianças, jovens e adultos, a importância da prática de atividades que almejam o desenvolvimento, o prazer, a liberdade e a descontração em favor da autoformação, da conscientização do valor da educação em suas vidas e da convivência coletiva. Por ser um equipamento caracterizado pela utilização durante o tempo livre das obrigações de seus usuários, existe sempre a intenção de apresentar soluções diferenciadas e inovadoras dos locais, fugindo da espacialidade comum dos ambientes que segue uma organização rígida. A partir disso, a sensibilização e atração dos frequentadores é feita através da criação de espaços de caráter extraordinário, permitindo a visibilidade das atividades e estimulando o interesse e participação de acordo com o ritmo e preferência das pessoas.

O esquema a seguir traz de maneira simplificada a espacialização do programa de necessidades na extensão de terra escolhida para o projeto em Oeiras. As mesmas cores relacionadas com o tipo de função desenvolvida em cada espaço são novamente utilizadas, possibilitando uma boa apreensão de toda a estrutura funcional do equipamento.

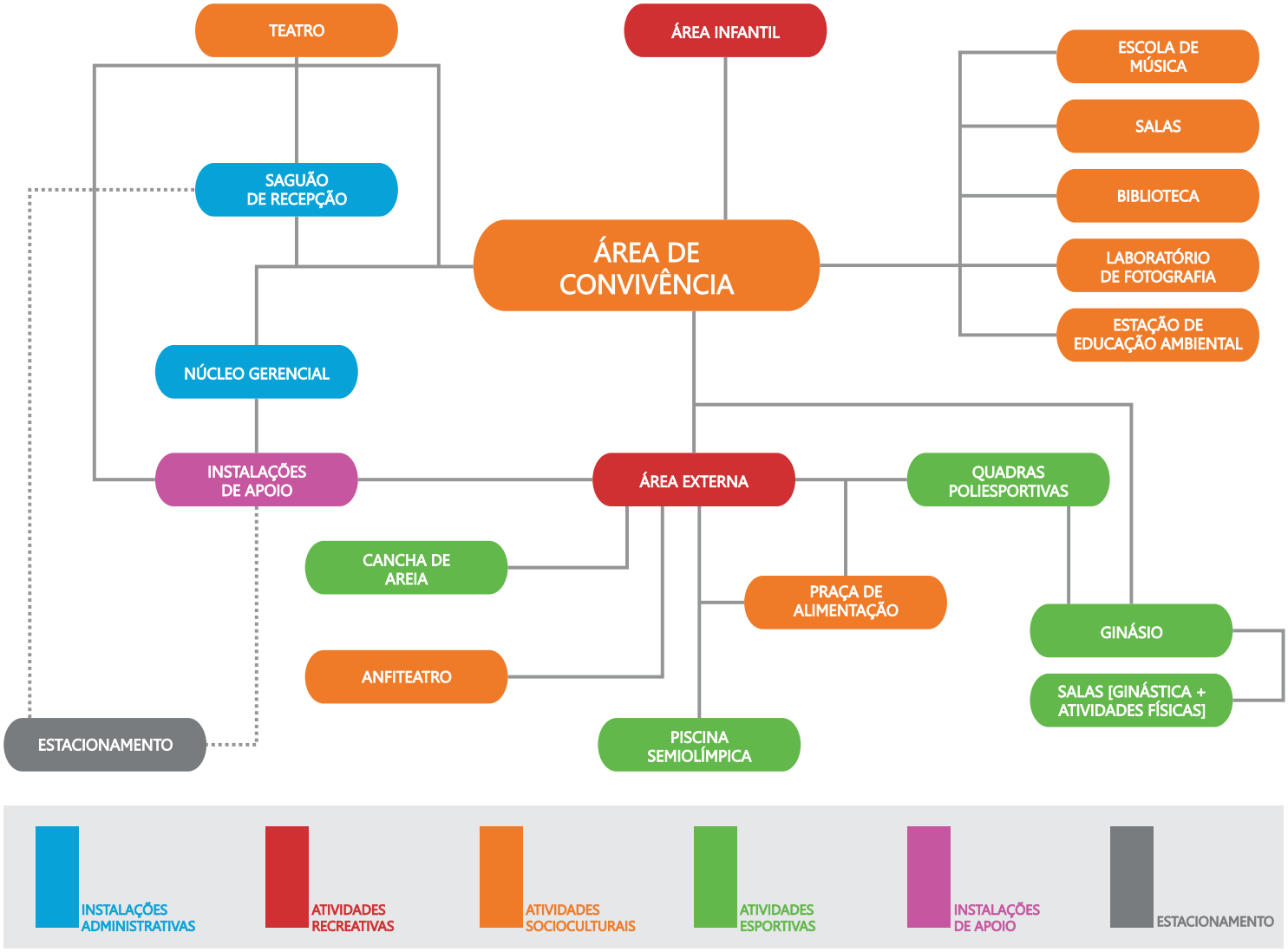


figura 7.4 fluxograma do SOMA.

fonte desenvolvido pelo aluno.

Seguindo essa linha, os espaços criados buscam expressar valores potenciais de acesso à cultura, esporte e lazer, deixando de lado formalidades, acolhendo seus usuários e contribuindo para se alcançar os resultados de programas implementados. A arquitetura faz cumprir sua representatividade social, cultural e política no âmbito dos valores que fundamentam o SOMA desempenhando seu papel junto ao público.

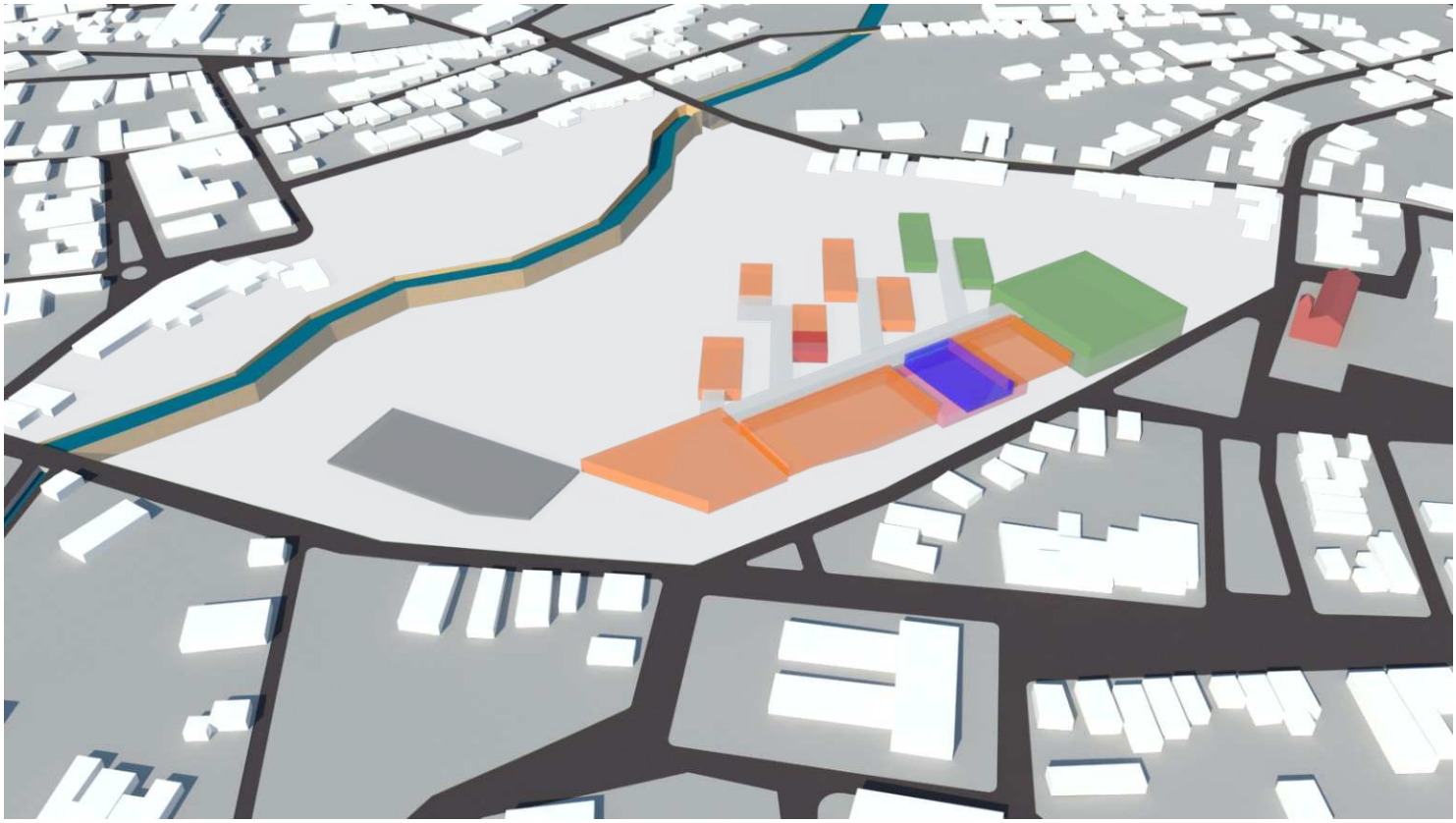


figura 7.5 espacialização do programa de ncessidades.

fonte desenvolvido pelo aluno.

A ARQUITETURA DA EDIFICAÇÃO

Quem percorre em direção à Igreja do Rosário, partindo da Praça das Vitórias, pela Rua Major Manoel Clementino, após cruzar o Riacho da Pouca Vergonha, começa a visualizar o Serviço Oeirense de Multiatividades. A sua percepção não se faz de maneira direta, tanto pela massa verde que dissimula a edificação construída, como por conta de sua locação em grande parte numa cota mais baixa. Observa-se ao fundo a Igreja do Rosário, com uma série de platôs escalonados construídos em sua colina.

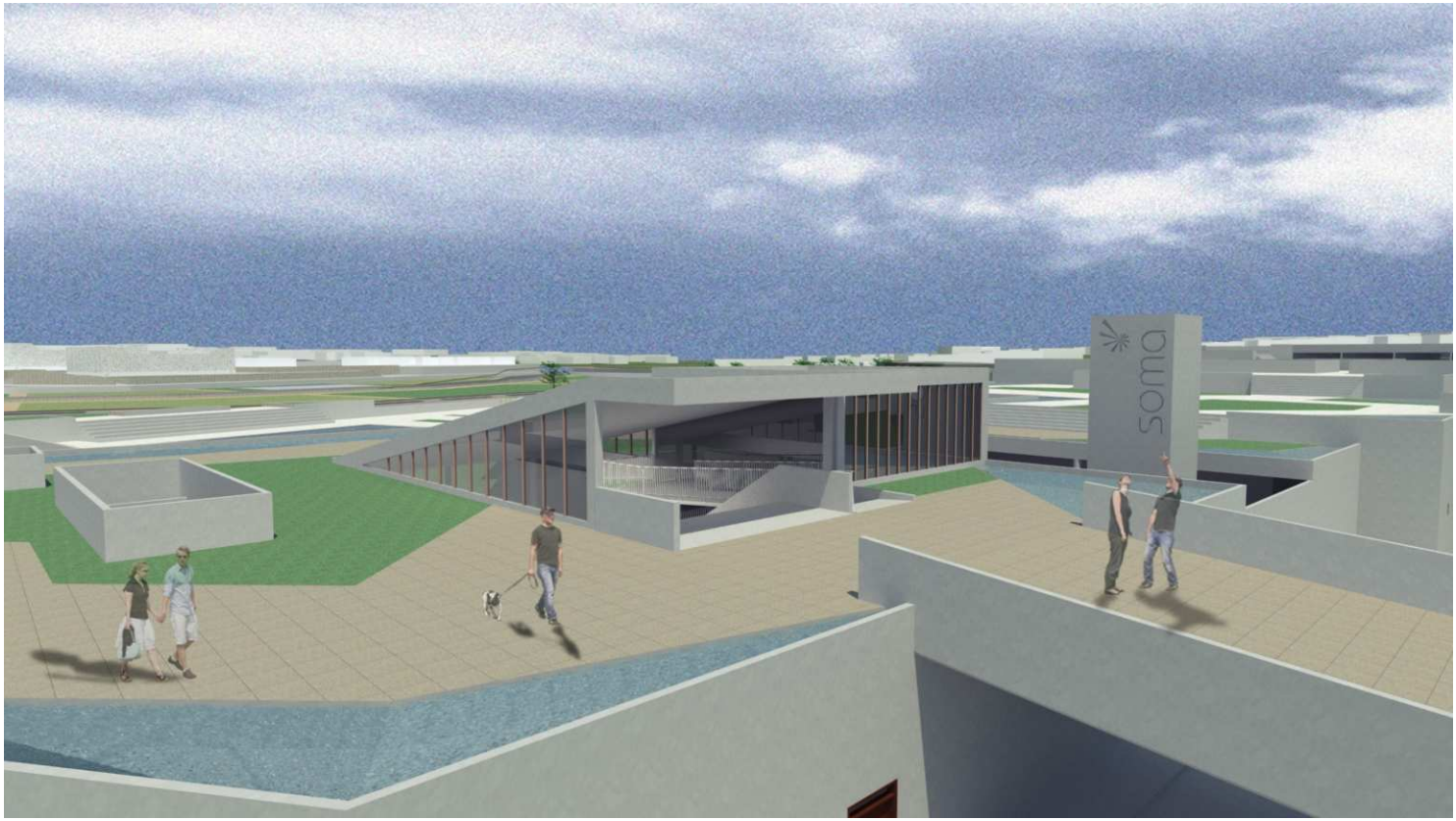
Com o acesso principal localizado no encontro das ruas Major Manoel Clementino

figura 7.6 vista a partir da margens do Riacho da Pouca Vergonha para a Igreja do Rosário.
fonte desenvolvido pelo aluno.



e Nossa Senhora do Rosário, justificado por ser um o ponto de maior visibilidade, a entrada ao centro se dá por meio de uma marquise inclinada que surge de uma das praças ajardinadas. Aos veículos, existe um estacionamento arborizado proposto na cota 0,00m, evitando grandes movimentações de terra, com entrada pela Rua Major Manoel Clementino, que se estende nessa lateral do terreno, com a possibilidade de seus ocupantes ingressarem ao centro de forma direta por uma rampa ou escada localizadas sob a ponta que se forma da última praça ajardinada. A pavimentação do estacionamento recomendada é o pisograma, que garante uma cobertura vegetal de 62%. Esse piso consiste em blocos vazadosde concreto, onde é possibilitado à plantação de grama nos seus vazios, permitindo a criação de um piso para veículos que seja permeável e drenante.

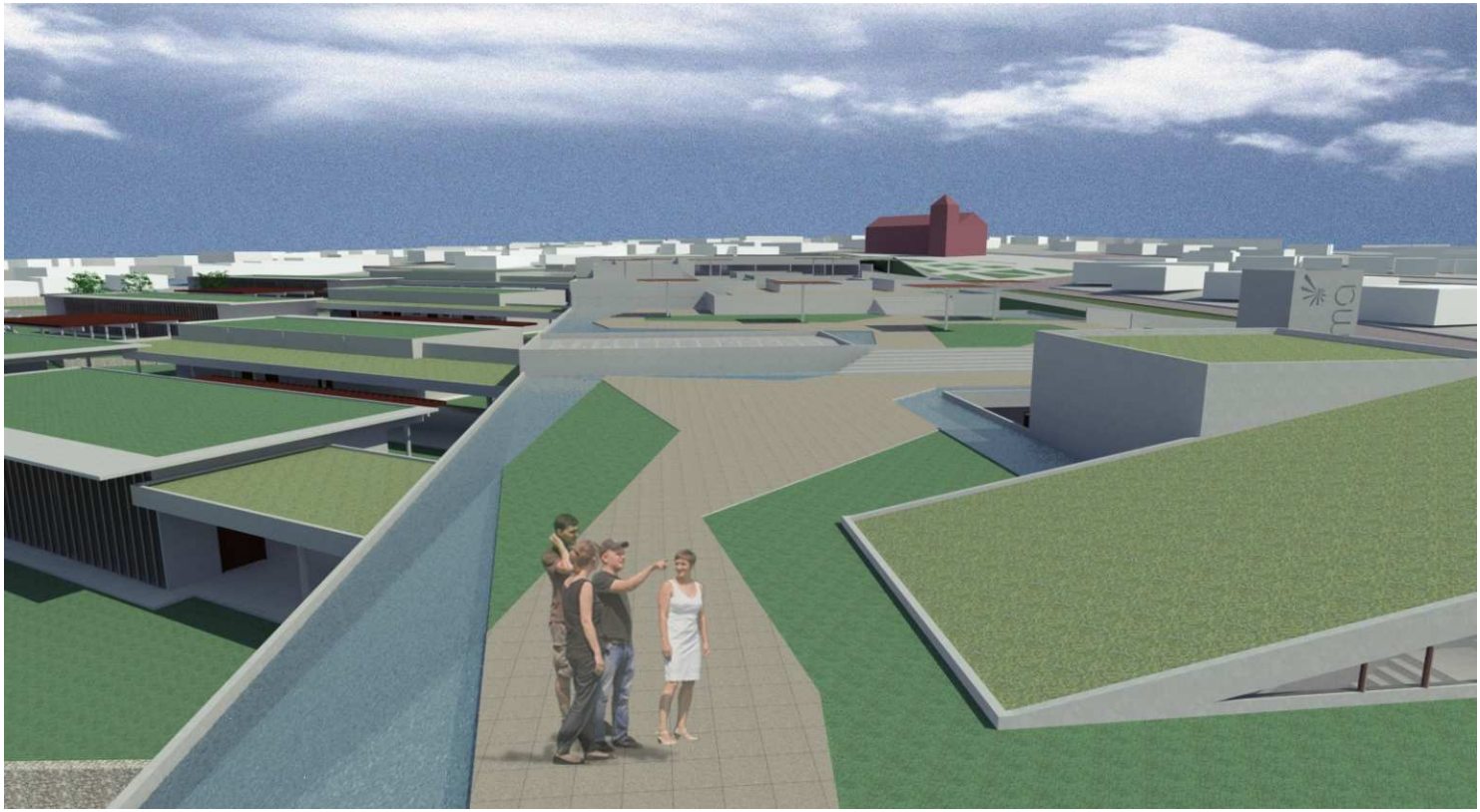
figura 7.7 acesso SOMA.
fonte desenvolvido pelo aluno.



Para se acessar as praças ajardinadas e ingressar posteriormente ao centro, utilizam-se passarelas suspensas que cortam uma rua de serviço interna situada na cota -04,47m, construída paralela a Rua Nossa Senhora do Rosário. Essa rua de serviço, com caixa de 6,50m e pavimentada com piso intertravado, compartilha o acesso com o estacionamento de veículos, mas faz seu controle por meio de uma cancela antes de iniciar a rampa que desce ao encontro da doca de carga e descarga.

A primeira praça ajardinada, com cota +02,34m, possui uma forma pontiaguda devido a sua proximidade com a esquina, encontrando sob ela a área de convivência. Essa forma é abstraída ao propor um piso irregular contornado nas extremidades por um espelho d'água, que objetiva ser uma barreira para os transeuntes. Em determinados pontos existem espaços destinados à vegetação.

figura 7.8 praças ajardinadas.
fonte desenvolvido pelo aluno.



Estando prestes a adentrar à edificação, pela marquise inclinada que surge do piso, visualizamos uma face envidraçada que se conforma como uma caixa, com suas outras faces cegas, criada para a rampa acontecer embaixo dela. Tanto essa caixa como a marquise inclinada possui uma cobertura vegetal. Movendo o olhar para a direita, surge um volume prismático, onde, em uma das suas faces está impresso em baixo relevo a logomarca do SOMA. Localizado em um rasgo feito na laje com seu início no nível -02,16, do qual se situa a área de convivência, funciona como caixa d'água, além de marcar a entrada do edifício. Ainda nessa praça ajardinada, encontram-se duas aberturas no piso fechadas em partes com pérgolas de concreto com a intenção de levar iluminação ao pavimento a baixo.

As praças ajardinadas seguintes são conectadas por meio de escadas e para as pessoas com dificuldade de locomoção a mudança de uma para outra se faz pelo próprio passeio construído no percurso da Rua Nossa Senhora do Rosário. A segunda praça, com a cota de +03,78m, funciona agora como cobertura para o teatro. A linguagem do piso é mantida, assim como a função dos espelhos d'água. Cria-se nesse platô um recorte na laje, inserindo pérgolas de concreto cobertas por uma chapa de policarbonato multilux alveolar, fabricado pela Polysolution na cor cristal. O fabricante promete bloquear 100% dos raios ultravioletas e diminuir o índice de transmissão de calor, promovendo isso através de sua face externa que possui uma camada refletiva. Esse recorte ilumina parte da rampa que dá acesso aos blocos, como também marca o acesso de cada um.

A penúltima praça acontece sobre a caixa cênica do teatro, do conjunto administrativo e da escola de música. Situada no nível +05,22m, esse platô continua a utilizar aberturas e recortes na laje em função de trazer para dentro desses espaços a iluminação e ventilação natural. Cria-se uma separação entre a caixa cênica e a administração, a fim de evitar alguma transmissão de ruídos, como também para possibilitar a abertura de janelas dos ambientes administrativos. Nesse ponto, são novamente usadas as pérgolas de concreto, mas apenas no espaço localizado sobre as rampas cobre-se com as chapas de policarbonato. Ressaltam-se também as duas aberturas quadradas, uma para a administração, chegando até ao conjunto de

serviço, e outra para a escola de música. Para ir à próxima praça, há um platô intermediário que faz esta ligação.

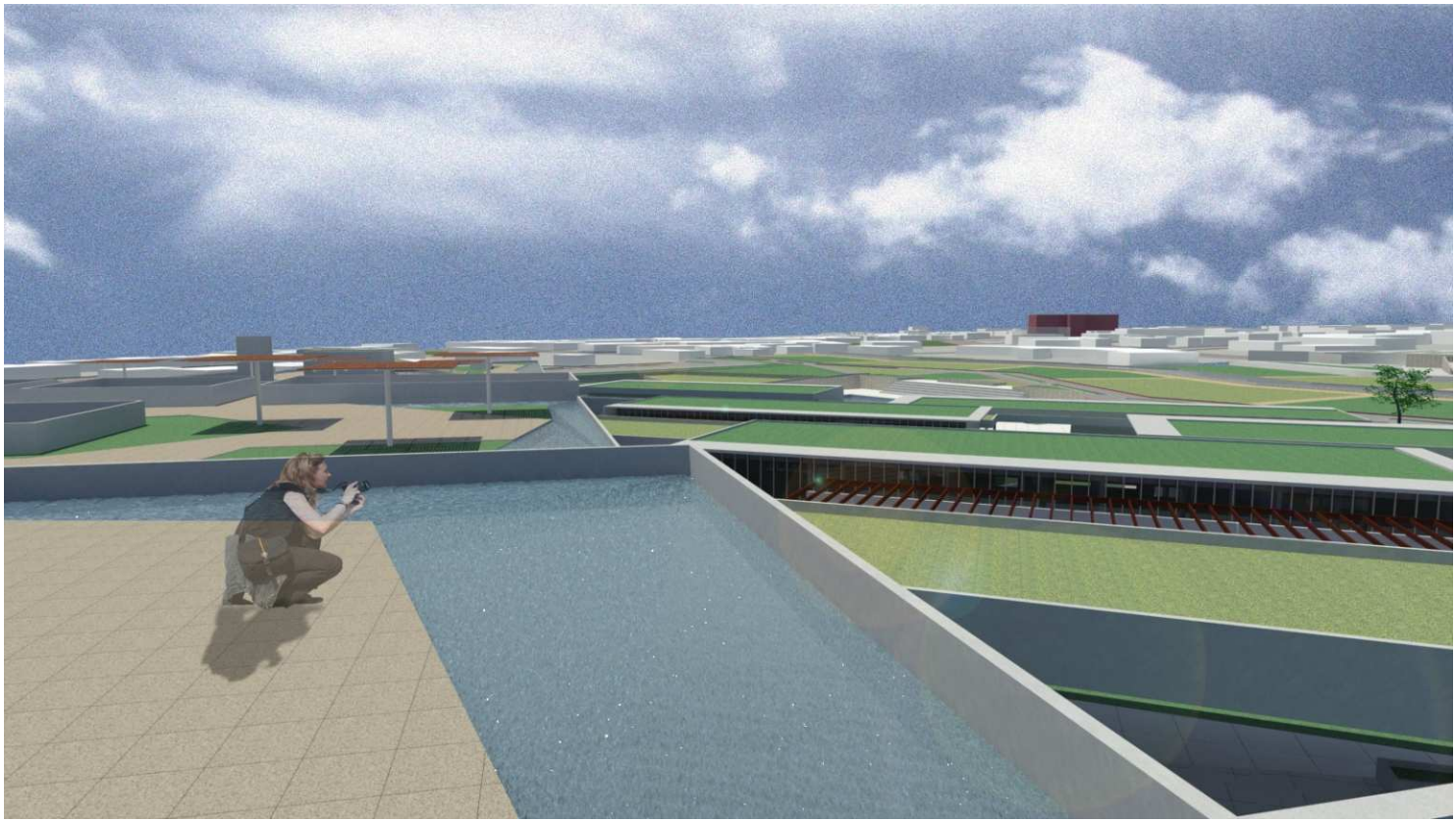


figura 7.9 vista a partir das praças ajardinadas para Igreja N. S. da Vitória.

fonte desenvolvido pelo aluno.

Ao fim do percurso, temos a praça de nível mais alto com cota igual +08,32m. Esse último platô tem seu piso estendido até a Praça da Igreja do Rosário. Logo, a via que contornava o terreno nesse ponto foi desviada e agora segue pelo lado direito da igreja, utilizando um terreno já desocupado, sem necessidade de remoções. A forma da antiga Praça do Rosário é mantida, como também seus três níveis existentes, conectando diretamente com o largo que já existe.

Portanto, têm-se quatro níveis de praças diferentes, que funcionam como local de contemplação, estar e lazer. Propõe-se a distribuição de mobiliários adequados ao longo das praças, de forma a criar espaços intimistas, como também de recepção de grupos de pessoas. A ser ambientes aconchegantes e que possibilitam a admiração da paisagem, encontrando-se ao

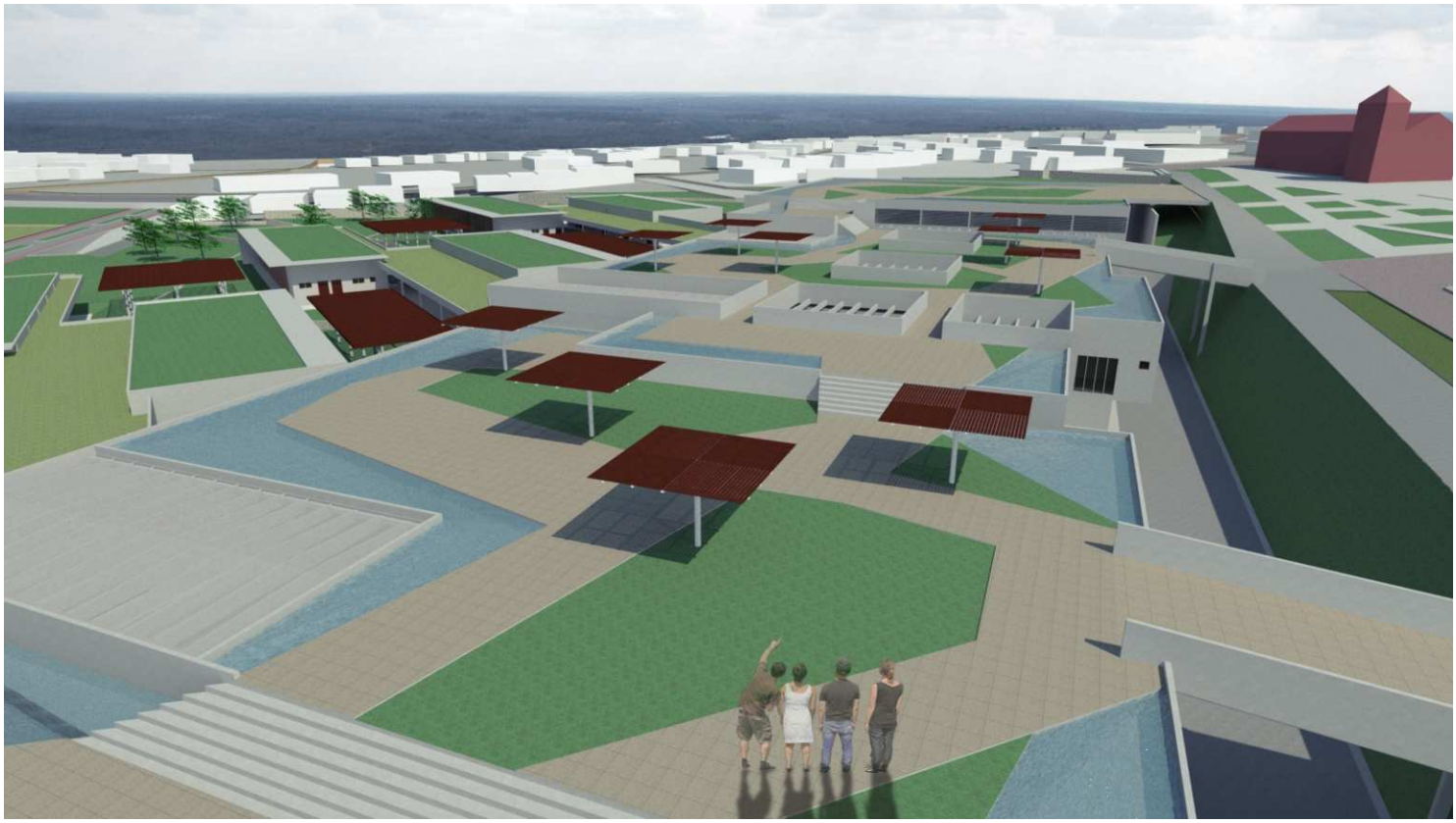


figura 7.10 praças ajardinadas.
fonte desenvolvido pelo aluno.

fundo parte do conjunto histórico tombado.

Adentrando ao centro pelo acesso principal, ou seja, descendo uma escada ou rampa, depara-se com uma grande área de convivência. Esse espaço se define basicamente por uma grande laje de acolhimento das pessoas. A partir daí, os fluxos são distribuídos, tornando um ambiente bastante utilizado. Não se deseja que seja apenas local de passagem, para tanto o arranjo do mobiliário passa a ser organizado de vegetação quebra a monotonia do espaço.

A área de convivência tem metade do seu pé-direito enterrado e seu nível é o -02,16m. Essa tomada de decisão não compromete a ventilação e a insolação natural, já que suas laterais se encontram abertas, assim como rasgos na laje são propostos. Logo, esse espaço se configura como um grande abrigo protegido do sol e das chuvas tropicais, onde a brisa penetra e circula, retirando o calor e a umidade. A lateral



figura 7.11 área de convivência.
fonte desenvolvido pelo aluno.

que se abre para a área da piscina possui um sequencia de pilares, da qual junto com a linha inferior da laje, emolduram a visual para este espaço externo. Parte desses pilares nasce numa região de vegetação, trazendo o verde para dentro deste local de convivência.

Liberando o espaço para utilização dos frequentadores na área de convivência, foi posicionada de forma recuada a recepção do equipamento, que tem a função de realizar matrículas e oferecer informações. Na parte inferior da escada, encontram-se os banheiros para uso do público. Próximo a esses dois ambientes, há um depósito para guarda de materiais em geral e um acesso direto a via de serviço interna. Outra escada e rampa, localizadas na lateral noroeste da área de convivência, servem aos usuários que chegam ao SOMA em veículos.

Os usuários com interesse em seguir para a área externa, têm sua circulação feita por um lance de rampa, já para acessar a biblioteca ou o teatro o caminho é feito a nível. A transição da área de convivência para o

bloco da biblioteca é ocorrida por uma pequena passarela, aberta nas laterais e acompanha por vegetação. O percurso para o teatro é feito pelo prolongamento da área de convivência, sendo feito a transição dos ambientes a partir de um rasgo na laje, iniciando o foyer. Na projeção deste rasgo, existe um local ajardinado que se prolonga até a parte debaixo da rampa do acesso principal, objetivando receber a água das chuvas deste vazio e continuar trazendo para dentro do centro a vegetação. Nesta mesma superfície ajardinada, surge o volume prismático da caixa d'água.

Os demais espaços do equipamento têm seus acessos por meio de duas rampas. A primeira rampa tem a função de levar o fluxo de pessoas para o ginásio, portanto, tem um sentido descendente. Sua forma irregular, o caimento bastante suave, seguido por jardins em suas laterais, ameniza sua grande extensão e garante uma circulação mais agradável. A construção da rampa se faz diretamente no terreno, diminuindo custos e, devido sua pequena inclinação de aproximadamente 2%, não necessita de guarda-corpos em suas laterais. Essa mesma rampa é utilizada para ligação do conjunto de serviço com as partes comuns do centro, para realizar as atividades de limpeza e manutenção. A segunda rampa faz ligação com os blocos 02, 03 e 04. Esta já apresenta uma inclinação mais acentuada de 8,33% e dispõe de patamares como é exigido pela NBR 9050. Uma das laterais da rampa possui guarda-corpo e na outra não existe já que o terreno acompanha sua inclinação. Novamente, busca-se a proximidade com a vegetação, e a perspectiva durante o percurso é quebrada com sua forma irregular. Em um determinando ponto, surge uma passarela perpendicular à rampa a fim de criar a ligação com o conjunto administrativo e a escola de música. Ao fim desta rampa, propõe-se uma escada para ser feita uma ligação mais rápida com o nível do ginásio.

A sala de teatro possui capacidade para 250 pessoas e foi pensando para atender a espetáculos de médio porte, podendo acontecer apresentações de artes cênicas, seja de dança ou teatro, de música acústica ou amplificada, como podendo realizar seminários e palestras. O foyer está posicionado a frente do acesso à sala de teatro, sendo um espaço de aglomeração antes e/ou depois das apresentações.

O teatro conta com lugares destinados a cadeirantes próximos as cabines de controle e permite o acesso à primeira fileira de cadeiras ou ao palco por meio de uma rampa localizada em uma das laterais. Na outra lateral, encontra-se a saída de emergência que se direciona para a primeira rampa de circulação já citada. As entradas e saídas do teatro possuem isolamento e revestimento acústico, possibilitando o controle de nível de ruído entre os diferentes ambientes, contendo também cortinas para controle de luminosidade. Nos dois acessos principais, existem antecâmaras, minimizando ainda mais esses problemas. Os banheiros estão dispostos na lateral que dá acesso a rampa que chega ao palco do teatro.

Foi traçado um estudo de curva de visibilidade da plateia, tanto vertical como horizontalmente, e foi proposto um desalinhamento alternado das cadeiras em cada fileira de

poltronas. A distribuição das poltronas cria corredores laterais, com os assentos possuindo 50 cm de largura, sendo fixos e dispostos em fileiras com patamar medindo 1,10m. Faz-se necessário a execução de um projeto acústico para a sala de espetáculos, corrigindo possíveis falhas.

A boca de cena do teatro tem largura de 9,00m e altura de 5,50m. A caixa cênica tem sua altura limitada pelas disposições relativas ao tombamento e preservação do conjunto histórico, portanto, ela mede razoáveis 9,50m e apresenta uma passarela técnica. A dimensão do urdimento, do qual são fixados os equipamentos cênicos, acompanha a dimensão total do palco. O piso do palco está elevado 0,90m em relação ao nível da primeira fileira de cadeiras e dispõe de coxias nas suas laterais. O teatro contém também uma cortina corta-fogo entre a plateia e o palco.

O teatro conta com dois camarins individuais e um coletivo, todos com banheiro, uma copa, dois depósitos e uma oficina para cenários e fantasias. O acesso aos camarins ou ao

figura 7.12 rampas de circulação interna.
fonte desenvolvido pelo aluno.



conjunto de serviço do teatro pode ser feito de duas maneiras: a partir da rampa existente na lateral sala do teatro ou pela via interna de serviço. As portas dessa área de serviço possuem uma medida generosa para se adequar a passagem de material cênico e de equipamentos de grandes dimensões. A casa de máquinas do ar-condicionado deste espaço está localizada externamente, próxima à via de serviço.

O núcleo gerencial engloba os ambientes de trabalho das pessoas responsáveis pelo gerenciamento e organização do SOMA. Para se acessar este espaço, utiliza-se da mesma rampa de acesso aos blocos. A localização do conjunto visa ser a mais central possível em relação a todas as outras atividades desenvolvidas no equipamento, estando na cota +00,72m. Portanto, consegue-se chegar aos blocos, que constituem os espaços de constante uso e de maior frequência pelos usuários, de forma rápida, e de maneira indireta ao ginásio, a área externa, a área de convivência, ao teatro, não esquecendo a escola de música que está ao seu lado.

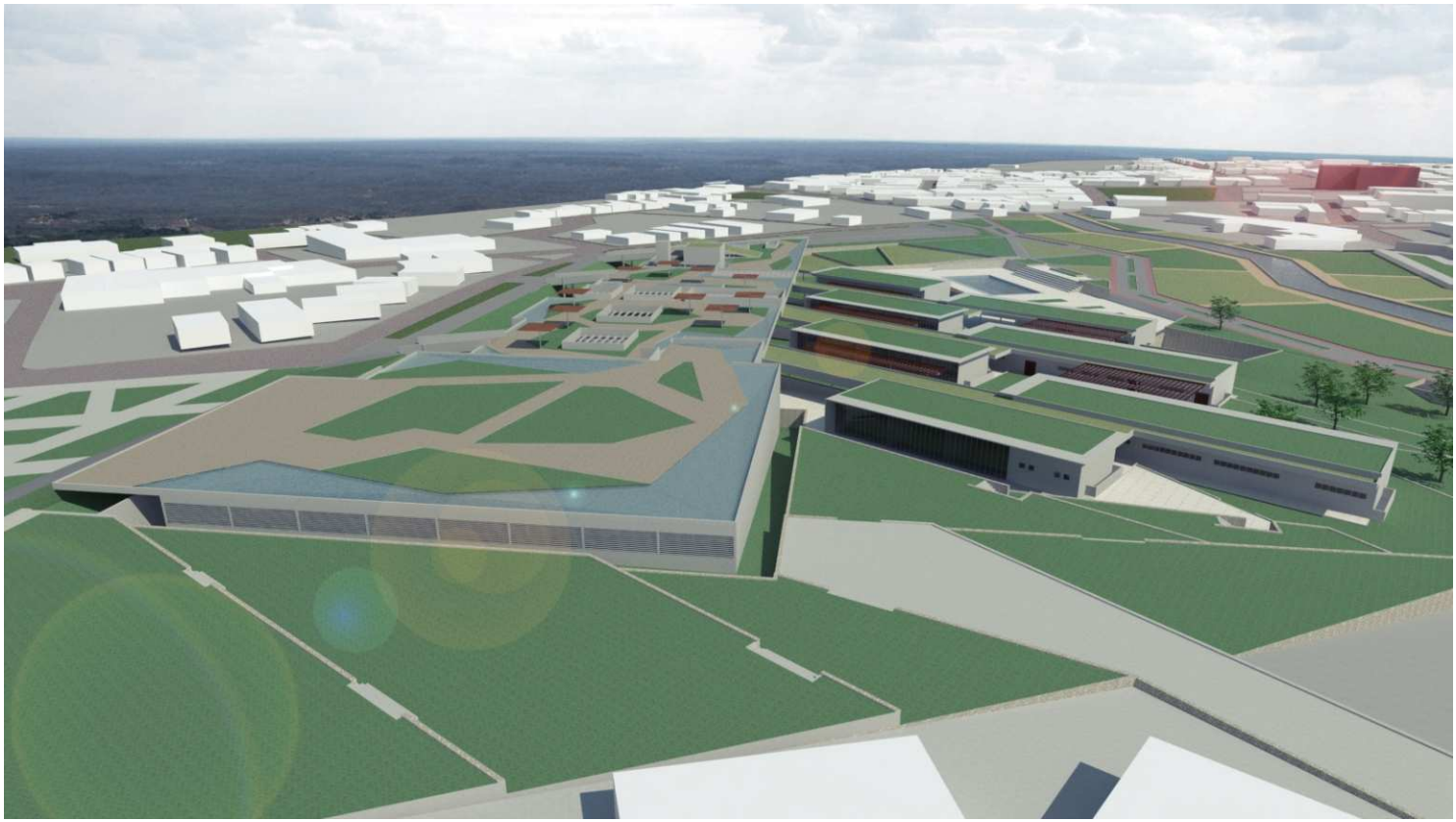
O primeiro ambiente do núcleo gerencial é a recepção, que faz o controle do acesso e oferece informações ao público. Passando pela recepção, visualiza-se um jardim e uma abertura zenital que garante uma boa iluminação durante quase todo o dia ao restante dos ambientes. Os banheiros que servem essa área estão localizados à esquerda após a recepção. Inicia-se à direita a distribuição das salas necessárias para o funcionamento da administração prosseguindo até uma área onde estão dispostas as estações de trabalho dos diferentes setores. Estes ambientes possuem janelas voltadas para uma laje jardim, que fica nos fundos da caixa cênica do teatro. Existe também uma pequena copa que se abre para o jardim. O restante das salas necessárias é distribuído ao fundo.

O espaço seguinte ao núcleo gerencial será a escola elementar de música, que compartilha a mesma cota do espaço anterior. Conta com uma recepção interligada ao mini-auditório, que possui capacidade para 110 pessoas. A recepção possui ao fundo uma área envidraçada que se abre para outro rasgo feito na laje. Adentrando a escola de música, visualiza-se à esquerda o bloco de banheiros e à direita um jardim iluminado, fechado em cima por pérgolas de concreto. Diferente do jardim interno existente no núcleo gerencial que é fechado por esquadrias de vidro, devido à refrigeração do espaço, na escola de música ele se encontra aberto, permitindo a ventilação natural. Contornando o tal jardim, existem duas salas de uso coletivo, seis salas de uso individual, além de uma sala para os conservadores e outra de guarda de material.

Na sequência de disposição dos espaços no projeto, encontra-se o ginásio poliesportivo. Requerendo um grande pé-direito para realização de suas atividades, sua altura útil é de cerca de 10m. Um forro metálico micro perfurado esconde as vigas que suportam a laje de cobertura e serve

também para serem afixadas suas luminárias. Portanto, o piso do teatro se encontra na cota -04,32m e sua cobertura vem a ser a ultima praça ajardinada na cota +08,32m. Para garantir que o ambiente tenha uma boa qualidade em relação à iluminação e ventilação natural, buscou-se uma solução arquitetônica adequada. Por mais uma vez, separam-se os blocos, agora seria a criação de um vazio entre a escola de música e o ginásio. Nesse vazio, é inserida uma superfície ajardinada e fechada em cima por pérgolas de concreto. Para melhorar ainda mais a circulação de ar, são criados em duas laterais na parte superior aberturas com brises de concreto. Em volta do ginásio, existe um muro de contenção proporcionando o funcionamento dessas aberturas. Os vestiários que servem este espaço estão situados sob as arquibancadas, junto a dois depósitos para guarda de material. A via de serviço alcança o ginásio em uma de suas extremidades, possibilitando através de um portão o acesso.

figura 7.13 perspectiva vôo de pássaro - praças ajardinadas
fonte desenvolvido pelo aluno.



No caso dos blocos que estão dispostos de maneira escalonada na subida da colina, esses apresentam soluções gerais arquitetônicas comuns que se adaptam na medida das necessidades. Os blocos dispõem de cobertura vegetal, mas dessa vez não transitável, e garantem através de uma fachada envidraçada a visual para jardins formados entre eles. Esses jardins são propostos em níveis diferentes, criando-se muretas de contenção em pedra, permitindo que os frequentadores do SOMA se apropriem do espaço. Ainda entre os blocos existem pergolados, que possuem a estrutura em concreto e as pérgolas em madeira, a fim de criar locais de encontro e estar ao público. Serão dispostos também mobiliários, tornando uma permanência mais confortável. Propõe o uso de bancos, com base em granito apicoado e ripas de ecoblock (madeira biosintética), e lixeiras que estimulam a coleta seletiva.

figura 7.14 espaço entre blocos

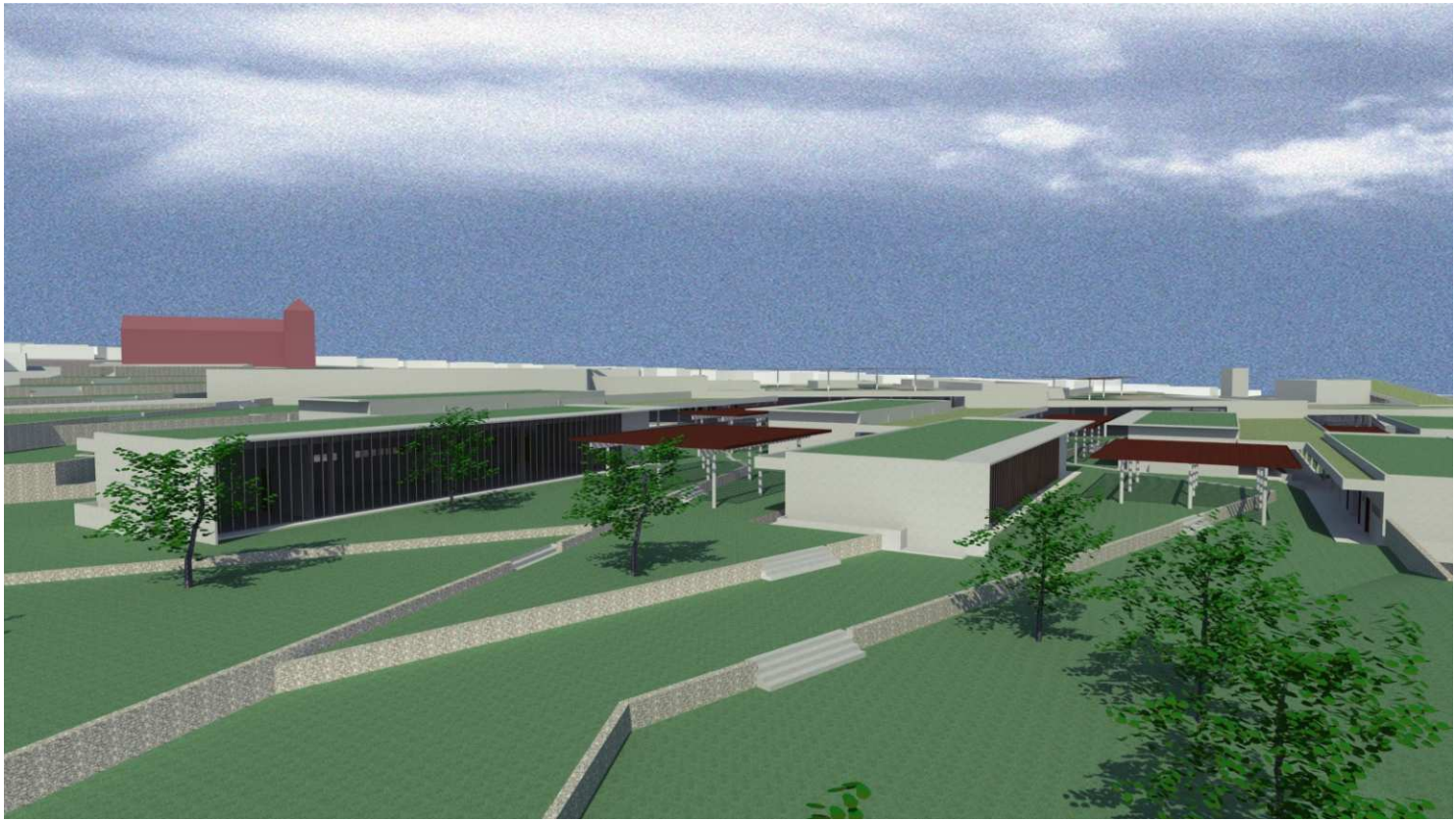
fonte desenvolvido pelo aluno.



Cada bloco contém salas viradas para ambos os lados, excetuando a biblioteca que se constitui apenas de uma grande sala. As salas viradas para o sul são construídas sempre de modo a estar 72 cm a cima das outras salas viradas para o norte, em um mesmo bloco. Para acessá-los surgem passarelas de ligação divididas ao meio, possibilitando, pela esquerda, ir a salas que estão á nível ou à direita subir uma pequena rampa no sentido das salas elevadas. No meio desses dois conjuntos de salas cria-se uma pequena área de confluência de fluxos, na qual propõem se distribuir bancos, permitindo ser mais uma área de estar. De um nível para outro nesta área de estar, constroem-se jardineiras que delimitam o espaço e funcionam como uma barreira para evitar possíveis acidentes.

figura 7.15 vista lateral blocos

fonte desenvolvido pelo aluno.



A biblioteca vem a ser o primeiro bloco e dispõe de acesso no mesmo nível da área de convivência. Pensa-se este espaço de modo diferenciado, atribuindo às soluções arquitetônicas o dever de romper com o tédio e incentivar a leitura. Toda a biblioteca é aberta para um jardim através da fachada envidraçada utilizada.

O segundo bloco comporta, no nível -02,16m, a praça de alimentação. Com uma área de mesas coberta, elas são servidas por uma cozinha que se encontra no pavimento abaixo, com nível -05,76m. A mesma cozinha tem acesso direto para a lanchonete, para a cozinha experimental e para o refeitório da administração. Os serviços necessários para o funcionamento dessas atividades acontecem também no pavimento inferior, acessado por outra rua de serviço iniciada na Rua João Paulo II. Os veículos que praticam essa atividade descem uma rampa, em parte coberta por uma laje de passagem para os jardins escalonados, e encontram a doca de carga e descarga. Nesse pavimento inferior, dispõe-se de vestiários e de refeitório para funcionários, depósito para alimentos, câmara fria, espaço destinado ao preparo de alimentos e a própria cozinha. A circulação entre os pisos é realizada por intermédio de uma escada e para os utensílios e refeições existe um monta-carga. Ligado à praça de alimentação, subindo uma escada ou rampa, tem-se uma região com a possibilidade de ser um prolongamento da área de mesas, podendo também conter bancos. Mais a frente está a área da piscina. No nível -01,44m, ainda no bloco 02, estão organizados uma sala infantil, o laboratório de fotografia e estação de educação ambiental que conta com uma área de exposições e uma sala para oficinas ou seminário. Para servir todo esse bloco tem-se um conjunto de sanitários.

O bloco 03 é conformado pelas salas de atividades socioculturais. No nível -00,72m, encontram-se duas salas para oficinas culturais, duas salas de tecnologia e internet, essas servidas por uma recepção, e o conjunto de sanitários. No nível acima, tem-se cinco salas de uso programático flexível, separadas por divisórias retráteis, podendo ser utilizado de diferentes maneiras.

As salas para atividades esportivas estão no bloco 04. O primeiro conjunto do bloco, com cota +00,72 contém a sala de ginástica multifuncional, depósitos e uma sala de avaliação médica. Já no nível +01,44m encontram-se as três salas de atividades físicas e os vestiários.



figura 7.16 vista passeio interno

fonte desenvolvido pelo aluno.

Completando todos os espaços destinados a realização de atividades propostas pelo SOMA, a área externa dispõe de uma piscina semiolímpica e de locais para a prática de caminhadas e exercícios físicos. Estando próximo ao Riacho da Pouca Vergonha, ele busca integrar-se com o entorno. Para servir este espaço, embaixo da arquibancada da piscina estão locados os vestiários, a sala médica, sala dos treinadores, sala dos tratadores, casa de máquinas e os depósitos. Para acessar este nível, o -02,16m, utiliza-se uma rampa ou escada. Ao lado da piscina ainda existe uma área de deck e ela conta com um banco de transferência para pessoas portadoras de deficiência, podendo acessar o tanque sozinho.

Para oferecer limpeza, organização e qualidade nestas instalações, o conjunto de serviço acontece em um nível subterrâneo. Acessada por meio da rua interna de serviço, esta área dispõe de uma doca de carga e descarga, que se liga aos depósitos, almoxarifados, vestiários, sala de supervisão, sala de CFTV, sala para serviços gráficos e um refeitório com espaço de



figura 7.17 margem riacho da pouca vergonha
fonte desenvolvido pelo aluno.

descanso para os funcionários. Essa mesma doca é compartilhada com o serviço do teatro. Para levar iluminação e ventilação natural a este nível -03,78m a mesma abertura usada no núcleo gerencial chega a este ponto. A circulação dos funcionários com o restante do equipamento é feito por uma abertura que dá na primeira rampa de circulação.

O SOMA se conforma, portanto, dessa maneira descrita, onde estudos foram realizados para se entender e formular a melhor proposta para a cidade de Oeiras. Para isso, levaram-se à tona questões funcionais e formalistas de equipamentos semelhantes, na tentativa de conciliar e tirar proveito de suas qualidades, como também inserir neste projeto medidas inovadoras que visam desempenhar sobre seus usuários um sentimento de satisfação.

TIPOLOGIA CONSTRUTIVA: ESTRUTURA E MATERIAIS

O método construtivo escolhido busca garantir a viabilidade econômica do equipamento, sem, contudo, comprometer a qualidade e a durabilidade dos materiais empregados. Para isso, são especificados materiais que apresentam um bom custo-benefício e que possuem uma fácil manutenção. A concepção arquitetônica e estrutural visa ser de rápida e fácil execução, empregando tecnologias simples, já que a cidade não apresenta um grande avanço na área da construção civil.

Para a inserção do equipamento neste terreno, fez-se necessária uma grande quantidade de escavação e movimentação de terra, motivado pela disposição de tombamento e preservação do conjunto histórico. A estrutura vem a ser totalmente de concreto, modulada em 9x9m, utilizando laje nervurada com módulos de 61x61cm em praticamente toda a edificação, excetuando a laje do ginásio que é maciça. Essas lajes são apoiadas em vigas comuns na maior parte da edificação, menos na área de convivência que são usadas vigas-faixas protendidas, já que é um espaço aberto, sem paredes divisórias, evitando assim a marcação no teto que as possíveis vigas comuns poderiam ocasionar.

A solução estrutural do ginásio é bastante singular. Para vencer o grande vão, com 44,40m, necessita-se de vigas com 2,20m de altura, espaçadas 6m uma da outra, suportando a laje jardim. As paredes do ginásio também funcionam como lajes maciças, suportando a grande pressão exercida pelo terreno. Para minimizar esse grande esforço, essas paredes possuem uma espécie de vigas a meia altura, onde são atirantadas no terreno. Esse método pode ser explicado da seguinte maneira:

> "Trata-se de um ou mais cabos de aço que são protendidos e encunhados contra a contenção. De forma resumida, são construídos através da execução de um furo dentro do solo, furo esse que tem um determinando comprimento calculado e em cujo termino é executada uma escavação mais larga, chamada de bulbo. Nesse furo é colocada o cabo ou uma cordoalha de aço, e a sua extremidade do solo é preenchida com concreto; formando uma ancoragem passiva." (CARDOSO, 2002, pág. 22)

O concreto aparente será utilizado como revestimento externo em praticamente toda a edificação e as paredes internas dos ambientes serão em tijolo cerâmico com pintura acrílica. Nas praças ajardinadas, é usado o piso elevado concrefit de 0,80 x 0,80m, consistindo em placas de concreto pré-

moldado apoiadas em tubos também do mesmo material, possibilitando que se criem canteiros de vegetação e o espelho d'água. Nas partes internas da edificação, é aplicado o piso industrial na cor branca, sendo de fácil manutenção e limpeza. O teatro tem seu piso revestido por placas de carpete. Na área da piscina usa-se um porcelanato esmaltado medindo 1,20 x 1,20m. Ainda nesta área, tem-se um deck com piso de porcelanato com aparência de madeira, chamado Ecowood com réguas de 0,10 x 0,90m. No estacionamento de veículos, aplicou-se o pisograma, modelo pavi grade retangular. Para o restante da área externa, utilizou-se piso intertravado, modelo pavi tijolo nas cores natural e terracota. As quadras esportivas possuem pisos epóxi com as devidas marcações para cada modalidade. Nos banheiros, vestiários e cozinhas propõe o uso nos pisos de porcelanato acetinado, modelo urbland nude da Portobello, e nas paredes a cerâmica modelo diamante branco brilhante do mesmo fabricante. Em ambientes que necessitam de forro, são utilizados placas de gesso acartonado.

O vidro escolhido para ser utilizado nas esquadrias possui 25% de refletividade, sendo indicado paras regiões Norte e Nordeste. Dessa forma, esse vidro reduz a quantidade de luz e calor penetrada dentro dos espaços. Os perfis das esquadrias são em alumínio anodizado bronze.

Os guarda-corpos inseridos em escadas, rampas ou desníveis são formados por chapas de aço pintadas com esmalte sintético branco e com corrimão em madeira. As portas da edificação são do tipo paranárevestidas com laminado melamínico.

O equipamento proposto também busca ser provido de tecnologias apropriadas para diminuir ou eliminar resíduos, sem que haja prejuízo ao meio ambiente. Para se reduzir gastos com energia, recursos e mateiras, são previstos tecnologias limpas, devendo reaproveitar águas pluviais, sobras de materiais e ainda emprego de materiais que possam ser reciclados.

PAISAGISMO

A proposta paisagística que se faz em conjunto com a inserção deste equipamento buscar estabelecer com o Centro Histórico uma relação espacial contínua, direta e fruitiva, cobiçando construir um lugar para prática de atividades ou para o lazer. Logo, a vontade será a de qualificar e conferir personalidade, dispondo de diferentes locais para seus usuários. A vegetação é utilizada para humanizar os espaços, oferecendo inúmeras possibilidades compositivas com o uso de plantas que apresentam variedade em flores, folhas, galhos e caules. As cores, texturas e formas valorizaram a paisagem a ser criada.

As margens do Riacho da Pouca Vergonha, por obedecerem de cada lado os 30m de área de proteção, configuram um espaço bastante vasto. Para amenizar essa situação e unificar este espaço com o equipamento proposto, a distribuição de

figura 7.18 fachada blocos - jardim escalonado
fonte desenvolvido pelo aluno.



elementos vegetais de forma salpicada, de modo a balizar e criar referências ao observador vem a ser a solução para este local de grande dimensão.

Procura-se trabalhar também, com vistas à distância e elementos da paisagem, de modo a aproveitar a qualidade visual existente nesta extensão de terra. Capturando a paisagem do Centro Histórico de forma que sugira que estas visuais pertencem ao jardim, são feitos enquadramentos por meio de aberturas estratégicas nas massas de vegetação ou na transparência entre os caules das árvores.

Os espaços desenvolvidos buscam atender todas as classes sociais criando-se bons lugares de modo que seus usuários se sintam valorizados por meio do paisagismo. Estes espaços procuram servir as crianças com a distribuição de brinquedos, como trepa-trepas, escadas horizontais, escorregadores, pontes pênseis de corda, castelos e fortes sobre palafitas, entre outros. Logo, essas áreas de recreação desenvolvem a criatividade e oferecem lazer a seus usuários. Para os pré-adolescentes, a inserção de atividades mais agitadas vem prestar apoio, com locais destinados para espiribol, prática de bicicleta, skate, patins, do quais são propostos no projeto. Já para os adolescentes, espaços destinados à conversa, locais de estar ao ar livre ou sob pérgolas são previstos. Para uso geral, pomares e hortas serão locados no terreno.

O arranjo volumétrico da vegetação vem é organizado de modo que resultem em lugares e não lugares, tornando interessante sua disposição e alternando entre espaços estreitos, largos, fechados, abertos ou direcionados para alguma vista. A vegetação utilizada procura não ser de grande porte, objetivando a manutenção da relação visual entre a Igreja de Nossa Senhora da Vitória e a Igreja do Rosário. Mas para isso, não será abdicado da criação de locais sombreados e aconchegantes. A escolha das espécies da vegetação levará em conta sua adaptação ao clima e sua fácil manutenção.

Conclui-se então que a realização do paisagismo da área é de essencial importância e garantirá o êxito da intervenção. A proposta paisagística anseia estar em sintonia e coerência com a inserção do equipamento na Colina do Rosário.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resumo minhas considerações finais com a seguinte citação:

> "...o lugar é a essência dos acontecimentos históricos e da complexa rede de relações que gera uma intervenção arquitetônica. O projeto construído modifica a paisagem, cria e recria o "lugar", podendo revelar suas especificidades, qualificar e particularizar o sítio, tornando-se responsável pelas mediações das tensões e contradições do ambiente em que se implanta." (DANTAS, 2011 – pág. 22)

Portanto, acredito que muito do que busquei na formulação deste projeto visa isto, criar um lugar, um ambiente, reforçando a identidade e intensificando as relações entre as pessoas e o espaço. A qualidade do "lugar" construído representa seu caráter, que através da arquitetura encontrou sua vocação, revelando as características ocultas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Paulo Thedim. O Piauí e sua arquitetura. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Nº 2. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938. Pág. 187 – 223.

BOITO, Camilo. Os Restauradores. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BRANDI, Cesare. Teoria da Restauração. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

CARDOSO, Francisco Ferreira. Sistemas de contenção. Escola Politécnica da Universidade de São Paulo – Departamento de Engenharia de Construção Civil. São Paulo, 2002.

CARVALHO Jr., Dagoberto. Passeio a Oeiras. Teresina – PI: Cia Editora do Piauí, 1948;

CHOAY, Françoise. A Alegoria do Patrimônio. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CURY, Isabelle (org.). Cartas Patrimoniais. Rio de Janeiro: IPHAN/DEPROM, 2000.

DANTAS, Carlos Felipe Albuquerque. Álvaro Siza & Rem Koolhaas: A transformação do "lugar" na arquitetura contemporânea. São Paulo: Annablume Editora, 2011;

EVANGELISTA, Belisa Mendes. Evolução Urbana e Arquitetônica de Oeiras nos séculos XVII, XVIII e XIX (1697-1852). Brasília, 2002.

FERREIRA, Murilo Cunha. Dos vaqueiros à política pombalina: a primeira urbe do sertão nordestino – estudo de tombamento federal do centro histórico de Oeiras/PI. Teresina, 2008.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K. Arquitetura Escolar: o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina dos Textos, 2011;

IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Superintendência do Piauí. Cidades do Piauí testemunhas do interior do Brasil durante o século XVIII – Conjunto Histórico e Paisagístico de Oeiras: dossiê de tombamento. Teresina, 2010.

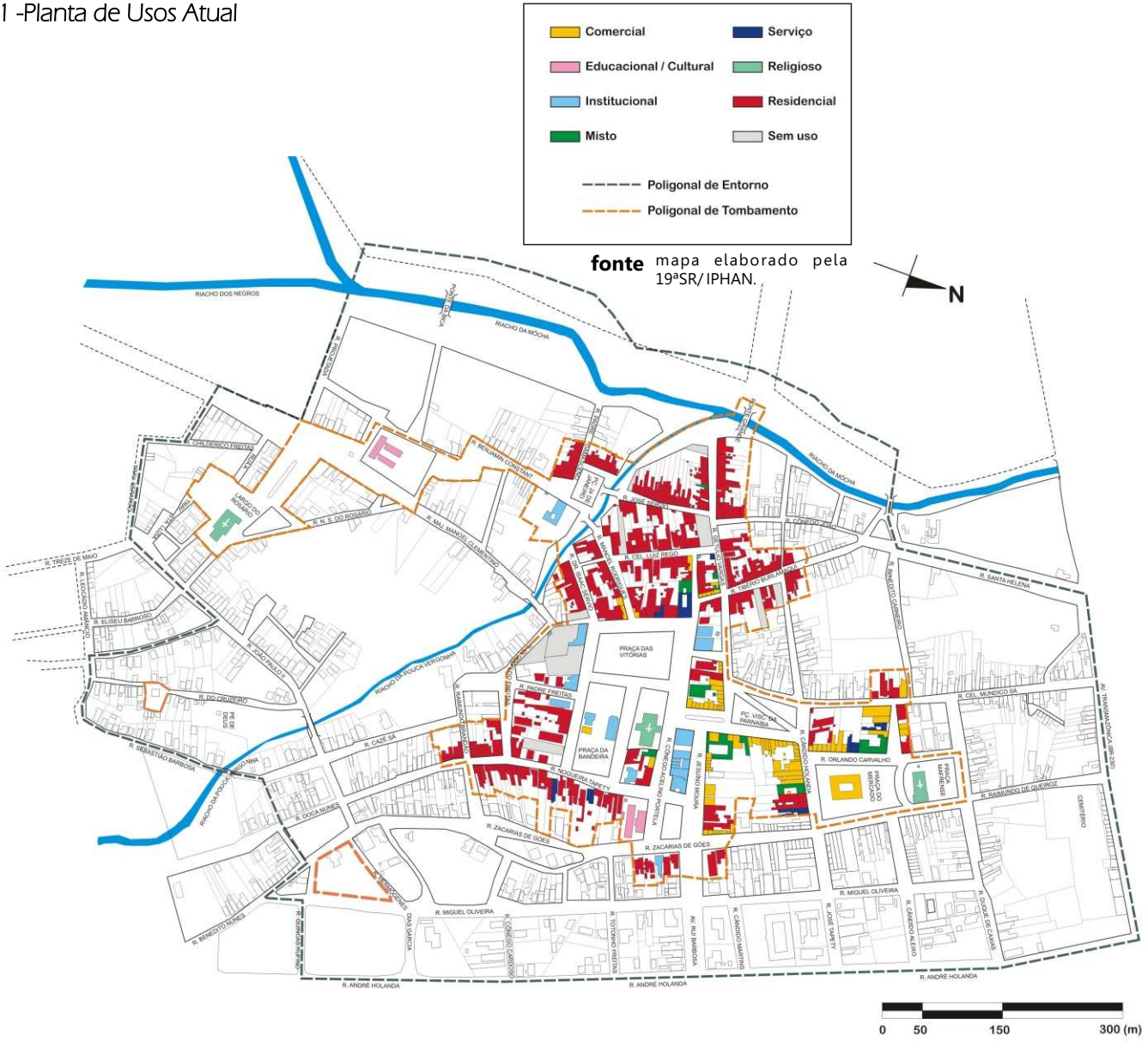
LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1918.

Rossi, Aldo. A arquitetura da cidade. Tradução Eduardo Brandão – 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1931.

SILVA FILHO, Olavo Pereira da. Carnaúba, pedra e barro na Capitania de São José do Piauhy. Belo Horizonte, 2007

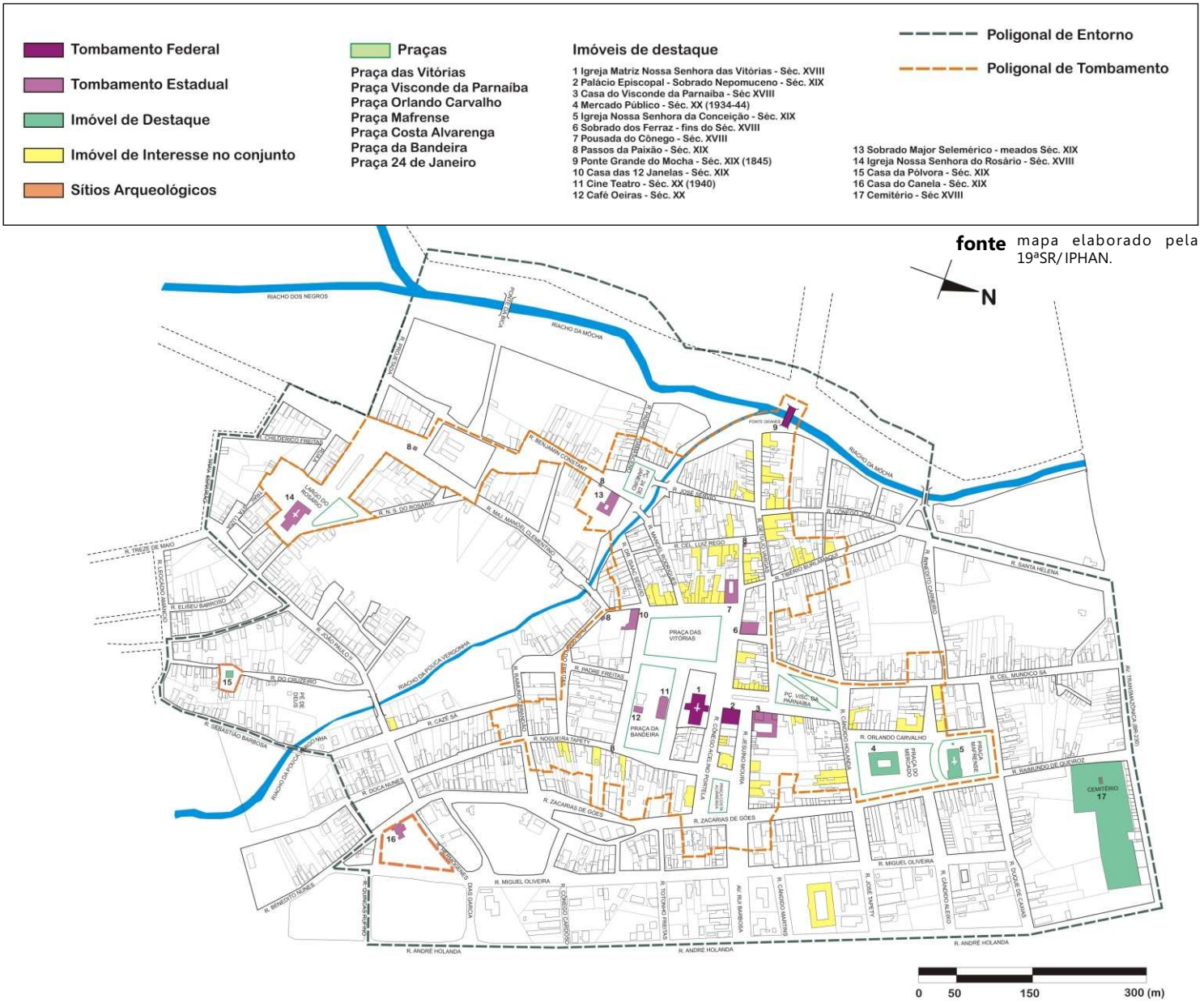
ANEXOS

Anexo 01 -Planta de Usos Atual



fonte mapa elaborado pela 19ªSR/ IPHAN.

Anexo 02 - Planta dos imóveis de interesse



fonte mapa elaborado pela 19ªSR/ IPHAN.

LISTA DE FIGURAS

figura 1.1	localização do município de Oeiras.	**fonte**	mapa elaborado pela 19ªSR/ IPHAN a partir de informações de ANDRADE, 1975, P. 23 E 39.	**pág.** 08
figura 1.2	centro cultural são paulo.	**fonte**	<http://www.centrocultural.sp.gov.br>	**pág.** 11
figura 1.3	centro cultural são paulo.	**fonte**	<http://www.centrocultural.sp.gov.br>	**pág.** 11
figura 1.4	centro cultural são paulo.	**fonte**	<http://www.centrocultural.sp.gov.br>	**pág.** 12
figura 1.5	centro cultural são paulo.	**fonte**	<http://www.centrocultural.sp.gov.br>	**pág.** 12
figura 2.1	rotas de expansão da pecuária no Nordeste e vilas fundadas até meados do século XVIII.	**fonte**	mapa elaborado pela 19ªSR/ IPHAN a partir de informações de ANDRADE, 1975, P. 23 E 39.	**pág.** 20
figura 2.2	carta geográfica da capitania do piahui, e parte das adjacentes - levantada em 1761 por joão antonio galuci.	**fonte**	fundação biblioteca nacional. dacalcado e adaptado por 19ªSR/ IPHAN	**pág.** 23
figura 2.3	"Oeyras do Piauhi". Autoria desconhecida, fins do século XVIII.	**fonte**	Original manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa. Cópia extraída de REIS, 2000, pág. 139.	**pág.** 29
figura 3.1	perspectiva a vôo de pássaro do centro histórico de Oeiras em primeiro plano e ao fundo o contraste do traçado com a expansão da mancha urbana na Segunda metade do século XX.	**fonte**	arquivo da 19ªSR/ IPHAN - ano 2008	**pág.** 34
figura 3.2	tomada geral da praça com edificações.	**fonte**	arquivo da 19ªSR/ IPHAN - ano 2007	**pág.** 35

figura 3.3	casario colonial na rua dr. Isaac Sérvio na Praça da Bandeira.	**fonte**	arquivo da 19ªSR/ IPHAN - autoria Diva Figueiredo	**pág.** 36
figura 3.4	"planta da cidade de Oeiras da Capª de S. Ioze do Piauhy, que presidiu o Ilmo. Senhor Gor. Carlos Cezar Burlamaqui, por Joze Pedro Cezar Menezes, no anno de 1809 - vista da parte de oeste". Editada pela 19ªSR/IPHAN.	**fonte**	original do arquivo histórico do exército - AHEx	**pág.** 37
figura 3.5	mapa interpretativo da formação do desenho urbano de Oeiras, a partir da geografia local e dos acessos a estradas coloniais. Editada pela 19ªSR/IPHAN.	**fonte**	Elaborado pela 19ªSR/IPHAN sobre a base cartográfica atual.	**pág.** 42
figura 3.6	grupo escolar Costa Alvarenga.	**fonte**	<http://www.annuaire-mairie.fr/photo-oeiras-bresil.html>	**pág.** 42
figura 3.7	praça Costa Alvarenga.	**fonte**	<http://www.meionorte.com/oeiras/semana-santa-movimenta-cidade-de-oeiras-120105.html>	**pág.** 42
figura 3.8	casa do Visconde da Parnaíba.	**fonte**	<http://www.fnt.org.br/oeiras-pontosturisticos.php?id=4>	**pág.** 44
figura 3.9	sobrado João Nepomuceno.	**fonte**	<http://www.panoramio.com/photo/21209800>	**pág.** 44
figura 3.10	vista aérea da rua Jesuíno Moura no conjunto histórico e paisagístico de Oeiras.	**fonte**	Elaborado pela 19ªSR/IPHAN.	**pág.** 45
figura 3.11	sobrado dos Ferraz.	**fonte**	Elaborado pela 19ªSR/IPHAN. autoria Murilo Cunha.	**pág.** 46
figura 3.12	cine teatro.	**fonte**	Elaborado pela 19ªSR/IPHAN.	**pág.** 46

figura 3.13	casa das 12 janelas.	**fonte**	Elaborado pela 19ªSR/IPHAN. autoria Elane Coutinho.	**pág.** 46
figura 3.14	associação comercial.	**fonte**	arquivo pessoal.	**pág.** 46
figura 3.15	café oeiras.	**fonte**	<http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/11209836.jpg>	**pág.** 46
figura 3.16	conjunto de praças.	**fonte**	<http://turismofapthe.blogspot.com.br/2011/03/iphan-faz-tombamento-de-todo-centro.html>	**pág.** 47
figura 3.17	conjunto de praças.	**fonte**	<http://4.bp.blogspot.com/_8up26-H6DPQ/Se4m-uLdtQI/AAAAAAAAABs/xdYMYTo4DpI/s320/centro-historico-oeiras-vista-aerea-1-praca-das-vitorias-300x212.jpg>	**pág.** 47
figura 3.18	conservação das fachadas antigas.	**fonte**	<http://farm4.static.flickr.com/3102/3239114288_50a718041c.jpg>	**pág.** 48
figura 3.19	sobrado Major Selemérico.	**fonte**	Arquivo pela 19ªSR/IPHAN. autoria Claudiana Cruz.	**pág.** 48
figura 3.20	perspectiva a vôo de pássaro do bairro do Rosário.	**fonte**	Arquivo pela 19ªSR/IPHAN.	**pág.** 49
figura 3.21	praça do Visconde da Parnaíba.	**fonte**	<http://www.panoramio.com/photo/21209820>	**pág.** 51
figura 3.22	vista rua Getúlio Vargas.	**fonte**	Arquivo pela 19ªSR/IPHAN. autoria Diva Figueiredo.	**pág.** 51
figura 3.23	vista aérea da praça do Visconde da Parnaíba.	**fonte**	desconhecida.	**pág.** 51
figura 3.24	vista aérea da igreja da Conceição.	**fonte**	Arquivo pela 19ªSR/IPHAN.	**pág.** 52
figura 3.25	vista aérea do mercado público.	**fonte**	Arquivo pela 19ªSR/IPHAN.	**pág.** 53

figura 5.1	mapa de localização na cidade.	**fonte**	arquivo da 19ªSR/ IPHAN.	**pág.** 61
figura 5.2	rua major manuel clementino.	**fonte**	arquivo pessoal.	**pág.** 62
figura 5.3	rua clocoaldo freitas.	**fonte**	arquivo pessoal.	**pág.** 62
figura 5.4	rua cazé sá.	**fonte**	arquivo pessoal.	**pág.** 62
figura 5.5	rua joão paulo II.	**fonte**	arquivo pessoal.	**pág.** 62
figura 5.6	rua joão paulo II.	**fonte**	arquivo pessoal.	**pág.** 63
figura 5.7	rua nossa senhora do rosário.	**fonte**	arquivo pessoal.	**pág.** 63
figura 5.8	rua nossa senhora do rosário.	**fonte**	arquivo pessoal.	**pág.** 63
figura 5.9	rua nossa senhora do rosário.	**fonte**	arquivo pessoal.	**pág.** 63
figura 5.10	mapa de localização na cidade.	**fonte**	arquivo da 19ªSR/ IPHAN.	**pág.** 64
figura 5.11	foto ocupação.	**fonte**	arquivo pessoal.	**pág.** 65
figura 5.12	foto ocupação.	**fonte**	arquivo pessoal.	**pág.** 66
figura 5.13	foto ocupação.	**fonte**	arquivo pessoal.	**pág.** 66
figura 5.14	foto ocupação.	**fonte**	arquivo pessoal.	**pág.** 66
figura 5.15	mapa remoções.	**fonte**	base google earth.	**pág.** 67

disposições relativas à área de intervenção

figura 7.1	perspectiva vôo de pássaro - vista Igreja do Rosário.	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 84
figura 7.2	implantação SOMA na cidade	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 85
figura 7.3	esquema de cores para as atividades do SOMA.	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 86
figura 7.4	fluxograma SOMA	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 88
figura 7.5	espacialização do programa de necessidades	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 89

figura 7.6	vista a partir da margens do Riacho da Pouca Vergonha	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 90
figura 7.7	acesso SOMA	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 91
figura 7.8	praças ajardinadas	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 92
figura 7.9	vista a partir das praças ajardinadas para Igreja N. S. da Vitória.	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 94
figura 7.10	praças ajardinadas	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 95
figura 7.11	área de convivência	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 96
figura 7.12	rampas de circulação interna	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 98
figura 7.13	perspectiva vôo de pássaro - praças ajardinadas	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 100
figura 7.14	espaço entre blocos	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 101
figura 7.15	vista lateral blocos	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 102
figura 7.16	vista passeio interno	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 104
figura 7.17	margem riacho da pouca vergonha	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 105
				pág. 102
figura 7.18	fachada blocos - jardim escalonado	**fonte**	desenvolvido pelo aluno.	**pág.** 108

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1

PROJETO DE ARQUITETURA

CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER

LOCAL: OEIRAS - PIAUÍ

ALUNO: VICENTE DE PAULA MENDES FREITAS FILHO

PROF.: ORIENTADOR: ROMEU DUARTE

001-ARQ-AR-SOMA-PLANTA DE IMPLANTACAO

CONTEÚDO DA PRANCHA

Serviço Ciberne de Multiatividades

SOMA

01 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
ESCALA 1/500


RUA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
RUA MAJOR HANNOEL CENDRETINO
RUA JOÃO PAULO II
RUA CAZÉ SÁ
RUA PADRE FREITAS
RUA RAIMUNDO BRANDÃO
RUA CLODOALDO FREITAS
ACESSO LAR-JARDIM
ACESSO PRINCIPAL
ACESSO SERVIÇO
ESTACIONAMENTO
ESTACIONAMENTO DE VISITANTES
PARADA DE ÔNIBUS
PARADA DE ÔNIBUS
PARADA DE ÔNIBUS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1

PROJETO DE ARQUITETURA

CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER — LOCAL: OEIRAS - PIAUÍ

ALUNO: VICENTE DE PAULA MENDES FREITAS FILHO

PROF. ORIENTADOR: ROMEU DUARTE

002-ARQ-AP-SOMA-PLANTA DE COBERTURA — CÓDIGO DA PRANCHA

SOMA — Serviço Cidadão de Multiatividades

QUADRO DE ESPECIFICAÇÕES

PISO	01 - PISO INDUSTRIAL DE CONCRETO - COR: BRANCO
	02 - PEDRA/LAMITO USINA/LAMA NUDE ACETINADO 60x60cm - JUNTA 2mm - RAL: ELIANE
	03 - PISO RAGE SAND 120X120 EXT - COR: 2424ET - RAL: PORTOBELLO
	04 - CERÂMICA 5M PULIDA - LINHA ATITUDE - MODELO VOADOR - COR: 020 - RAL: BEIA/CLARO DO BRASIL
	05 - PISO DECK ECOWOOD CANELA 120X0 EXT 607 - RAL: PORTOBELLO
	06 - PISO EPOXI PARA QUADRAS ESPORTIVAS - COR: BEGE - RAL: PISOBRAX
	07 - PISO INTERTRAVADO PAVI TIJOLO 10X20cm - COR: TIJOLO - RAL: TECPAVI
	08 - PISO INTERTRAVADO PAVI TIJOLO 10X20cm - COR: NATURAL - RAL: TECPAVI
	09 - PISOGRAMA PAVI GRADE 60X40X10cm - RAL: TECPAVI
	10 - CONCRETO ARMADO
	11 - PISO ELEVADO COM PLACAS DE CONCRETO PRÉ-MOLDADO 60X60cm - RAL: CONCRETT
PAREDE	01 - REVESTIMENTO GRANITO GUIANENSE BALANCE 627X312cm 32,5x10cm - JUNTA 2mm - RAL: ELIANE
	02 - TEXTURA ACRÍLICA. COR: BRANCO NEVE - RAL: CORAL OU EQUIVALENTE
	03 - TEXTURA ACRÍLICA. COR: BRANCO GELO - RAL: CORAL OU EQUIVALENTE
	04 - TEXTURA ACRÍLICA. COR: BRANCO NEVE - RAL: CORAL OU EQUIVALENTE
TETO	01 - CONCRETO ARMADO
	02 - FORRO DE GESSO COM FORTURA ACÚSTICA. COR.: BRANCO NEVE - RAL: CORAL OU EQUIVALENTE

01 PLANTA DE COBERTURA

ESCALA 1/200



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE AGUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1

PROJETO DE AEQUITETURA

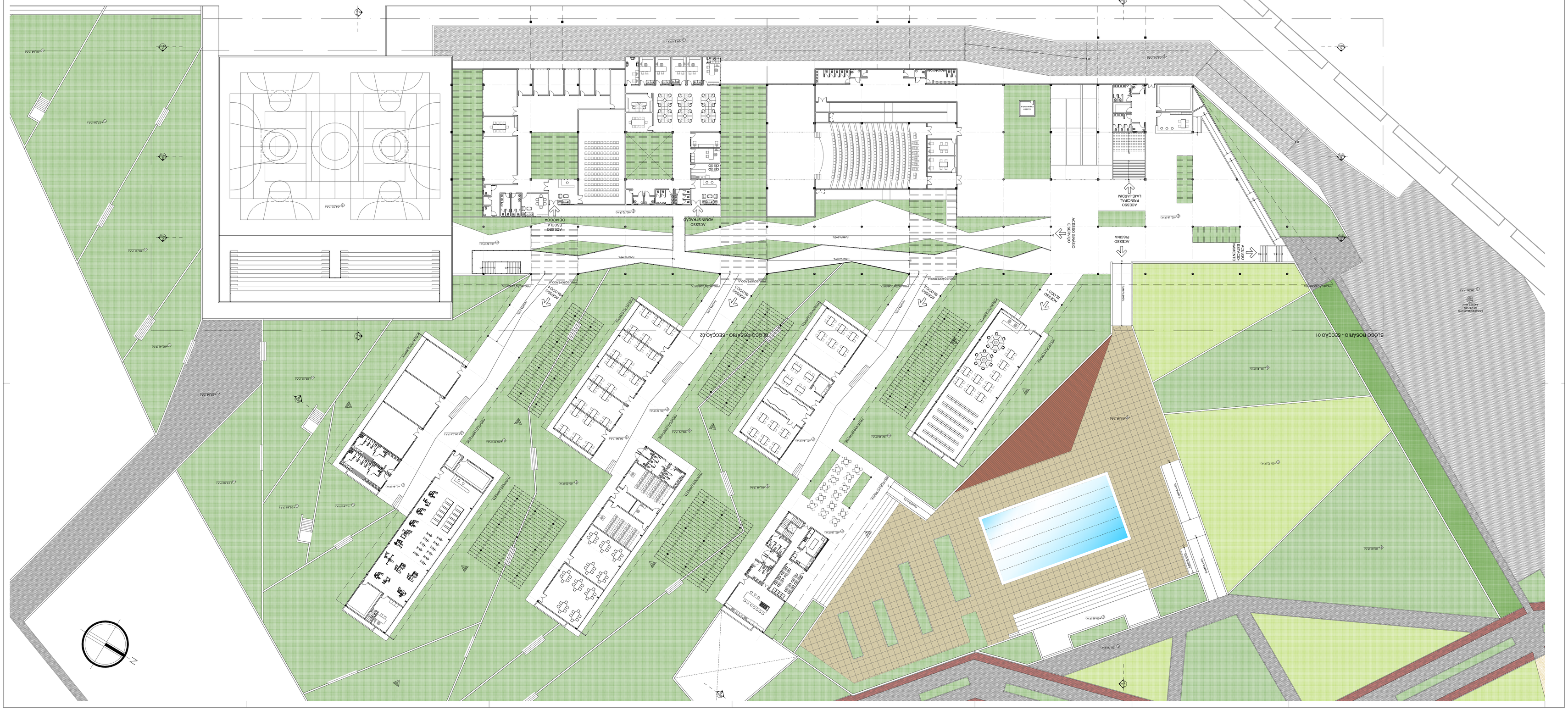
CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER — LOCAL: OEIRAS - PIAUÍ

ALUNO: VICENTE DE PAULA NUNES FREITAS FILHO
PROF. ORIENTADOR: ROMEU DUARTE

SOMA
Serviço Cidadão de Multidades

003-ARQ-AP-SOMA-PLANTA BAIXA GERAL
CODIGO DA PRANCHA

01 PLANTA BAIXA GERAL
ESCALA 1/250


ACESSO PRINCIPAL
ACESSO PRAÇA
ACESSO ADMINISTRAÇÃO
ACESSO BLOCO 01
ACESSO BLOCO 02
ACESSO BLOCO 03
ACESSO BLOCO 04
ACESSO CAIS DE MOCAMBO
ACESSO GINÁSIO ESPORTIVO
ACESSO ESTACIONAMENTO
ACESSO PRINCIPAL LAJE - JARDIM
BLOCO 01
BLOCO 02
BLOCO 03
BLOCO 04
BLOCO ADMINISTRAÇÃO
BLOCO CAIS DE MOCAMBO
BLOCO RESTAURANTE
BLOCO ROSÁRIO - SECÇÃO 01
BLOCO ROSÁRIO - SECÇÃO 02
GINÁSIO ESPORTIVO
PISCINA
QUADRA POLIESPORTIVA
ESPELHO D'ÁGUA
VIGIA
VIGIA
VIGI

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1

CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER — LOCAL: OEIRAS - PIAUÍ

ALUNO: VICENTE DE PAULA MENDES FREITAS FILHO

PROF.: DIELENTHON DE MORAIS

004-ARQ-AP-SOMA-PLANTA BAIXA-BL-SOSA02-SEC.01

Serviço Colletivo de Multilocalidades

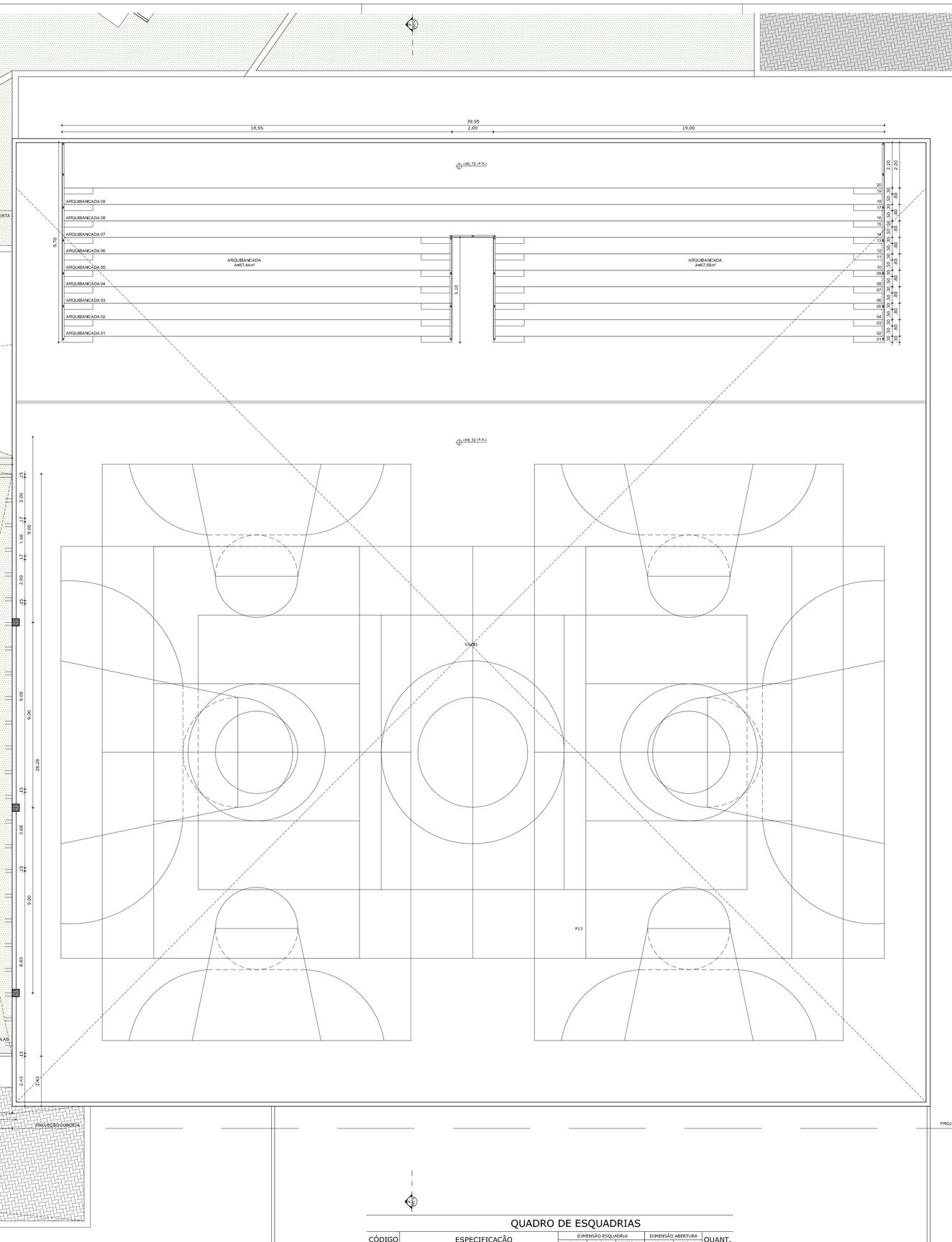
01 PLANTA BAIXA BL. ROSÁRIO - SECÇÃO 01

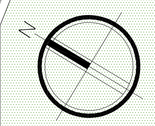
ESCALA 1/100

QUADRO DE ESQUADRIAS

CÓDIGO	ESPECIFICAÇÃO	ALTURA PEITORIL	ALTURA VERGA	ALTURA LARGURA	QUANT.
P1	PORTA DE CORRER DE VIDRO TEMPERADO	2,40m	--	2,40m	01
P2	PORTA DE ENTRADA EM ACO COM PERSIANA EM MADEIRA	2,30m	--	2,10m	01
P3	PORTA DE ENTRADA EM MADEIRA	2,30m	--	2,10m	01
P4	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	--	2,10m	01
P5	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	0,60m	2,10m	01
P6	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	0,70m	2,10m	01
P7	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	0,70m	2,10m	01
P8	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	0,80m	2,10m	01
P9	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	0,80m	2,10m	01
P10	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	0,90m	2,10m	01
P11	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	0,90m	2,10m	01
P12	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	0,95m	2,10m	01
P13	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	0,95m	2,10m	01
P14	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P15	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P16	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P17	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P18	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P19	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P20	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P21	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P22	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P23	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P24	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P25	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P26	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P27	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P28	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P29	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P30	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P31	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P32	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P33	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P34	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P35	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P36	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P37	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P38	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P39	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P40	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P41	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P42	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P43	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P44	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P45	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P46	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P47	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P48	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P49	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P50	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P51	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P52	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P53	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P54	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P55	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P56	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P57	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P58	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P59	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P60	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P61	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P62	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P63	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P64	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P65	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P66	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P67	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P68	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P69	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P70	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P71	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P72	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P73	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P74	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P75	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P76	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P77	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P78	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P79	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P80	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P81	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P82	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P83	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P84	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P85	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P86	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P87	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P88	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P89	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P90	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P91	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P92	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P93	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P94	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P95	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P96	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P97	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P98	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P99	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P100	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P101	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P102	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P103	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P104	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P105	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P106	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P107	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P108	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P109	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P110	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P111	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P112	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P113	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P114	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P115	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P116	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P117	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P118	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P119	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P120	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P121	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P122	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P123	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P124	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P125	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P126	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P127	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P128	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P129	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P130	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P131	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P132	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P133	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P134	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P135	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P136	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P137	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P138	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P139	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P140	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P141	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P142	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P143	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P144	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P145	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P146	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P147	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P148	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P149	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P150	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P151	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P152	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P153	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P154	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P155	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P156	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P157	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P158	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P159	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P160	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P161	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P162	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P163	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P164	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P165	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P166	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P167	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P168	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P169	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P170	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P171	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P172	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P173	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P174	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P175	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P176	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P177	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P178	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P179	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P180	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P181	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P182	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P183	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P184	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P185	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P186	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P187	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P188	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P189	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P190	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P191	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P192	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P193	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P194	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P195	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P196	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P197	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P198	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P199	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P200	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P201	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P202	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P203	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P204	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P205	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P206	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P207	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P208	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P209	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P210	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P211	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P212	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P213	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P214	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P215	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P216	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P217	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P218	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P219	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P220	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P221	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P222	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P223	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P224	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P225	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P226	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P227	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P228	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P229	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P230	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P231	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P232	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P233	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P234	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P235	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P236	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P237	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P238	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P239	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P240	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P241	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P242	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P243	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A DEFINIR	2,30m	1,00m	2,10m	01
P244	PORTA DE ACESSO 1 FOLHA, TIPO PHAMAL EM MADEIRA	2,30m	1,00m	2,10m	01
P245	BATENTE COM LARGURA REVESTIDO - CEGE - A







AMBIENTE	ÁREA
Circulação (ACC)	
Secretaria e Recepção	25,87m²
Circulação	49,73m²
Copa	13,74m²
Serviço	120,64m²
Reprografia	12,98m²
Sala Setor Admnistrativo	14,96m²
Sala Setor Esportivo	14,95m²
Sala Setor Social	14,93m²
Sala Gerente Apoio	14,9m²
Sala Gerente	14,17m²
WC Gerente	2,85m²
Vestiário	57,45m²
Sala de Recepção	18,32m²
DML	3,93m²
WC Acessível	2,99m²
WC Feminino	2,99m²
WC Masculino	8,63m²
Sala de Medico	11,47m²
Sala de Informática	15,71m²

TOTAL: 396,12m²

AMBIENTE	ÁREA
Circulação (ACC)	
Hall Auditório	186,16m²
Circulação	146,72m²
Galeria Multiuso	70,75m²
Sala Aloud. Individual	13,58m²
Sala Aloud. Individual	13,58m²
Sala Aloud. Individual	13,58m²
Sala Aloud. Individual	11,58m²
Recepção Aloud.	13,14m²
Sala Aloud. Individual	13,68m²
Sala Aloud. Coletiva	56,78m²
WC	28,79m²
Sala Aloud. Coletiva	57,75m²
Sala de Reunião	23,93m²
DML	2,66m²
WC Acessível	2,99m²
WC Feminino	8,60m²
WC Masculino	8,60m²
Hall do Camarim	8,60m²
Recepção	24,42m²

TOTAL: 661,18m²

AMBIENTE	ÁREA
Circulação (ACC)	
Quadra	1.591,67m²
Circulação	198,89m²
DML	2,00m²
Vestiário Masculino	55,36m²
Vestiário Feminino	36,81m²
Depósito	8,45m²
Depósito	12,67m²
Arquibancadas	145,05m²
Jardim	1.174,42m²

TOTAL: 2.516,52m²

QUADRO DE ESQUADRIAS

CÓDIGO	ESPECIFICAÇÃO	DIMENSÃO ESQUADRIA		DIMENSÃO ABERTURA		QUANT.
		ALTURA	LARGURA	ALTURA	LARGURA	
P1	PORTA CAMARÃO DE VIDRO TEMPERADO	2,40m	1,20m	2,40m	1,25m	01
P2	PORTA DE ENGRADE EM AÇO COM PINTURA ANTICORROSIVA - COR: PRETO FOSCO	2,30m	4,30m	2,15m	2,30m	01
P3	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAVANA, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,60m	2,35m	0,65m	00
P4	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAVANA, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,70m	2,35m	0,75m	00
P5	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAVANA, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,80m	2,35m	0,85m	00
P6	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAVANA, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,90m	2,35m	0,95m	00
P7	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAVANA, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,90m	2,35m	0,95m	00
P8	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAVANA, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	1,20m	2,35m	1,25m	00
P9	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAVANA, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	1,60m	2,35m	1,65m	00
P10	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAVANA, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	2,00m	2,35m	2,05m	00
P11	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO NATURAL	2,70m	3,00m	2,35m	2,75m	00
P12	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO NATURAL	1,80m	0,60m	--	0,60m	00
P13	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO NATURAL	1,80m	0,90m	--	0,90m	00
P14	JANELA DE CORRER, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	1,10m	1,20m	1,00m	1,15m	1,25m	00
P15	JANELA MAXIM-AR, 3 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	0,60m	1,80m	0,55m	0,65m	00
P16	JANELA MAXIM-AR, 4 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	1,20m	1,80m	0,55m	1,25m	00
P17	JANELA MAXIM-AR, 3 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	1,80m	1,80m	0,55m	1,85m	00
P18	JANELA MAXIM-AR, 4 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	2,40m	1,80m	0,55m	2,45m	00
P19	JANELA MAXIM-AR, 10 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	6,00m	1,80m	0,55m	6,05m	00
P20	VIDRO TEMPERADO FIXO REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	2,40m	0,60m	--	2,40m	0,60m	00
P21	VIDRO TEMPERADO FIXO/MAXIM-AR REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	2,40m	0,60m	--	2,40m	0,60m	00
P22	VIDRO TEMPERADO FIXO REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	3,50m	0,60m	--	3,50m	0,60m	00
P23	VIDRO TEMPERADO FIXO/MAXIM-AR REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	3,50m	0,60m	--	3,50m	0,60m	00
P24	VIDRO TEMPERADO FIXO REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	4,50m	0,60m	--	4,50m	0,60m	00
P25	VIDRO TEMPERADO FIXO/MAXIM-AR REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	4,50m	0,60m	--	4,50m	0,60m	00
P26	JANELA FIXA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO INCOLOR	2,80m	1,30m	--	2,85m	1,35m	00
P27	JANELA MAXIM-AR, 6 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	2,40m	1,80m	0,55m	2,45m	00
P28	JANELA DE CORRER, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	1,10m	2,80m	1,00m	1,15m	2,85m	00
P29	GRADIL DE ABRIR, 2 FOLHAS, EM AÇO COM PINTURA EM ESMALTE SINTÉTICO - COR: VERDE	1,10m	0,60m	--	1,10m	0,65m	00
P30	ELEMENTO VAZADO DE CIMENTO - COR: NATURAL - REF.: ADSE - FAB.: FACESAL	0,39m	0,39m	--	0,40m	0,40m	00

QUADRO DE ESPECIFICAÇÕES

PISO	01 - PISO INDUSTRIAL DE CONCRETO - COR: BRANCO	
	02 - PORCELANATO URBANLAND NUDE ACETINADO 60x60cm + JUNTA 5mm - FAB.: ELIANE	
	03 - PISO MADE SAND 120X120 EXT - COD. 204DHET - FAB.: PORTOBELLO	
	04 - CARPETE EM PLACAS - LINHA ASTRAL - MODELO VOYAGER - COD: 029 - FAB.: BEAULIEU DO BRASIL	
	05 - PISO DECK ECOWOOD CANELA 10X50 EXT RET - FAB.: PORTOBELLO	
	06 - PISO EPOXI PARA QUADRAS ESPORTIVAS - COR: BEGE - FAB.: FISIOEPOX	
	07 - PISO INTERTRAVADO PAVI TIJOLO 10X20cm + COR: NATURAL + FAB.: TECPAVI	
	08 - PISO INTERTRAVADO PAVI TIJOLO 10X20cm + COR: TERRACOTA + FAB.: TECPAVI	
	09 - PISOGRAMA PAVI GRADE RETANGULAR - FAB.: TECPAVI	
	10 - PISO ELEVADO COM PLACAS DE CONCRETO PRÉ-MOLDADO 80X80cm + FAB.: CONCRETIT	
PAREDE	01 - CONCRETO APARENTE	
	02 - REVESTIMENTO DIAMANTE BRANCO BRILHANTE RETIFICADO 32,5x57cm - JUNTA 2mm + FAB.: ELIANE	
	03 - PINTURA ACRÍLICA, COR: BRANCO NEVE + FAB.: CORAL OU EQUIVALENTE	
	04 - TEXTURA ACRÍLICA, COR: BRANCO GELO + FAB.: CORAL OU EQUIVALENTE	
TETO	01 - CONCRETO APARENTE	
	02 - FORRO DE GESSO COM PINTURA ACRÍLICA, COR.: BRANCO NEVE + FAB.: CORAL OU EQUIVALENTE	

01 PLANTA BAIXA BL. ROSÁRIO - SECÇÃO 02

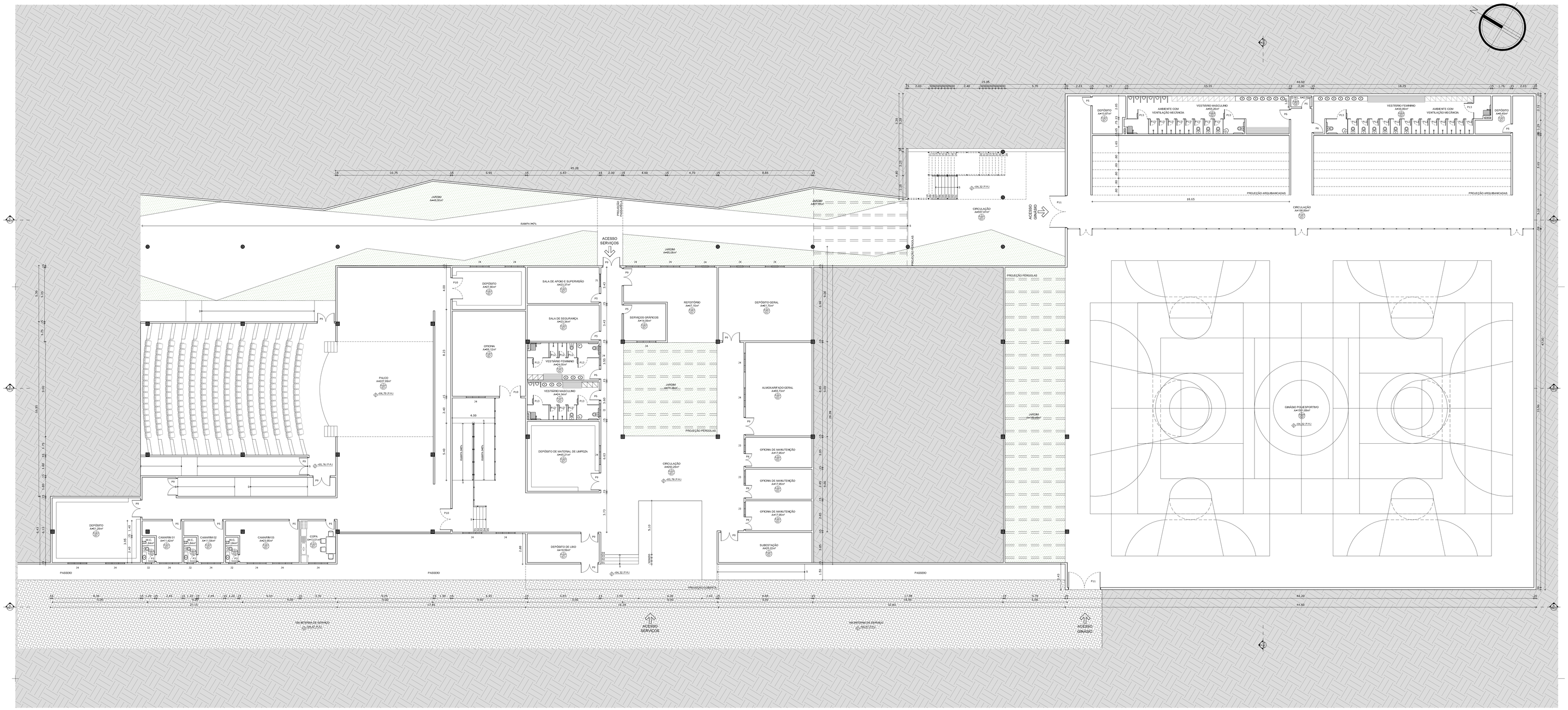
ESCALA 1/100

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1
PROJETO DE ARQUITETURA
CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER LOCAL: OEIRAS - PIAUÍ

ALUNO: VICENTE DE PAULA MENDES FREITAS FILHO
PROF. ORIENTADOR: ROMEU DUARTE

CÓDIGO DA PRANCHA:
005-ARQ-AP-SOMA-PLANTA BAIXA-BL.ROSARIO-SEC.02



QUADRO DE ESQUADRIAS

CÓDIGO	ESPECIFICAÇÃO	DIMENSÃO ESQUADRIA ALTURA	DIMENSÃO ESQUADRIA LARGURA	DIMENSÃO ESQUADRIA PEITORIL	DIMENSÃO ABERTURA ALTURA	DIMENSÃO ABERTURA LARGURA	QUANT.
P1	PORTA CAMARÃO DE VIDRO TEMPERADO	2,40m	1,20m	--	2,44m	1,25m	01
P2	PORTA DE ENROLAR EM AÇO COM PINTURA EM ESMALTE SINTÉTICO, COR: VERDE	2,30m	4,30m	--	2,35m	2,30m	01
P3	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINEL, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,60m	--	2,35m	0,65m	00
P4	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINEL, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,70m	--	2,35m	0,75m	00
P5	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINEL, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,80m	--	2,35m	0,85m	00
P6	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINEL, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,90m	--	2,35m	0,95m	00
P7	PORTA DE ABRIR P.N.E., 1 FOLHA, TIPO PAINEL, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,90m	--	2,35m	0,95m	00
P8	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAINEL, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	1,20m	--	2,35m	1,25m	00
P9	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAINEL, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	1,60m	--	2,35m	1,65m	00
P10	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAINEL, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	2,00m	--	2,35m	2,05m	00
P11	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	2,70m	3,00m	--	3,05m	2,75m	00
P12	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO NATURAL	1,80m	0,80m	--	--	0,85m	00
P13	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO NATURAL	1,80m	0,90m	--	--	0,90m	00
J1	JANELA DE CORRER, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	1,10m	1,20m	1,00m	1,15m	1,25m	00
J2	JANELA MAXIM-AR, 3 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	0,60m	1,80m	0,55m	0,65m	00
J3	JANELA MAXIM-AR, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	1,20m	1,80m	0,55m	1,25m	00
J4	JANELA MAXIM-AR, 3 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	1,80m	1,80m	0,55m	1,85m	00
J5	JANELA MAXIM-AR, 4 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	2,40m	1,80m	0,55m	2,45m	00
J6	JANELA MAXIM-AR, 10 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	6,00m	1,80m	0,55m	6,05m	00
J7	VIDRO TEMPERADO FIXO REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	2,40m	0,60m	--	2,40m	0,60m	00
J8	VIDRO TEMPERADO FIXO/MAXIM-AR REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	2,40m	0,60m	--	2,40m	0,60m	00
J9	VIDRO TEMPERADO FIXO REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	3,50m	0,60m	--	3,50m	0,60m	00
J10	VIDRO TEMPERADO FIXO/MAXIM-AR REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	3,50m	0,60m	--	3,50m	0,60m	00
J11	VIDRO TEMPERADO FIXO REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	4,50m	0,60m	--	4,50m	0,60m	00
J12	VIDRO TEMPERADO FIXO/MAXIM-AR REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	4,50m	0,60m	--	4,50m	0,60m	00
J13	JANELA FIXA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	2,80m	1,30m	--	2,85m	1,35m	00
J14	JANELA MAXIM-AR, 4 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	2,40m	1,80m	0,55m	2,45m	00
J15	JANELA DE CORRER, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	1,10m	2,80m	1,00m	1,15m	2,85m	00
G1	GRADIL DE ABRIR, 2 FOLHAS, EM AÇO COM PINTURA EM ESMALTE SINTÉTICO - COR: VERDE	1,10m	0,80m	--	1,10m	0,85m	00
EV	ELEMENTO VAZADO DE CONCRETO - NATURAL - REF.: ADSE - FAB.: FACTIAL	0,39m	0,39m	--	0,40m	0,40m	00

01 PLANTA BAIXA - SERVIÇO - GINÁSIO

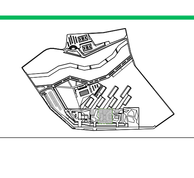
ESCALA 1/125

AMBIENTE	ÁREA
Serviço	
D.M.L.	45,21m²
Depósito de Lixo	18,99m²
Circulação	293,24m²
S.Gráficos	73,70m²
Oficina de Manutenção	17,95m²
Oficina de Manutenção	17,95m²
Oficina de Manutenção	17,95m²
Almoxarifado Geral	55,73m²
Depósito Geral	61,70m²
Serviços Gráficos	14,09m²
Sala de Apoio e Suporte	23,17m²
Sala de Segurança	23,36m²
Vestiário Masculino	24,34m²
Vestiário Feminino	24,00m²
Jardim	78,28m²

TOTAL: 740,93m²

QUADRO DE ESPECIFICAÇÕES

PISO	01 - PISO INDUSTRIAL DE CONCRETO - COR: BRANCO
	02 - PORCELANATO URBANLAND NUDE ACETINADO 60x60cm + JUNTA 5mm - FAB.: ELIANE
	03 - PISO MADE SAND 320X120 EXT - COD. 204MET - FAB.: PORTOBELLO
	04 - CARPETE EM PLACAS - LINHA ASTRAL - MODELO VOYAGER - COD. 019 - FAB.: BEAULIEU DO BRASIL
	05 - PISO DECK ECOWOOD CANELA 319X90 EXT RET - FAB.: PORTOBELLO
	06 - PISO EPOXI PARA QUADRAS ESPORTIVAS - COR: BEGE - FAB.: PISOEPOX
	07 - PISO INTERTRAVADO PAVI TIJOLO 10X20cm - COR: NATURAL - FAB.: TECPAVI
	08 - PISO INTERTRAVADO PAVI TIJOLO 10X20cm - COR: TERRACOTA - FAB.: TECPAVI
	09 - PISOGRAMA PAVI GRADE RETANGULAR - FAB.: TECPAVI
	10 - PISO ELEVADO COM PLACAS DE CONCRETO PRÉ-MOLDADO 80X80cm + FAB.: CONCRETIT
PAREDE	01 - CONCRETO APARENTE
	02 - REVESTIMENTO EUANAITE BRANCO BIELHANTE RETIFICADO 32,5x57cm - JUNTA 2mm - FAB.: ELIANE
	03 - PINTURA ACRÍLICA, COR: BRANCO NEVE - FAB.: CORAL OU EQUIVALENTE
	04 - TEXTURA ACRÍLICA, COR: BRANCO GELO - FAB.: CORAL OU EQUIVALENTE
TETO	01 - CONCRETO APARENTE
	02 - FORRO DE GESSO COM PINTURA ACRÍLICA, COR.: BRANCO NEVE - FAB.: CORAL OU EQUIVALENTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

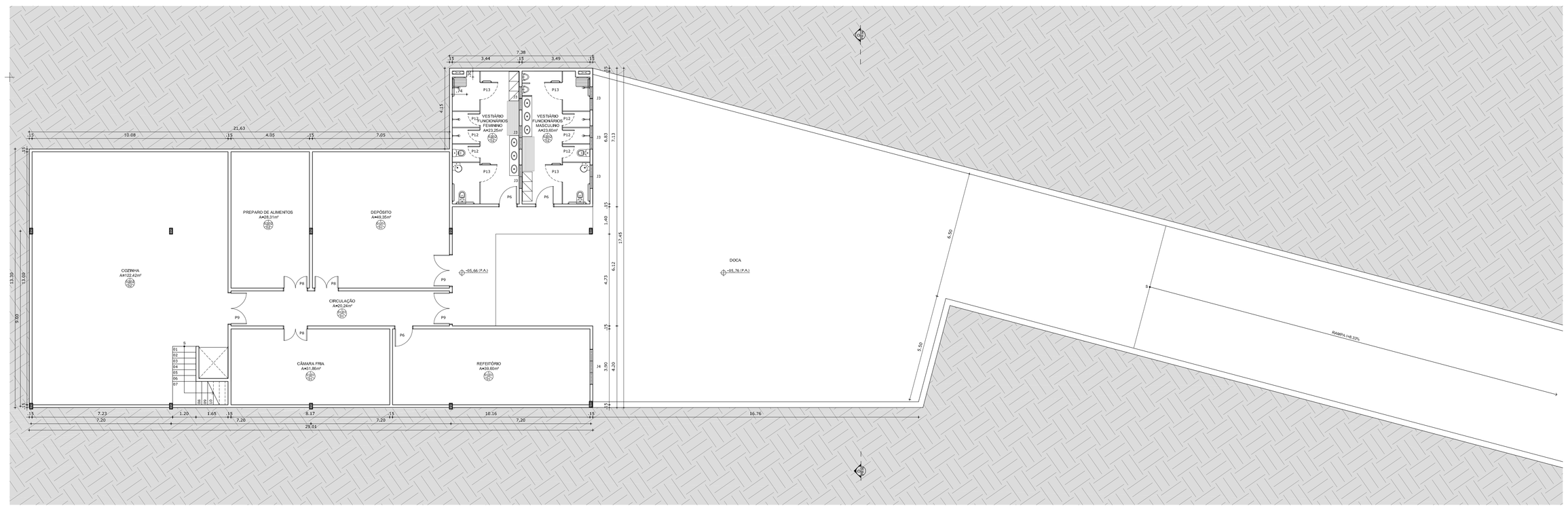
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1
PROJETO DE JAQUITETURA
CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER LOCAL: OEIRAS - PIAUÍ

ALUNO: VICENTE DE PAULA MENDES FREITAS FILHO
PROF. ORIENTADOR: ROMEU DUARTE

CÓDIGO DA PRANCHA:
006-ARQ-AP-SOMA-PLANTA BAIXA-BL.ROSARIO-SERVICO



01 PLANTA BAIXA BLOCO 01 - 02
ESCALA 1/100



02 PLANTA BAIXA BLOCO 02 - NÍVEL -5,76m
ESCALA 1/100

QUADRO DE ESQUADRIAS

CÓDIGO	ESPECIFICAÇÃO	DIMENSÃO ESQUADRIA		DIMENSÃO ABERTURA		QUANT.
		ALTURA	LARGURA	ALTURA	LARGURA	
P1	PORTA CAMARÃO DE VIDRO TEMPERADO	2,40m	1,20m	--	2,44m	1,25m	01
P2	PORTA DE BARGUIA EM AÇO COM PINTURA ANTICORROSIVA - FAB.: METALFORT	2,30m	4,30m	--	2,15m	2,30m	01
P3	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,60m	--	2,35m	0,65m	00
P4	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,70m	--	2,35m	0,75m	00
P5	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,80m	--	2,35m	0,85m	00
P6	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,90m	--	2,35m	0,95m	00
P7	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,90m	--	2,35m	0,95m	00
P8	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	1,20m	--	2,35m	1,25m	00
P9	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	1,60m	--	2,35m	1,65m	00
P10	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	2,00m	--	2,35m	2,05m	00
P11	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO NATURAL	2,70m	3,00m	--	3,05m	2,75m	00
P12	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO NATURAL	1,80m	0,60m	--	--	0,60m	00
P13	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO NATURAL	1,80m	0,90m	--	--	0,90m	00
J1	JANELA DE CORRER, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	1,10m	1,20m	1,10m	1,15m	1,25m	00
J2	JANELA MAXIM-AR, 1 FOLHA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	0,60m	1,80m	0,55m	0,65m	00
J3	JANELA MAXIM-AR, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	1,20m	1,80m	0,55m	1,25m	00
J4	JANELA MAXIM-AR, 3 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	1,80m	1,80m	0,55m	1,85m	00
J5	JANELA MAXIM-AR, 4 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	2,40m	1,80m	0,55m	2,45m	00
J6	JANELA MAXIM-AR, 10 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	6,00m	1,80m	0,55m	6,05m	00
J7	VIDRO TEMPERADO FIXO REFLETIVO - COR: VERDE + COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	2,40m	0,60m	--	2,40m	0,60m	00
J8	VIDRO TEMPERADO FIXO/MAXIM-AR REFLETIVO - COR: VERDE + COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	2,40m	0,60m	--	2,40m	0,60m	00
J9	VIDRO TEMPERADO FIXO REFLETIVO - COR: VERDE + COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	3,50m	0,60m	--	3,50m	0,60m	00
J10	VIDRO TEMPERADO FIXO/MAXIM-AR REFLETIVO - COR: VERDE + COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	3,50m	0,60m	--	3,50m	0,60m	00
J11	VIDRO TEMPERADO FIXO REFLETIVO - COR: VERDE + COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	4,50m	0,60m	--	4,50m	0,60m	00
J12	VIDRO TEMPERADO FIXO/MAXIM-AR REFLETIVO - COR: VERDE + COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	4,50m	0,60m	--	4,50m	0,60m	00
J13	JANELA FIXA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO INCOLOR	2,80m	1,30m	--	2,85m	1,35m	00
J14	JANELA MAXIM-AR, 6 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	2,40m	1,80m	0,55m	2,45m	00
J15	JANELA DE CORRER, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	1,10m	2,80m	1,00m	1,15m	2,85m	00
G1	GRADIS DE ABRIR, 2 FOLHAS, EM AÇO COM PINTURA EM ESMALTE SINTÉTICO - COR: VERDE	1,10m	0,60m	--	1,10m	0,65m	00
G2	ELEMENTO VAZADO DE CIMENTO - COR: NATURAL - REF.: ADSE - FAB.: FACITAL	0,39m	0,39m	--	0,40m	0,40m	00

AMBIENTE	ÁREA
PISO 01	
Área de Palco	203,15m²
Lanchonete	14,96m²
Cozinha	9,85m²
Circulação	31,41m²
Refeitório funcionários	28,47m²
Cozinha Experimental	14,21m²
W.C Acessível	2,05m²
W.C Acessível	3,00m²
W.C Feminino	16,81m²
W.C Masculino	11,32m²
Sala Infantil	96,74m²
Loja de Fotografia	32,71m²
Câmara Escura	9,52m²
Área de Exposições	30,70m²
Oficina Estação	30,70m²
Circulação	108,15m²

Circulação	346,95m²
Cozinha	19,52m²
Depósito de Alimentos	28,16m²
Depósito	49,01m²
Câmara Fria	11,89m²
Circulação	25,04m²
Refeitório	19,66m²
Vestiário Func. Feminino	13,67m²
Vestiário Func. Masculino	27,66m²

TOTAL: 1349,62m²

AMBIENTE	ÁREA
PISO 02	
Biblioteca	260,15m²

TOTAL: 260,15m²

QUADRO DE ESPECIFICAÇÕES

PISO	01 - PISO INDUSTRIAL DE CONCRETO – COR: BRANCO
	02 - PORCELANATO URBANLAND NUDE ACETINADO 60x60cm – JUNTA 5mm – FAB.: ELIANE
	03 - PISO MADE SAND 120X120 EXT – COD: 2040HET – FAB.: PORTOBELLO
	04 - CARPETE EM PLACAS – LINHA ASTRAL – MODELO VOYAGER – COD. 659 – FAB.: BEAULIEU DO BRASIL
	05 - PISO DECK ECOWOOD CANELA 10X90 EXT RET – FAB.: PORTOBELLO
	06 - PISO EPOXI PARA QUADRAS ESPORTIVAS – COR: BEGE – FAB.: PISOEPOXI
	07 - PISO INTERTRAVADO PAVI TIJOLO 10X20cm – COR: NATURAL – FAB.: TECPAVI
	08 - PISO INTERTRAVADO PAVI TIJOLO 10X20cm – COR: TERRACOTA – FAB.: TECPAVI
	09 - PISOGRAMA PAVI GRADE RETANGULAR – FAB.: TECPAVI
	10 - PISO ELEVADO COM PLACAS DE CONCRETO PRÉ-MOLDADO 80X80cm – FAB.: CONCREFIT
PAREDE	01 - CONCRETO APARENTE
	02 - REVESTIMENTO DUMANITE BRANCO BRILHANTE RETIFICADO 32,5x57cm – JUNTA 2mm – FAB.: ELIANE
	03 – PINTURA ACRÍLICA, COR: BRANCO NEVE – FAB.: CORAL OU EQUIVALENTE
	04 – TEXTURA ACRÍLICA, COR.: BRANCO GELO – FAB.: CORAL OU EQUIVALENTE
TETO	01 – CONCRETO APARENTE
	02 – FORRO DE GESSO COM PINTURA ACRÍLICA, COR.: BRANCO NEVE – FAB.: CORAL OU EQUIVALENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1
PROJETO DE ARQUITETURA
CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER LOCAL: OEIRAS - PIAUÍ

ALUNO: VICENTE DE PAULA MENDES FREITAS FILHO
PROF. ORIENTADOR: ROMEU DUARTE

soma
Serviço Oeiirense de Multiatividades

CÓDIGO DA PRANCHA:
007-ARQ-AP-SOMA-PLANTA BAIXA-BLO1-BLO2



01 PLANTA BAIXA BLOCO 03 - 04

ESCALA 1/100

QUADRO DE ESQUADRIAS

CÓDIGO	ESPECIFICAÇÃO	DIMENSÃO ESQUADRIA ALTURA (ARQUITETO)	ALTURA (ARQUITETO)	DIMENSÃO ABERTURA ALTURA	LARGURA	QUANT.
P1	PORTA CAMARÃO DE VIDRO TEMPERADO	2,40m	1,20m	--	2,44m	1,25m	01
P2	PORTA DE ENROLAR EM AÇO COM PINTURA EM ESMALTE SINTÉTICO COR: VERDE	2,30m	4,30m	--	2,15m	2,30m	01
P3	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO – COR: A DEFINIR	2,30m	0,60m	--	2,35m	0,65m	00
P4	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO – COR: A DEFINIR	2,30m	0,75m	--	2,35m	0,75m	00
P5	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO – COR: A DEFINIR	2,30m	0,80m	--	2,35m	0,85m	00
P6	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO – COR: A DEFINIR	2,30m	0,90m	--	2,35m	0,95m	00
P7	PORTA DE ABRIR P.N.E., 1 FOLHA, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO – COR: A DEFINIR	2,30m	0,90m	--	2,35m	0,95m	00
P8	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO – COR: A DEFINIR	2,30m	1,20m	--	2,35m	1,25m	00
P9	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO – COR: A DEFINIR	2,30m	1,60m	--	2,35m	1,65m	00
P10	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAINEL EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO – COR: A DEFINIR	2,30m	2,00m	--	2,35m	2,05m	00
P11	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	2,70m	3,00m	--	3,05m	2,75m	00
P12	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO NATURAL	1,80m	0,60m	--	--	0,60m	00
P13	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO NATURAL	1,80m	0,90m	--	--	0,90m	00
J1	JANELA DE CORRER, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	1,10m	1,20m	1,00m	1,15m	1,25m	00
J2	JANELA MAXIM-AR, 1 FOLHA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	0,60m	1,80m	0,55m	0,65m	00
J3	JANELA MAXIM-AR, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	1,20m	1,80m	0,55m	1,25m	00
J4	JANELA MAXIM-AR, 3 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	1,80m	1,80m	0,55m	1,85m	00
J5	JANELA MAXIM-AR, 4 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	2,40m	1,80m	0,55m	2,45m	00
J6	JANELA MAXIM-AR, 10 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	6,00m	1,80m	0,55m	6,05m	00
J7	VIDRO TEMPERADO FIXO REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO FOSCO COR: BRONZE	2,40m	0,60m	--	2,40m	0,60m	00
J8	VIDRO TEMPERADO FIXO/MAXIM-AR REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	2,40m	0,60m	--	2,40m	0,60m	00
J9	VIDRO TEMPERADO FIXO REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	3,50m	0,60m	--	3,50m	0,60m	00
J10	VIDRO TEMPERADO FIXO/MAXIM-AR REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	3,50m	0,60m	--	3,50m	0,60m	00
J11	VIDRO TEMPERADO FIXO REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	4,50m	0,60m	--	4,50m	0,60m	00
J12	VIDRO TEMPERADO FIXO/MAXIM-AR REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	4,50m	0,60m	--	4,50m	0,60m	00
J13	JANELA FIXA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	2,80m	1,30m	--	2,85m	1,35m	00
J14	JANELA MAXIM-AR, 5 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	2,40m	1,80m	0,55m	2,45m	00
J15	JANELA DE CORRER, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	1,10m	2,80m	1,00m	1,15m	2,85m	00
J16	GRADIL DE ABRIR, 2 FOLHAS – COR: COM PINTURA EM ESMALTE SINTÉTICO – COR: PRETO	1,10m	0,60m	--	1,15m	0,65m	00
J17	ELEMENTO VAZADO DE CERÂMICA – COR: NATURAL – REF.: ADSS – FAB.: PACITAL	0,39m	0,39m	--	0,40m	0,40m	00

AMBIENTE	ÁREA
BLOCO 03	
Circulação	246,56m²
Oficinas Culturais	80,57m²
Oficinas Culturais	80,11m²
Sala de Leit. e Recep.	11,39m²
Circulação	172,04m²
Sala de Tec. e Internet	59,27m²
Sala de Tec. e Internet	57,75m²
WC Acessível	4,20m²
WC Acessível	3,05m²
WC Feminino	11,15m²
Circulação	167,49m²
Depósito	21,07m²
Sala de Atividades Físicas	73,37m²
Sala de Atividades Físicas	73,37m²
Sala de Atividades Físicas	73,37m²
Vestiário Masculino	31,41m²
Vestiário Feminino	31,41m²
Depósito	33,25m²
Sala de Musculação	83,95m²
Sala de Musculação	83,95m²

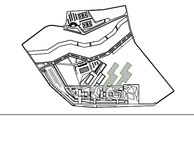
TOTAL: 985,67m²

AMBIENTE	ÁREA
BLOCO 04	
Sala Gestão Acadêmica	28,32m²
Depósito	21,07m²
WC Feminino	11,15m²
Depósito	21,07m²
Sala de Avaliação	21,66m²
Sala de Avaliação	21,66m²
Copa/Kit	22,47m²
WC Acessível	3,00m²
WC Acessível	3,05m²
Depósito	21,07m²
Vestiário Feminino	31,41m²
Vestiário Masculino	31,41m²
Sala de Musculação	83,95m²
Sala de Musculação	83,95m²
Sala de Musculação	83,95m²

TOTAL: 793,66m²

QUADRO DE ESPECIFICAÇÕES

PISO	01 - PISO INDUSTRIAL DE CONCRETO - COR: BRANCO
	02 – PORCELANATO URBANLAND NUDE ACETINADO 60x60cm – JUNTA 5mm – FAB.: ELIANE
	03 – PISO MADE SAND 1229-133 EXT – COD. 204087 – FAB.: PORTOBELLO
	04 – CARPETE EM PLACAS – LINHA ASTRAL – MODELO VOYAGER – COD. 019 – FAB.: BEAULIEU DO BRASIL
	05 – PISO DECK ECOWOOD CANELA 10X50 EXT RET – FAB.: PORTOBELLO
	06 – PISO EPOXI PARA QUADRAS ESPORTIVAS – COR: BEGE – FAB.: FISOEPOX
	07 – PISO INTERTRAVADO PAVI TIJOLO 10X20cm – COR: NATURAL – FAB.: TECPAVI
	08 – PISO INTERTRAVADO PAVI TIJOLO 10X20cm – COR: TERRACOTA – FAB.: TECPAVI
	09 – PISOGRAMA PAVI GRADE RETANGULAR – FAB.: TECPAVI
	10 – PISO ELEVADO COM PLACAS DE CONCRETO PRÉ-MOLDADO 80X80cm – FAB.: CONCREFIT
PAREDE	01 – CONCRETO APARENTE
	02 – REVESTIMENTO CERÂMICO DURANTE BRANCO BRILHANTE RETIFICADO 32,5x57cm – JUNTA 2mm – FAB.: ELIANE
	03 – PINTURA ACRÍLICA, COR: BRANCO NEVE – FAB.: CORAL OU EQUIVALENTE
	04 – TEXTURA ACRÍLICA, COR.: BRANCO GELO – FAB.: CORAL OU EQUIVALENTE
TETO	01 – CONCRETO APARENTE
	02 – FORRO DE GESSO COM PINTURA ACRÍLICA, COR.: BRANCO NEVE – FAB.: CORAL OU EQUIVALENTE

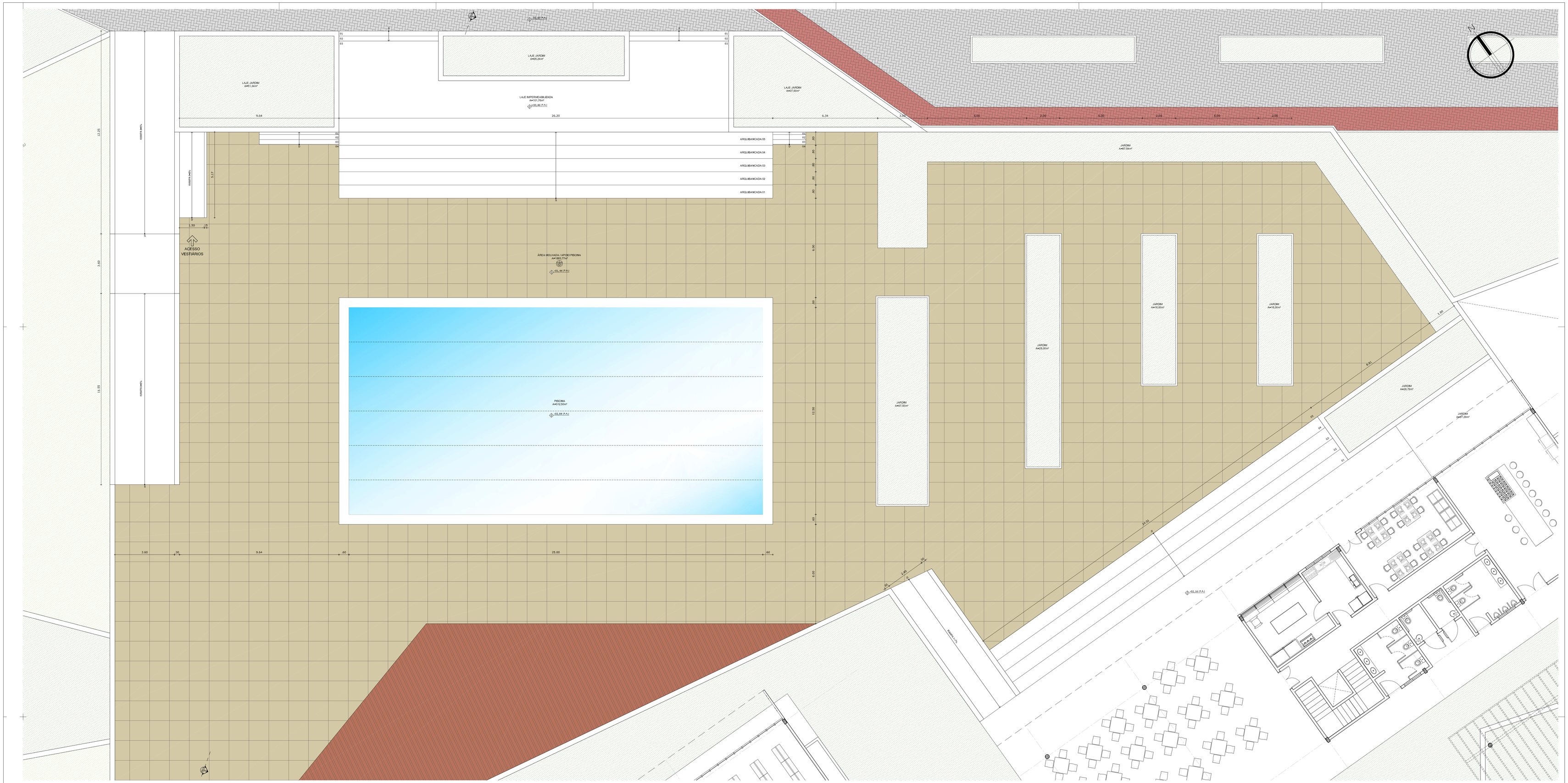


UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

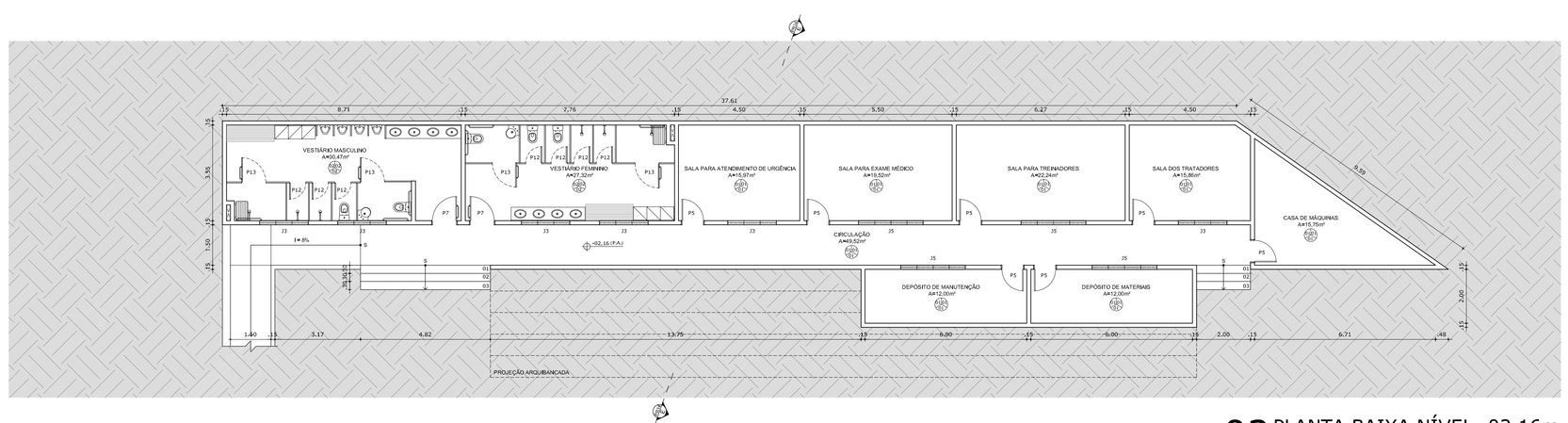
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1
PROJETO DE ARQUITETURA
CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER LOCAL: OEIRAS - PIAUÍ

ALUNO: VICENTE DE PAULA MENDES FREITAS FILHO
PROF. ORIENTADOR: ROMEU DUARTE

CÓDIGO DA PRANCHA:
008-ARQ-AP-SOMA-PLANTA BAIXA-BL03-BL04



01 PLANTA BAIXA ÁREA PISCINA
ESCALA 1/100



02 PLANTA BAIXA NÍVEL -02,16m
ESCALA 1/100

QUADRO DE ESQUADRIAS

CÓDIGO	ESPECIFICAÇÃO	DIMENSÃO ESQUADRIA			DIMENSÃO ABERTURA		QUANT.
		ALTURA	LARGURA	PEITORIL	ALTURA	LARGURA	
P1	PORTA CAMARÃO DE VIDRO TEMPERADO	2,40m	1,20m	--	2,44m	1,25m	01
P2	PORTA DE ENROLAR EM AÇO COM PINTURA EM ESMALTE SINTÉTICO - COR: VERDE	2,30m	4,30m	--	2,15m	2,30m	01
P3	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINAS, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,60m	--	2,35m	0,69m	00
P4	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINAS, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,70m	--	2,35m	0,79m	00
P5	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINAS, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,80m	--	2,35m	0,85m	00
P6	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, TIPO PAINAS, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	0,90m	--	2,35m	0,99m	00
P7	PORTA DE ABRIR P & R, 1 FOLHA, TIPO PAINAS, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	3,30m	0,90m	--	2,35m	0,99m	00
P8	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAINAS, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	1,20m	--	2,35m	1,25m	00
P9	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAINAS, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	1,60m	--	2,35m	1,65m	00
P10	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, TIPO PAINAS, EM MADEIRA REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO - COR: A DEFINIR	2,30m	2,00m	--	2,35m	2,05m	00
P11	PORTA DE ABRIR, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	2,70m	3,00m	--	3,05m	2,75m	00
P12	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO NATURAL	1,80m	0,60m	--	--	0,66m	00
P13	PORTA DE ABRIR, 1 FOLHA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO NATURAL	1,80m	0,90m	--	--	0,96m	00
J1	JANELA DE CORRER, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	1,10m	1,20m	1,00m	1,15m	1,25m	00
J2	JANELA MAXIM-AR, 3 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	0,60m	1,80m	0,55m	0,65m	00
J3	JANELA MAXIM-AR, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	1,20m	1,80m	0,55m	1,25m	00
J4	JANELA MAXIM-AR, 3 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	1,80m	1,80m	0,55m	1,85m	00
J5	JANELA MAXIM-AR, 4 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	2,40m	1,80m	0,55m	2,45m	00
J6	JANELA MAXIM-AR, 5 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	6,00m	1,80m	0,55m	6,05m	00
J7	VIDRO TEMPERADO FIXO REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	2,40m	0,60m	--	2,40m	0,60m	00
J8	VIDRO TEMPERADO FIXO/MAXIM-AR REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	2,40m	0,60m	--	2,40m	0,60m	00
J9	VIDRO TEMPERADO FIXO REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	3,50m	0,60m	--	3,50m	0,60m	00
J10	VIDRO TEMPERADO FIXO/MAXIM-AR REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	3,50m	0,60m	--	3,50m	0,60m	00
J11	VIDRO TEMPERADO FIXO REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	4,50m	0,60m	--	4,50m	0,60m	00
J12	VIDRO TEMPERADO FIXO/MAXIM-AR REFLETIVO - COR: VERDE - COM FERRAGENS EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE	4,50m	0,60m	--	4,50m	0,60m	00
J13	JANELA FIXA, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO INCOLOR	2,80m	3,30m	--	2,85m	3,35m	00
J14	JANELA MAXIM-AR, 5 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	0,50m	2,40m	1,80m	0,55m	2,45m	00
J15	JANELA DE CORRER, 2 FOLHAS, EM ALUMÍNIO ANODIZADO BRONZE E VIDRO REFLETIVO VERDE	1,10m	2,80m	1,00m	1,15m	2,85m	00
GA	GRADIL DE ABRIR, 2 FOLHAS, EM AÇO COM PINTURA EM ESMALTE SINTÉTICO - COR: VERDE	1,10m	0,60m	--	1,10m	0,65m	00
EV	ELEMENTO VAZADO DE CIMENTO - COR: NATURAL - REF.: AD16 - FAB.: FACTAL	0,39m	0,39m	--	0,40m	0,40m	00

AMBIENTE	ÁREA
Área Piscina	
Piscina	312,50m²
Área Molhada	1883,77m²
Laje Impermeabiliz.	101,76m²
Laje Jardim	360,20m²
Circulação	49,52m²
Sala Atend. de Urgência	15,97m²
Sala para Exame Médico	19,52m²
Sala Treinadores	22,24m²
Sala Tratadores	15,86m²
Vestiário Feminino	27,32m²
Vestiário Masculino	30,47m²
Depósito de Manutenção	12,00m²
Depósito de Materiais	12,00m²
Casa de Máquinas	15,75m²

TOTAL: 2878,88m²

QUADRO DE ESPECIFICAÇÕES

PISO	01	PISO INDUSTRIAL DE CONCRETO - COR: BRANCO
	02	PORCELANATO URBANLAND NUDE ACETINADO 60x60cm - JUNTA 5mm - FAB.: ELIANE
	03	PISO MADE SAND 120X120 EXT - COD. 204MET - FAB.: PORTOBELLO
	04	CARPETE EM PLACAS - LINHA ASTRAL - MODELO VOYAGER - COD. 035 - FAB.: BEAULIEU DO BRASIL
	05	PISO DECK ECOWOOD CANELA 10X90 EXT RET - FAB.: PORTOBELLO
	06	PISO EPOXI PARA QUADRAS ESPORTIVAS - COR: BEGE - FAB.: PISOEPOX
	07	PISO INTERTRAVADO PAVI TIJOLO 10X20cm - COR: NATURAL - FAB.: TECPAVI
	08	PISO INTERTRAVADO PAVI TIJOLO 10X20cm - COR: TERRACOTA - FAB.: TECPAVI
	09	PISOGRAMA PAVI GRADE RETANGULAR – FAB.: TECPAVI
	10	PISO ELEVADO COM PLACAS DE CONCRETO PRÉ-MOLDADO 90X90cm – FAB.: CONCRETT
PAREDE	01	CONCRETO APARENTE
	02	REVESTIMENTO CERÂMICO ESMALTE BRANCO BRILHANTE RETIFICADO 32,5x57cm + JUNTA 2mm - FAB.: ELIANE
	03	PINTURA ACRÍLICA, COR: BRANCO NEVE - FAB.: CORAL OU EQUIVALENTE
	04	TEXTURA ACRÍLICA, COR.: BRANCO GELO - FAB.: CORAL OU EQUIVALENTE
TETO	01	CONCRETO APARENTE
	02	FORRO DE GESSO COM PINTURA ACRÍLICA, COR.: BRANCO NEVE - FAB.: CORAL OU EQUIVALENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1
PROJETO DE ARQUITETURA
CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER LOCAL: OEIRAS - PIAUÍ

ALUNO: VICENTE DE PAULA MENDES FREITAS FILHO
PROF. ORIENTADOR: ROMEU DUARTE

CÓDIGO DA PRANCHA:
009-ARQ-AP-SOMA-PLANTA BAIXA-AREA PISCINA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1

CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER

PROJETO DE ARQUITETURA

ALUNO: VICENTE DE PAULA ARENDES FREITAS FILHO

PROF.: ORIENTADOR: ROMEU DUARTE

LOCAL: CEBRAS - PAULI

010-ARQ-AR-SOMA-PLANTA BAIXA-PRAÇA

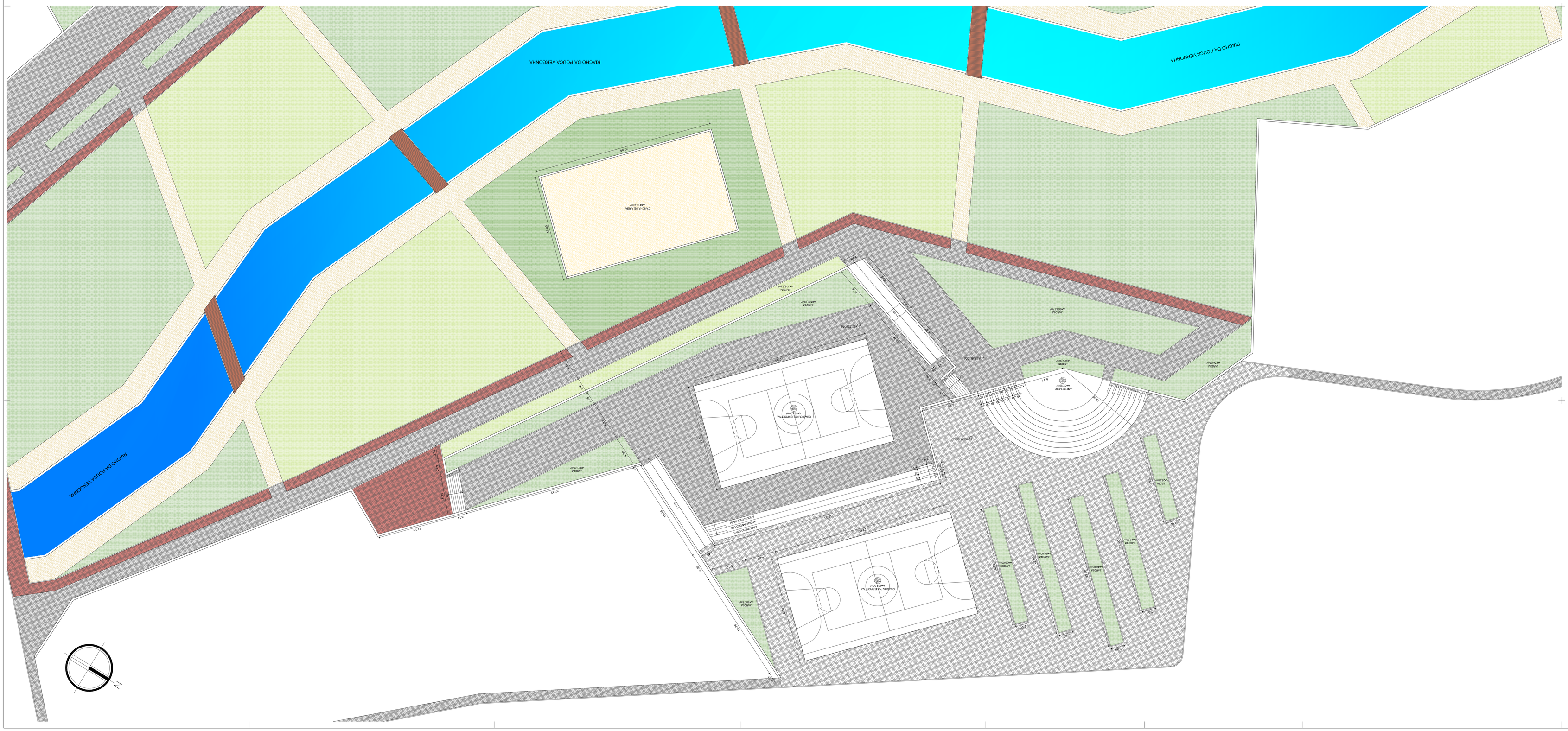
CÓDIGO DA PRANCHA

Serviço Operador de Multiatividades

SOMA

01 PLANTA BAIXA PRAÇA

ESCALA 1/200


RIACHO DA POUCA VERGONHA
RIACHO DA POUCA VERGONHA
CAMPO DE AREIA
444,72m²
QUADRA POLIESPORTIVA
2442,23m²
QUADRA POLIESPORTIVA
2442,23m²
ANFITEATRO
2442,23m²
JARDIM
1426,83m²
JARDIM
1441,23m²
JARDIM
1441,23m²
JARDIM
1426,83m²
JARDIM
1441,23m²
JARDIM
1441,23m²
JARDIM
1441,23

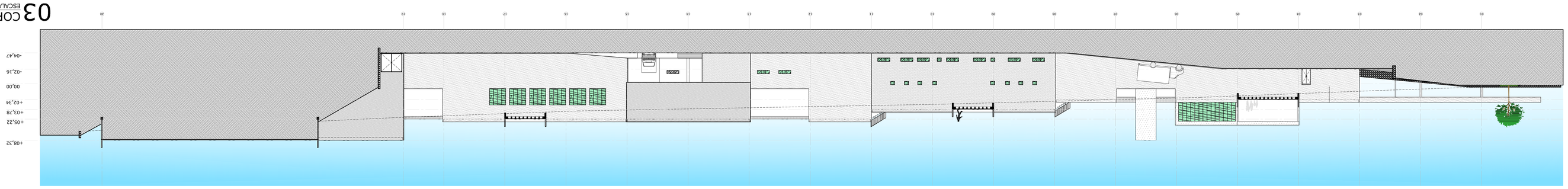
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1
PROJETO DE ARQUITETURA
CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER
LOCAL: OEIRAS - PIAUÍ

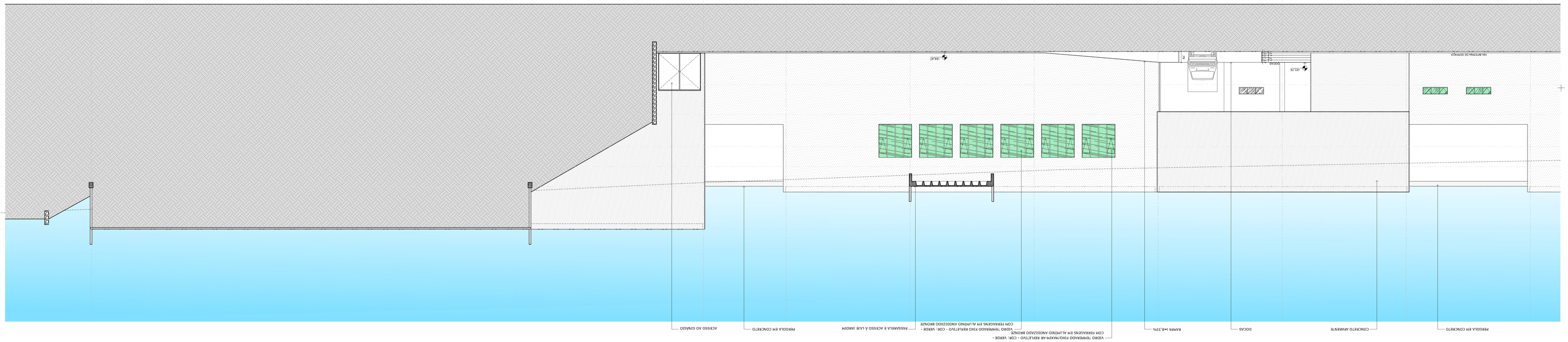
ALUNO: VICENTE DE PAULA MENDES FREITAS FILHO
PROF.: ORIENTADOR: ROMEU DUARTE

SOMA
Serviço Cliente de Multinacionais
CONSULTA PARCIAL
011-ARQ-AP-SOMA-CORTE AA

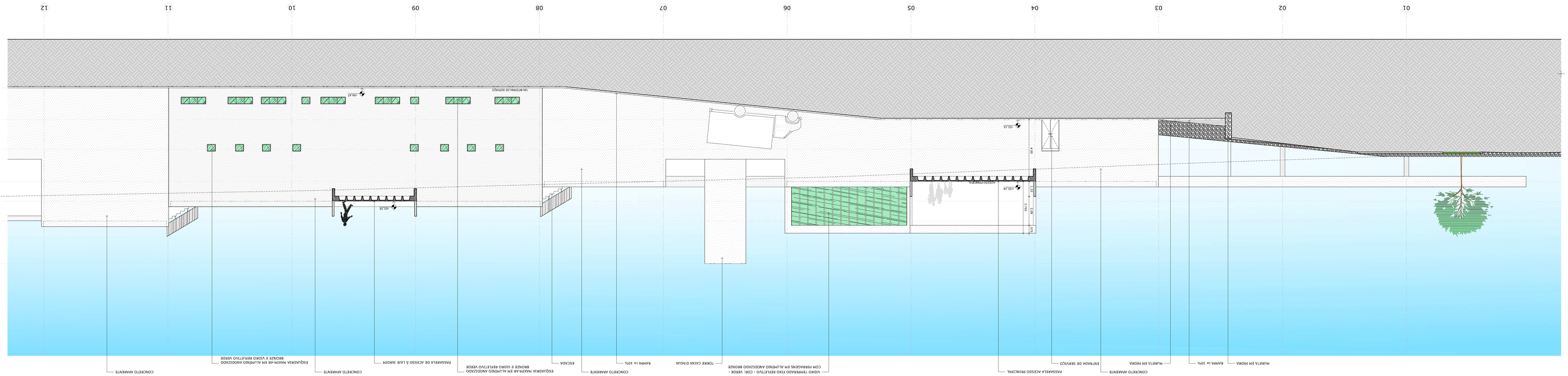
03 CORTE AA - GERAL
ESCALA 1/250



02 CORTE AA - SECÇÃO 02
ESCALA 1/100



01 CORTE AA - SECÇÃO 01
ESCALA 1/100



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1

PROJETO DE ARQUITETURA

CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER — LOCAL: DEBAIXO - PAULI

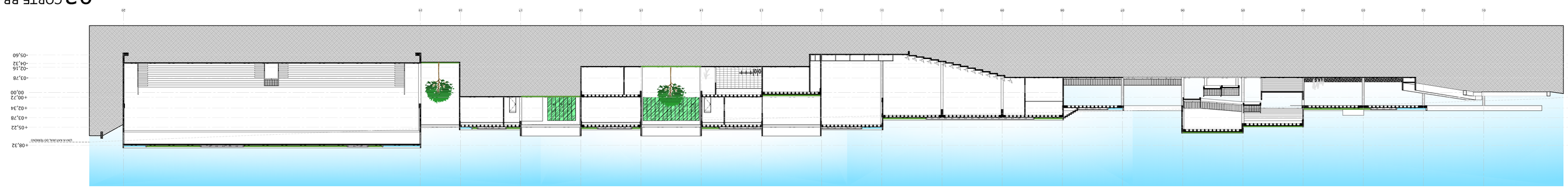
ALUNO: VICENTE DE PAULA MENDES FREITAS FILHO

PROF.: ORIENTADOR: ROMEU DUARTE

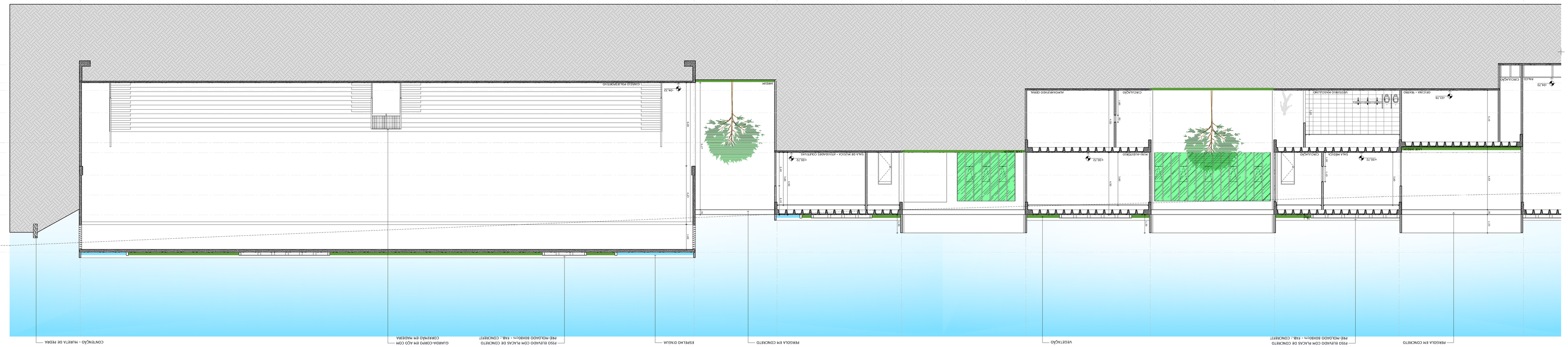
SOMA — Serviço Ciderise de Multidisciplinaridades

CÓDIGO DA PRANCHA: 012-ARQ-AP-SOMA-CORTE BB

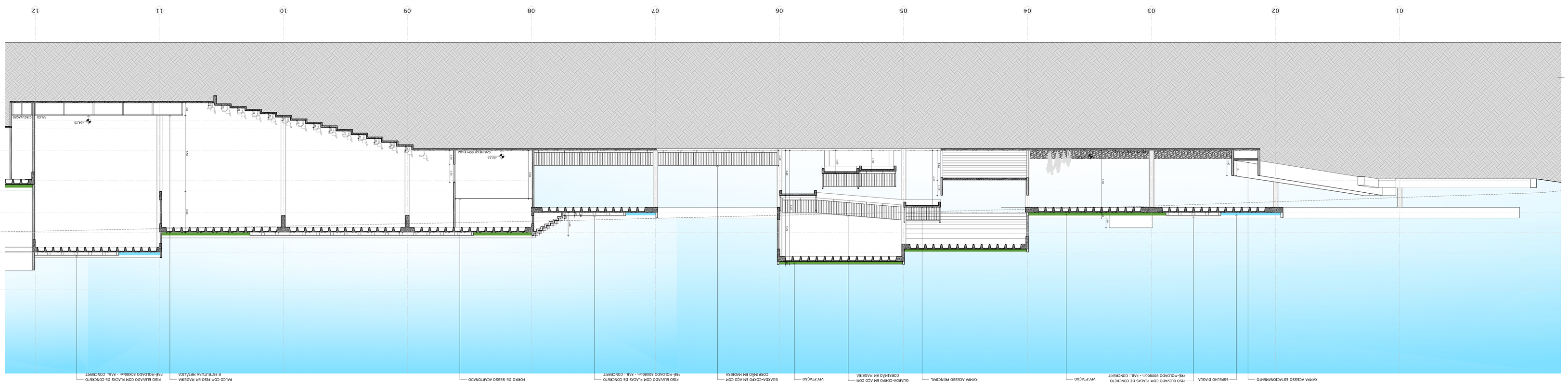
03 CORTE BB- GERAL
ESCALA 1/250



02 CORTE BB - SECÇÃO 02
ESCALA 1/100



01 CORTE BB - SECÇÃO 01
ESCALA 1/100



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1

CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER — LOCAL: OEIRAS - PIAUÍ

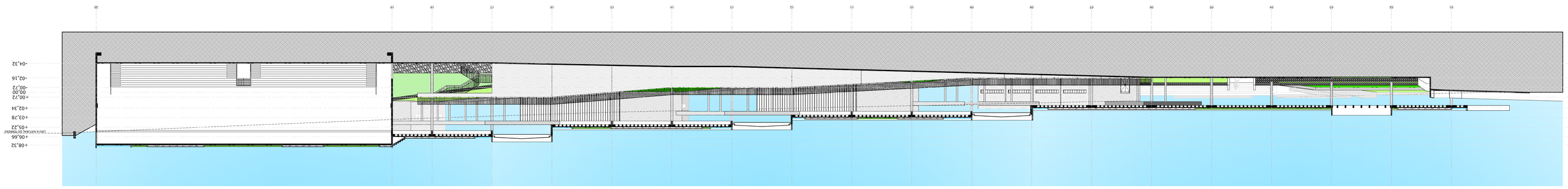
PROJETO DE ARQUITETURA

ALUNO: VICENTE DE PAULA MENDES FREITAS FILHO

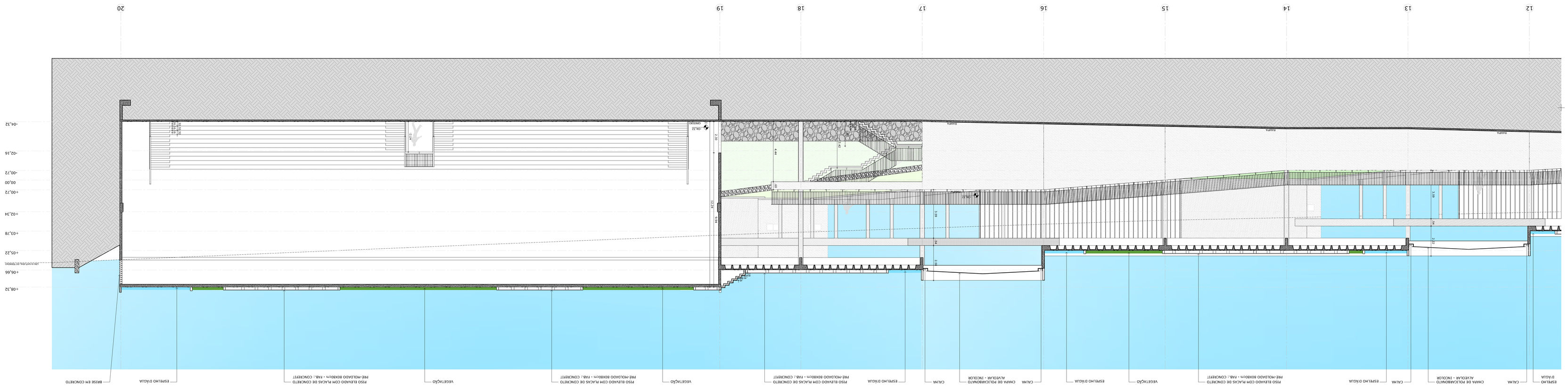
PROF.: ORIENTADOR: ROMEU DUARTE

SOMA
Serviço Cliente de Multinacionais
CONSULTA PARCIAL
013-443-AF-SOMA-CONTE CC

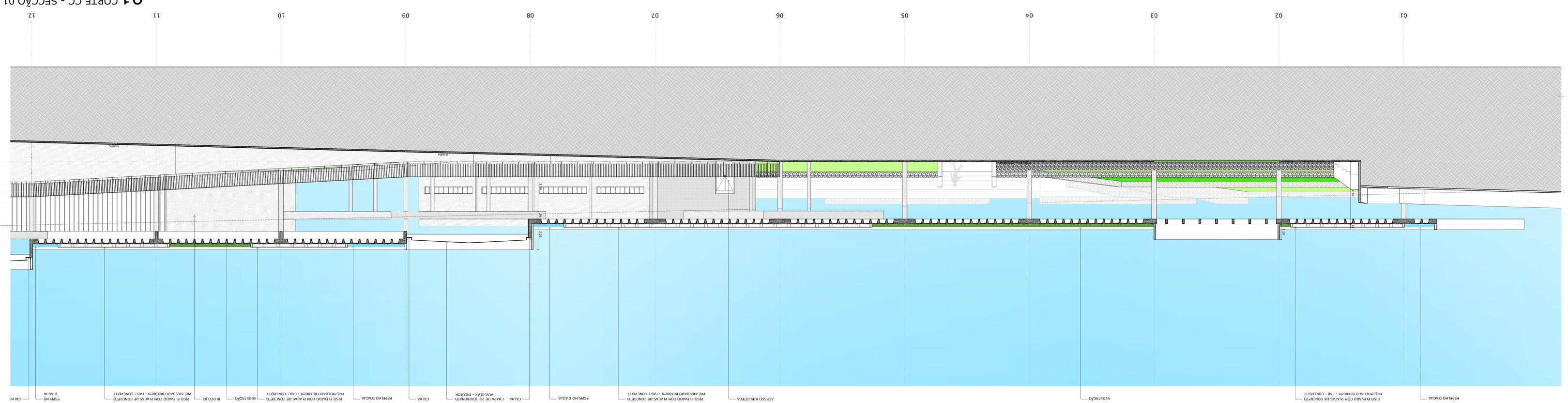
03 CORTE CC- GERAL
ESCALA 1/250



02 CORTE CC - SECÇÃO 02
ESCALA 1/100



01 CORTE CC - SECÇÃO 01
ESCALA 1/100



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1

CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER — LOCAL: OEIRAS - PIAUÍ

PROJETO DE ARQUITETURA

ALUNO: VICENTE DE PAULA MENDES FREITAS FILHO

PROF.: ORIENTADOR: ROMEU DUARTE

014-ARQ-AP-SOMA-CORTE DD-EE-FF

ESCALA 1/100

Serviço Cearense de Multiatividades

03 CORTE FF
ESCALA 1/100

DOCA - RESTAURANTE

ORQUIDÁRIO CULTIVO

SALA DE EXPOSIÇÃO

VESTIÁRIO

02 CORTE EE
ESCALA 1/100

VESTIÁRIO

ARQUIBANCADAS

GINÁSIO

GINÁSIO

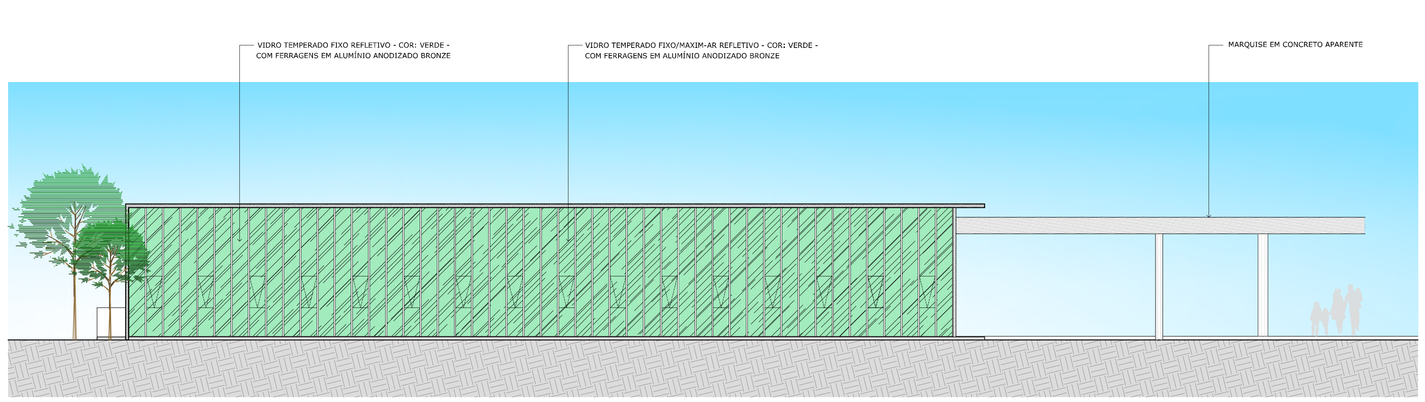
01 CORTE DD
ESCALA 1/100

VIA DE SERVIÇO

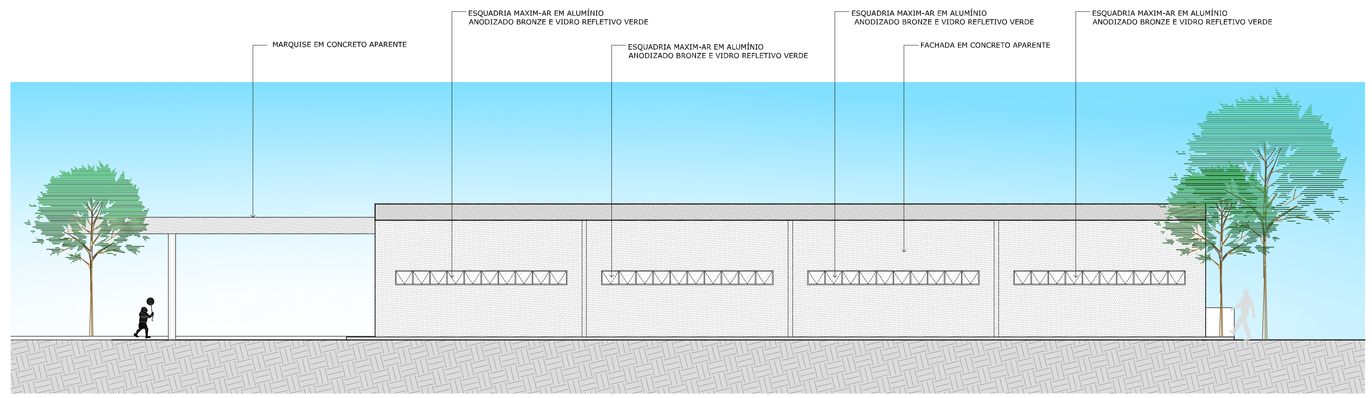
ACESSO PRINCIPAL

ÁREA DE CONVIVÊNCIA

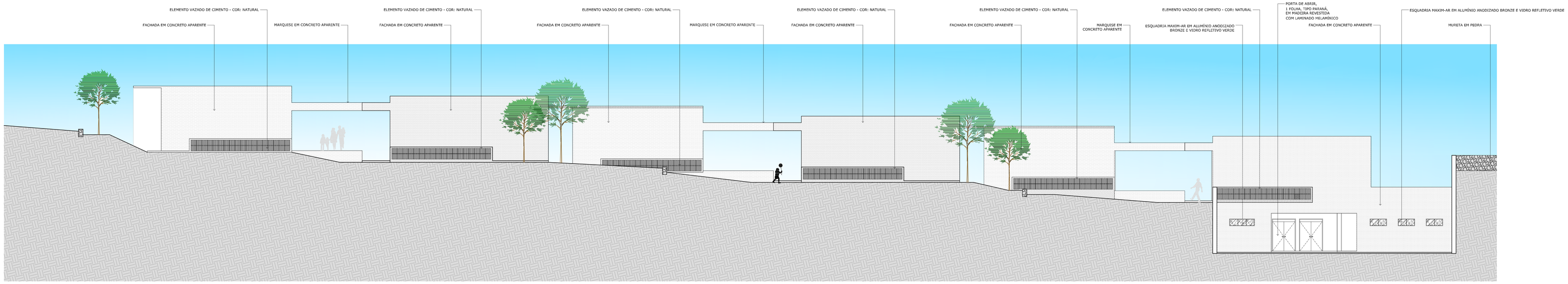
soma



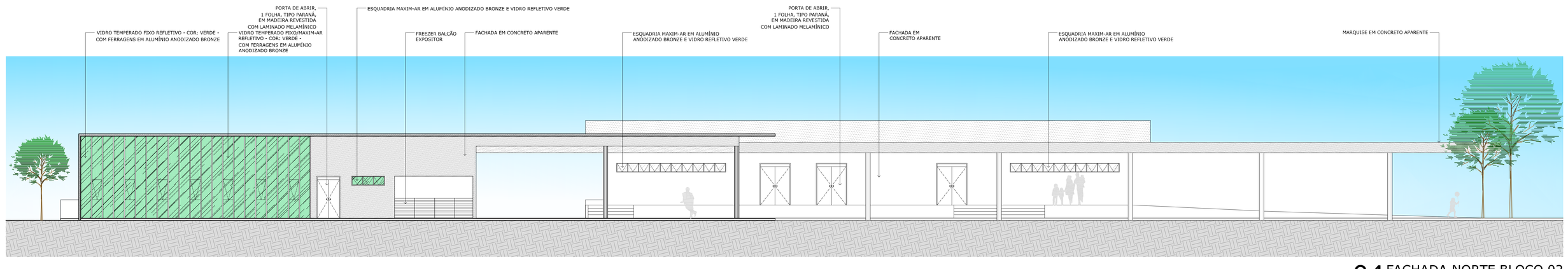
01 FACHADA NORTE BLOCO 01
ESCALA 1/100



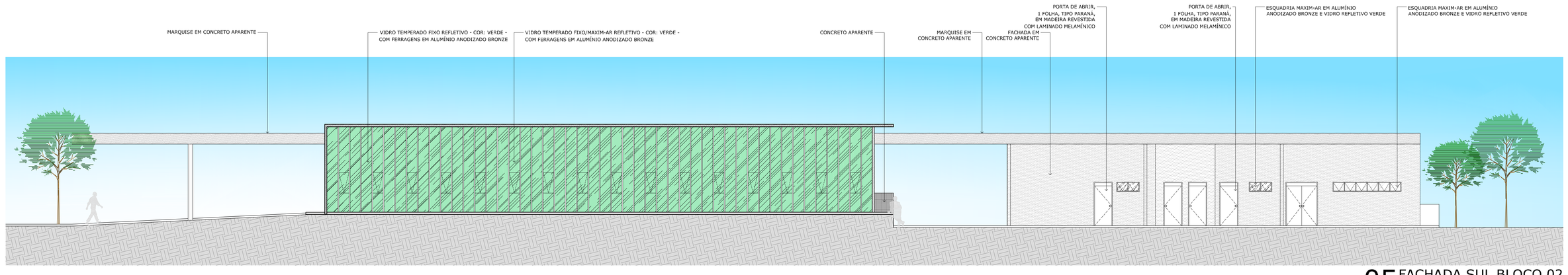
02 FACHADA SUL BLOCO 01
ESCALA 1/100



03 FACHADA LESTE GERAL
ESCALA 1/100



04 FACHADA NORTE BLOCO 02
ESCALA 1/100



05 FACHADA SUL BLOCO 02
ESCALA 1/100

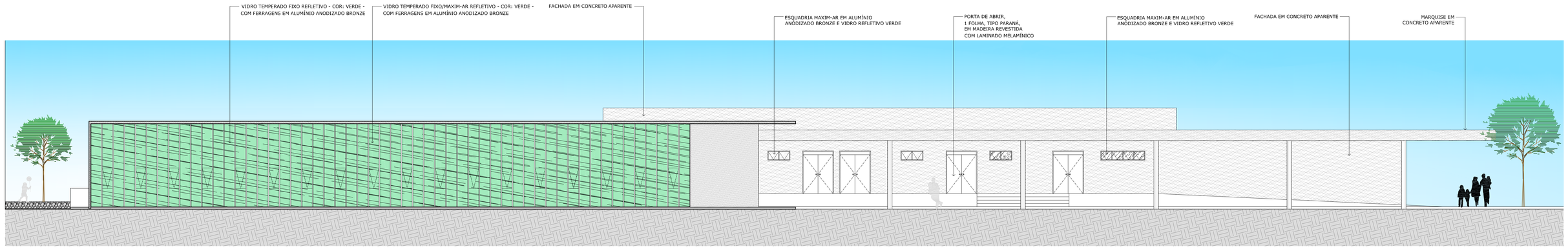
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1
PROJETO DE ARQUITETURA
CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER LOCAL: OEIRAS - PIAUÍ

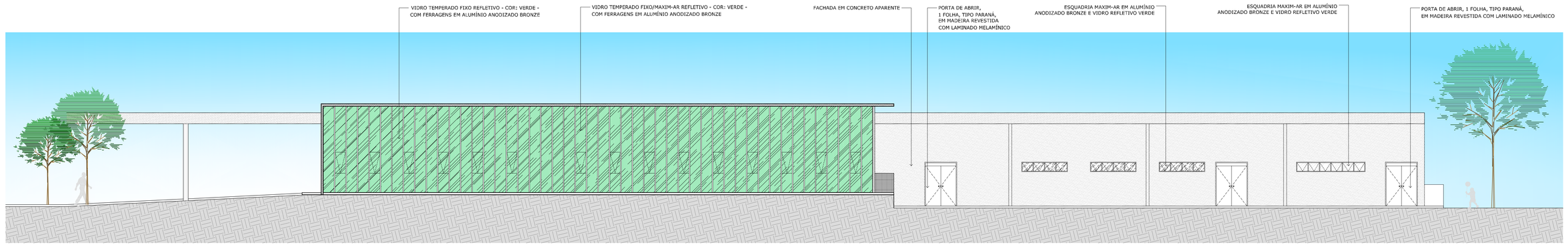
ALUNO: VICENTE DE PAULA MENDES FREITAS FILHO
PROF. ORIENTADOR: ROMEU DUARTE

soma
Serviço Oeirense de Multiatividades

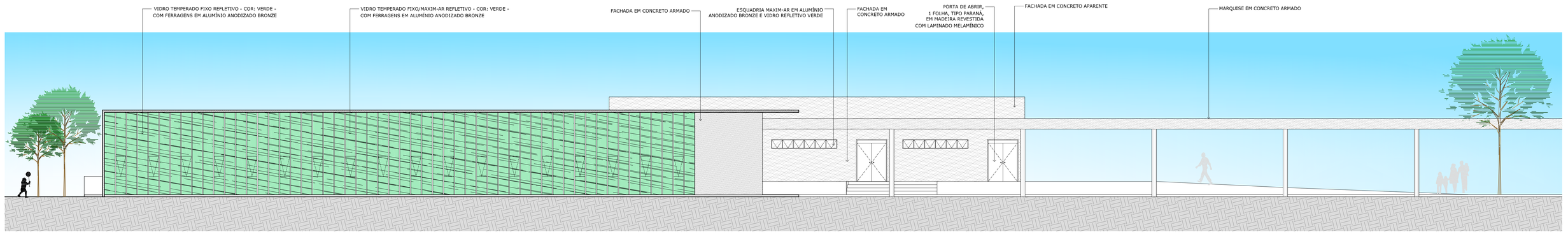
CÓDIGO DA PRANCHA:
015-ARQ-AP-SOMA-FACHADAS BL.01-BL.02



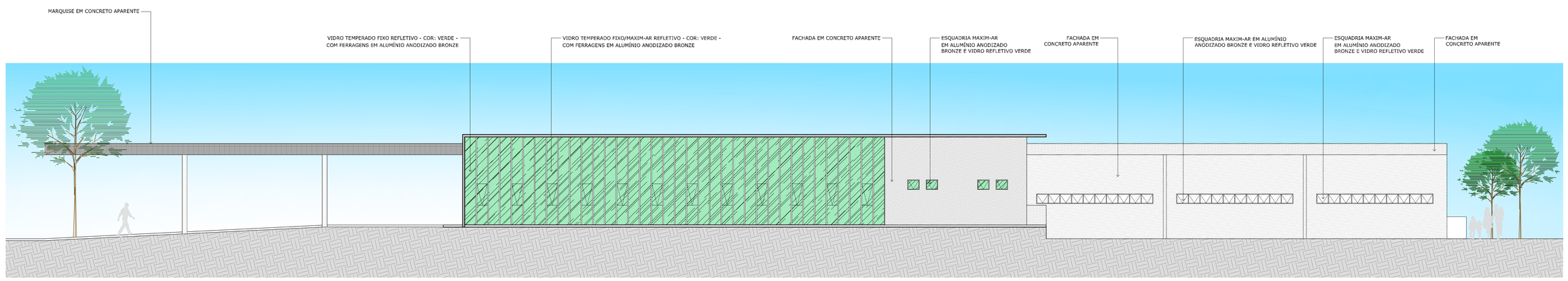
01 FACHADA NORTE BLOCO 03
ESCALA 1/100



02 FACHADA SUL BLOCO 03
ESCALA 1/100



03 FACHADA NORTE BLOCO 04
ESCALA 1/100



04 FACHADA SUL BLOCO 04
ESCALA 1/100

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2012.1
PROJETO DE ARQUITETURA
CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER LOCAL: OEIRAS - PIAUÍ

ALUNO: VICENTE DE PAULA MENDES FREITAS FILHO
PROF. ORIENTADOR: ROMEU DUARTE

soma
Serviço Oeirense de Multiatividades

CÓDIGO DA PRANCHA:
016-ARQ-AP-SOMA-FACHADAS BL.03-BL.04